MARINA HALPERN-CHALOM

**CONTAR HISTÓRIAS E EXPRESSAR-SE:
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E PLANTÃO PSICOLÓGICO
ABRINDO POSSIBILIDADES PARA A CLÍNICA**

Universidade de São Paulo
São Paulo,
2001

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CONTAR HISTÓRIAS E EXPRESSAR-SE:
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E PLANTÃO PSICOLÓGICO
ABRINDO POSSIBILIDADES PARA A CLÍNICA

Candidata: MARINA HALPERN-CHALOM

Orientadora: Doutora Henriette Tognetti Penha Morato

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia – área de concentração PSICOLOGIA ESCOLAR.

São Paulo

2001

Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP

Halpern-Chalom, M.

Contar histórias e expressar-se: aprendizagem significativa e plantão psicológico abrindo possibilidades para a clínica / Marina Halpern Chalom. – São Paulo, s.n., 2001. – 178p.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.

Orientadora: Henriette Tognetti Penha Morato.

1. Narração de estórias 2. Aprendizagem 3. Criatividade 4. Atendimento psicológico 5. Psicologia fenomenológica 6. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 I. Título.

CONTAR HISTÓRIAS E EXPRESSAR-SE:
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E PLANTÃO PSICOLÓGICO
ABRINDO POSSIBILIDADES PARA A CLÍNICA

Candidata: MARINA HALPERN-CHALOM

Orientadora: Doutora Henriette Tognetti Penha Morato

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia – área de concentração PSICOLOGIA ESCOLAR.

COMISSÃO JULGADORA :

Dedico este trabalho a todos aqueles que,
com sua existência, presente, ou não,
legado, pensamento, troca ou afeto,
inspiram-me em minha jornada pela vida.

AGRADECIMENTOS

A **Henriette Tognetti Penha Morato**, minha orientadora, por acreditar e fazer-me acreditar que era possível. Confiando e estando presente, por exigir e oferecer-se como referência, propiciou um campo fértil para o desenvolvimento de meu processo criativo. Exploradora das minas do ser. Obrigada.

A **Laura Villares de Freitas**, pela troca tão enriquecedora, ao longo deste tempo. Por acreditar na vida e nos relacionamentos e compartilhar isto em cada palavra e gesto. Agradeço, também, por acompanhar o trabalho no tocante à abordagem junguiana.

A **Regina Machado**, pela inspiração constante e estimulante de seu trabalho, de suas idéias, de seu ser. Pela capacidade de apresentar de forma simples assuntos tão complexos!

A **Carlos Byington**, por valorizar e estimular minha criatividade, e por dividir sua compreensão de mundo, que muito me fascina e ensina.

A **Andy Rubinstein**, pela participação especial neste trabalho. Contadora de histórias. A desta pesquisa, e tantas outras... Muito obrigada.

A **Carol Bacchi**, pela participação como plantonista e, por ser companheira nas horas difíceis, bem como fonte de inspiração e coragem em muitos momentos. Agradeço de coração.

A **Lúcia Barbanti**, pela participação como plantonista e pela presença, apoio e trocas nesse caminho, da semente à colheita. Obrigada por ajudar a regá-la.

A **Vera Ostronoff, Camila Munhoz e André Meller**, que também contribuíram como plantonistas, personagens indispensáveis nesta trama. Obrigada pela disponibilidade.

A **Leana Naiman e Keila Pavani**, pelo carinho e leitura do trabalho, cuidadosa e amiga, quando eu muito precisava compartilhá-lo.

A **Maurício Goldstein**, pelas frutíferas discussões e contribuição construtiva e sensível.

A **Luli, Aninha, Ciça, Simone, Gê, Sá, Adri e Vico, Adri e Luis**, pelas conversas estimulantes e apoio de diversas formas e em diferentes momentos do trabalho.

Aos **colegas do grupo de orientação** da Henriette, por ajudarem a clarear os meus pensamentos, em momentos aonde eles não tinham forma, somente cor.

A **Neide Neves, Ana Michaela e colegas do Rio Aberto** pela possibilidade de aprender e trocar, dançando.

Aos **colegas do grupo de estudos e supervisão** de Carlos Byington, pela acolhida.

A **Claudia Lafer**, pela dedicação e acompanhamento deste processo e de tantos outros.

A **Áurea Pascallichio** pelo carinho e pelas palavras certas, que abriram tantas possibilidades, em diversos momentos.

Aos **clientes** que se dispuseram a contribuir com esta pesquisa, compartilhando de si. Muito obrigada. A estes e a todos os outros, que tanto têm me ensinado.

A **equipe do Serviço de Aconselhamento Psicológico**, por permitir que eu utilizasse sua estrutura para a realização desta.

Aos **docentes e funcionários do IPUSP**, que de diferentes formas tornaram esta realização possível.

Ao **César**, meu marido, companheiro de tantas jornadas. Nesta, pela paciência e ajuda, força e incentivo constantes. Pelo carinho, atenção e amor. Obrigada.

A **Ivete e Silvio**, meus pais, pela constante valorização e estímulo à minha formação. Pelo amor, apoio e disponibilidade. Por estarem sempre lá, de braços abertos! Com afeto, agradeço.

A **Lica e Gabi**, minhas irmãs, pelo carinho, hoje e sempre, e pelos auxílios quando precisei.

A **Blandina e Augusta**, minhas avós, pela presença e cuidado.

In memoriam de **Marcos e Leon**, meus avós, cuja participação e auxílio são eternos.

A **CAPES** pelo auxílio financeiro, tão importante para a realização deste trabalho.

*“Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: lata
Pode estar querendo dizer
O incontível.*

*Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: meta
Pode estar querendo dizer
O inatingível.*

*Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudo e nada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível.*

*Deixe a lata do poeta, não discuta
Deixe sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora
Lata absoluta
Deixe-a simplesmente
Metáfora”*

Gilberto Gil, “Metáfora”.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

PARTE I - APRESENTAÇÃO

1. CHEGANDO	1
1.1. Era uma vez um agricultor	3

PARTE II – DELIMITANDO O TERRENO

1. EM UM TEMPO, EM UM LUGAR	8
1.1. Uma semente: o homem moderno	11
1. 2. <i>Húmus</i> : olhar fenomenológico	17
1. 3. Vendavais: desorientação e busca por ajuda	21
1. 4. Sol e chuvas: mitologia e contos tradicionais	24
2. APRESENTAÇÃO DO TERRENO	
2.1. Um campo: a Clínica Psicológica e o psicólogo	27
2.1.1. Trabalhando a terra: o Plantão Psicológico e o plantonista	31
2.2. Cultivar: o processo, em processo	35
2.3. Outro campo: a arte e o artista	38
2.3.1. Outro modo de trabalhar a terra: os contos tradicionais e o contador de histórias	39
2.3.2. Um fruto doce: efeitos curativos de contos tradicionais	43
3. UMA POSSIBILIDADE DE SEMEAR A TERRA: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	

3.1. Uma filosofia de cultivo: aprendizagem significativa, efeito transformador	45
3.2. Uma técnica de cultivo: formação em ação de contadores de histórias	48
 PARTE III – CULTIVANDO O CAMPO: AÇÃO E INVESTIGAÇÃO	
1. EXPERIMENTANDO OUTROS CULTIVOS : A QUESTÃO	53
2. FERRAMENTAS NECESSÁRIAS	55
2.1. Uma forma de irrigação: a história escolhida	55
2.2. Características desta irrigação: reflexões sobre a história	67
3. ANALISANDO OS CULTIVOS	
3.1. Coleta de material para análise: depoimentos, transcrição e textualização	74
3.2. Buscando técnicas de análise: a caminho de uma metodologia	78
3.3. A técnica escolhida: a metodologia utilizada	81
3.4. Analisando os cultivos: uma compreensão interativa	85
3.4.1. Dália	87
3.4.2. Rosa	99
3.4.3. Violeta	112
3.4.4. Hortêncina	129
 PARTE IV – COLHENDO: ALGUMAS POSSIBILIDADES	
1. O NOVO CULTIVO: OUTRAS FLORES E FRUTOS	145
2. O AGRICULTOR E OS FRUTOS: EXPRESSÕES E EXPRESSAR-SE	168
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174

HALPERN-CHALOM, M. *Contar histórias e expressar-se: aprendizagem significativa e plantão psicológico abrindo possibilidades para a clínica*. São Paulo, 2001, 178 pp. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

RESUMO

O presente trabalho tem como questão o tipo de ajuda que o psicólogo pode oferecer, balizado na busca de compreensão do sentido desta prática profissional.

Discute, a partir das abordagens Fenomenológica e Junguiana, a realidade do homem moderno e a importância de um olhar que o inclua enquanto sujeito participativo de seu processo de aprendizagem.

Investiga a experiência de clientes, no Serviço de Plantão Psicológico do IPUSP, diante de uma sessão narrativa de um conto tradicional e/ou uma sessão de atendimento psicológico em Plantão Psicológico.

Tomando a experiência como matéria prima da intervenção clínica e pesquisa psicológicas, apresenta-a por duas vertentes: busca compreender o trajeto dos clientes, a partir de depoimentos sobre o vivido nos eventos propostos; e o trajeto da pesquisadora, a partir do processo de elaboração da análise deste material.

A pesquisadora valeu-se de recursos gráficos enquanto metodologia de análise para a compreensão da experiência dos depoentes. Tal iniciativa, bem como a narração de histórias no contexto do trabalho psicológico, promoveu reflexões sobre a possibilidade de explorar a experiência, através de recursos diversos, a fim de facilitar a sua elaboração.

Neste sentido, este trabalho pode abrir horizontes para ações singulares e criativas, através da experiência, propondo um tipo de aprendizagem e prática que seja significativa. Neste fluxo, permite pensar algumas abrangências da clínica, formação e pesquisa em psicologia.

HALPERN-CHALOM, M. *Story telling and self expression: significative learning and Psychological Walk-in Service as possibilities to Clinic*. São Paulo, 2001, 178 pp. Dissertation (Master of Science Degree), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

The present study inquires about the kind of support that psychologists can offer by searching comprehension of this professional practice meaning.

The paper discusses, within the perspective of Phenomenology and Junguian approaches, the modern human being reality and the importance of a perspective that includes him as a participative subject in his own learning process.

It reflects the meaning of the psychologist's role, considering the possibility of using cultural and artistic resources. It investigates the experience with traditional tales narrative and/or a psychological appointment, by clients that seek psychological assistance at the Psychological Walk-in Service of the Psychology Institute of the University of Sao Paulo.

Starting from the comprehension that experience is the raw material for psychological clinic intervention and research, it is presented in two directions: the clients and the searcher's pathways. It is based on the clients' testimony about what they experienced in the proposed events and in the searcher's investigative process.

The searcher utilizes graphic resources in her methodology for analysis and comprehension of the deponents' experience. Such initiative, as well as the story telling used in the psychological context, leaded to reflections upon the possibility of dealing with different resources, as a mean to facilitate the experience elaboration.

It achieves the possibility of singular and creative actions, through experience, proposing a significative learning and practice. In this flowing, it offers the possibility of thinking some contains towards clinics, formation and research in the psychological field.

PARTE I

APRESENTAÇÃO

1 - CHEGANDO

“E foram felizes e infelizes, misturadamente.”

Guimarães Rosa¹, “A vela ao diabo”.

Este trabalho tem como fomentador a reflexão sobre o sentido da prática do psicólogo. Compreende que o resgate e a inclusão das inúmeras potencialidades humanas - presentes nos homens e na cultura - sejam formas de facilitar caminhos e buscas. Enfatizando a possibilidade de usar recursos que os promovam, pretende criar e recriar formas de acesso a si mesmo e aos outros e, conseqüentemente, de contribuir e inovar as possibilidades de prática do psicólogo, incluindo, em seu espectro, o uso de linguagens significativas aos envolvidos.

Inspira-se originalmente em experiências significativas, de explorar e relacionar-se consigo mesmo e com os outros, a partir de vivências pessoais mobilizadoras – como a dança, massagem, caminhadas, contemplações - não especialmente verbais, como as tradicionalmente privilegiadas pelo psicólogo. À primeira vista, reconhece a necessidade de que o fazer

¹ Rosa, G., 1985, p.29.

psicológico possa dialogar com estas outras experiências e incluir a riqueza qualitativa que elas podem provocar.

Esta jornada acaba, portanto, partindo do e revelando o questionamento e busca de sentido para um fazer psicológico.

Percorrendo os terrenos do Plantão Psicológico, de contar histórias, de desenhos e de articulações teóricas, reconhece, finalmente, a ousadia criativa inerente à prática do psicólogo, e se oferece como percurso realizado e, portanto, possível, de resgate desta qualidade, a partir de uma combinação original entre a experiência pessoal e um fazer profissional.

A importância deste tipo de postura é refletida nos âmbitos da formação, da pesquisa e da clínica.

Esbarrei, nesta jornada, em algumas questões que me detiveram por longos tempos: qual é a ajuda que o psicólogo pode oferecer? Qual é o papel do psicólogo nos dias atuais? Que ajuda as pessoas de hoje necessitam? Que ajuda elas vêm buscar?

Buscava responder ao que me pareciam incômodos pessoais diante da situação social na qual vivemos, imaginando poder criar um modelo que fosse capaz de atingir uma população mais ampla do que a que chega às clínicas psicológicas. Imaginava que tal caminho pudesse ser iluminado pelo que eu chamava de recursos expressivos. Elementos que, em minha experiência pessoal, haviam sido altamente mobilizadores e, conseqüentemente, transformadores. Para mim, recursos expressivos eram aqueles que facilitavam a expressão do ser através de formas distintas das do pensamento e razão.

Como condutor desta busca, norteia-me o eixo da transformação e do crescimento, do aumento de responsabilidade e consciência dos indivíduos e da sociedade, visando vivermos num mundo melhor e mais ético.

Andei debaixo de muito sol e chuva, ora desabrigada, ora com a ilusão de que me encontrava sob teto seguro, para que este trabalho pudesse ser começado. Finalmente, consegui iniciar o que pretende ser o “croqui” de um projeto de casa.

Dizendo de outra forma, este trabalho foi e continua sendo, para mim, um rito de iniciação. Um tipo de iniciação oficial na vida acadêmica e uma

iniciação nos meus projetos profissionais. Tem se configurado como um ritual de passagem de ideais infantis e pueris para a realidade de compartilhá-los e compreendê-los em suas possibilidades e impossibilidades. Tarefa essa que venho empreendendo ao longo destes anos - dedicados a esta dissertação - nos quais, repetidas vezes, achei e perdi recortes da realidade a serem explorados. Tarefa essa, também, que empreendi em cada etapa, passo, dificuldade, achado ou ilusão de achado desta dissertação, para finalmente assentar neste tema. Ritual de iniciação na medida em que exigiu inúmeras provas, mas também provocações, enquanto tentativas que culminassem para uma aproximação e tradução de questões que pulsam em minha existência. Segundo Campbell (1990, p.12), os rituais

têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, como processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável.

1.1. Era uma vez um agricultor

*“A vida é a arte do encontro
Embora haja tanto desencontro pela vida.”*

Vinícius de Moraes, “Samba da Benção”, 1967.

Esta dissertação, em todas as suas fases, foi um processo de busca para conectar teoria e prática num trabalho acadêmico. Como todo processo, não acaba, reconfigura-se.

Procurei refletir e conectar algumas experiências que foram significativas em minha trajetória profissional e pessoal, pensando em algo que pudesse ter algum valor para a comunidade. Ao mesmo tempo, questiono o papel da psicologia no mundo atual e pretendo pensar, partindo deste ponto, algo que possa se configurar como uma prática criativa e ampla

a partir do espectro da psicologia. Trabalho intenso e árduo entremeado de momentos áridos e, outros, férteis. Fiquei muito tempo nesse movimento: partir de um ponto enraizado significativamente, conectar com as exigências do trabalho acadêmico e com as minhas, com alguma possibilidade de ação social e, traduzir tudo isto num projeto de pesquisa.

Só consegui começar quando percebi que precisava fazer opções, selecionar, encontrar um foco. Foi o que fiz.

Circunscrevo algumas experiências pessoais que, em função de sua abrangência, acabaram direcionando minhas escolhas profissionais, teóricas e, conseqüentemente, as desta dissertação: o meu envolvimento com trabalhos corporais; vivências que tive em atendimento, supervisões em Plantão Psicológico e o contato com a Fenomenologia; minha análise pessoal e o contato com a teoria junguiana. Acostumada com a forma tradicional de ensino/aprendizagem de aprender e seguir modelos, estas vivências abriram-me para o questionamento dos mesmos e para a possibilidade de recriação de sentidos. Colocaram-me, enquanto instrumento, na construção e aprendizagem sobre mim e sobre o mundo, descortinando possibilidades de ser e de conhecer na conjugação eu/mundo. Percebi que não precisava entender e gravar na memória o que ouvia ou seguir modelos tradicionais no meu aprender e no meu existir. Aprendi uma outra possibilidade de aprender.

O trabalho corporal abriu um canal de percepção e expressão num processo de conquistas e dificuldades que era empreendido a cada aula. Deu-me, concretamente, a dimensão da possibilidade de experimentação e conquista de formas distintas de estar-no-mundo, através do trabalho com o meu corpo. Permitiu um relacionamento mais próximo com minha concretude neste mundo e com as dificuldades de expressão e movimentos que haviam ficado atrofiados pela falta de uso, só para citar um exemplo. Permitiu-me vivenciar um processo que constrói, sem invadir. Um processo que, sem utilizar o pensamento, nem a razão, desestrutura modelos antigos: posturas, modos de andar, de movimentação, a dança própria do corpo; permitindo flexibilização, aumento de possibilidades corporais, aumento de percepção e de movimento.

Nas disciplinas de Aconselhamento Psicológico, experimentei o contato com o inesperado, a cada Plantão e a cada sessão com os clientes, amparada no espaço de supervisão. Comecei a compreender que não existiam receitas, mas possibilidades que só se tornavam reais no momento do encontro.

Em minha análise pessoal, vivenciei desconstruções de modelos que já não me serviam mais, acessei potencialidade desconhecidas, construí e descartei, num processo de expressão e construção de conhecimento.

Procurava compreender a teoria a partir de minhas vivências e as vivências a partir da teoria, num fluxo que, até hoje, é constante em minha vida e trabalho profissional.

Sem compreender o lugar e comunicação entre estas experiências no contexto de minha vida, comecei esta dissertação pretendendo integrá-las em um projeto que as abarcasse, inseridas no contexto da minha questão - sobre a ampliação das possibilidades de prática do psicólogo. Imaginei e descartei várias formas de práticas que tinham esta finalidade. Desde um grupo, no qual proporia trabalhos corporais e acompanharia o processo dos participantes através de relatos a cada encontro, até grupos temáticos, ou seja, grupo de pessoas com sintoma comum que seriam abordados a partir de uma visão simbólica e trabalhados através de recursos diversos que pretendiam facilitar a expressão e desenvolvimento do ser.

Na medida em que eu idealizava as práticas, ia percebendo o que despertava o meu interesse, o que mantinha ao longo das propostas e o que descartava, num processo de tradução, a partir da expressão no mundo, do que era importante para mim. Alguns pontos eu priorizei: trabalhar com recursos não-verbais – era o que eu compreendia como “recursos expressivos”; pensar possibilidades de atuação do psicólogo através destes recursos e suas implicações; pensar a questão da aprendizagem significativa e do “efeito terapêutico”.

Surgiu a idéia de trabalhar a partir de contos tradicionais. Gostei! A princípio não sabia o motivo. Pensei em propor a clientes, que fossem ao Serviço de Aconselhamento Psicológico (S.A.P.), uma sessão de Plantão Psicológico e/ou ouvirem histórias - um conto tradicional narrado por um

contador de histórias - em ordens diversas ou exclusivamente, e eu escutaria esta experiência. Desta forma estaria propondo o contato com práticas distintas diante de um pedido por ajuda psicológica, o que poderia iluminar a minha questão.

Imaginava que o cliente que busca atendimento psicológico teria uma pré-disposição para se rever e, portanto, teria um potencial grande para se transformar a partir destas experiências. Como será que cada uma delas se apresenta aos clientes? Seriam muito diferentes? Desta forma, poderia refletir sobre o efeito transformador - aprendizagem significativa de si mesmo - e sobre as práticas psicológicas, que pretendem auxiliar na transformação enquanto possibilidade de flexibilidade e, não de fixidez. Para acessar esta experiência pediria um depoimento.

Desta forma, fui me aproximando de minha própria busca, mobilização e curiosidade. Ao mesmo tempo, percebi que o recorte era o que dava um eixo para que meu pensamento pudesse fluir. Como disse Machado (1989), referindo-se ao estudo do conto por professores de arte-educação,

(...) é uma referência aglutinadora que interrelaciona a reflexão e a prática criadora do professor, dá um eixo ao seu pensamento e à sua representação, propiciando um movimento em que ora um conceito desencadeia uma forma, ora uma imagem funda e prepara o terreno para uma formulação conceitual (p.165).

Partindo deste recorte e das questões a partir dele suscitadas, pensei: será que através do encontro em Plantão Psicológico é possível ajudar as pessoas a estarem no mundo de uma forma mais livre, responsável e ética? Será que outros tipos de abordagem dos clientes - como a narração de histórias – também podem ser mobilizadoras neste sentido? Serão experiências muito diferentes? Em que diferem estas propostas? Fui chegando a questões mais amplas, norteadoras deste trabalho: o que isto ilumina sobre o papel e trabalho do psicológico? O que é possível pensar, a partir daí, sobre a possibilidade de ampliar a contribuição do psicólogo nos dias atuais?

Ao longo do trabalho, para expressar a forma como esse sentido foi se revelando em ação, a fim de comunicar possibilidades de reflexão e re-significação que se abriram, recorri à metáfora de um agricultor. A partir desta, o processo de articulação entre as descobertas, que foram se desvelando, pode ser acompanhado. Tomo, nesta perspectiva, o sentido etimológico de metáfora, tal como apresentado por Morato (1989, p.257):

Prefixo meta (grego) = entre, com, depois, mudança, transcendendo
Pherein (grego) carregar, suportar.
Assim, metáfora seria carregar adiante, suportar levando adiante.

Além disso, considero que uma teoria só se vivifica quando ela é acordada por aquele que nela se inspira. No meu percurso, Fenomenologia e teoria junguiana foram inspirando o meu pensar e, apesar de haver críticas entre elas, enquanto forma de aproximação do real ou enquanto possibilidade de prática, dentre outras, fui ampliando a minha compreensão do homem e do mundo a partir de ambas. Por este motivo, ambas figurarão nesta dissertação sem o rigor metodológico da crítica mútua, mas da forma como a dança entre elas foi tecendo o meu compreender.

PARTE II

DELIMITANDO O TERRENO

*“Pensar não é possuir objetos de pensamento
é circunscrever, graças a eles,
um domínio para pensar que, portanto,
ainda não foi pensado”.*

Merleau Ponty²

1. EM UM TEMPO, EM UM LUGAR

*Neste pragmático mundo da necessidade, em que o objetivo prevalece o
subjetivo, tudo obedece ao terra-a-terra das relações positivas, e, pois,
as coisas pesam mais do que as pessoas. (...) Viver é encargo de pouco
proveito e muito desempenho.*

Guimarães Rosa³, “Prefácio Hipotrérico”.

O homem está sempre mudando, bem como sua percepção do mundo e suas significações. O mundo, enquanto fenômeno que se mostra e se oculta, é inóspito ao homem, na medida em que não oferece abrigo seguro ao qual ele se possa fixar. Esta associação garante a condição de

² Coelho Jr, N. E. (1988), p.3 – citando Merleau Ponty. Dissertação de Mestrado, PUC, SP. “O visível e o invisível em psicoterapia: a Filosofia de Merleau Ponty penetrando a prática clínica”, p. 3.

³ Rosa, G. , 1985, p. 77.

liberdade do próprio homem (Critelli,1996). Nesta perspectiva, o existir humano se dá, dentre outras características, em um fluxo de alojamentos e desalojamentos. Oscilamos entre a busca de segurança, do conhecido e a abertura ao novo que, usualmente, é vivido de forma assustadora por se tratar do enigmático, indeterminado. A passagem de um para outro costuma acontecer “por obra da vida”, frequentemente quando a condição conhecida entra em colapso. Como disse Guimarães Rosa (1998, p.96), “*no mais, mesmo, da mesmice, sempre vem a novidade*”.

Figueiredo (1994) chama de acontecimento a isto que rompe

a trama de representações e rotinas; em outras palavras, de início o acontecimento é uma quebra dos dispositivos de construção e manutenção do ‘tecido da realidade’, mas um acontecimento é também a transição para um novo **sistema representacional** (p. 151/152, grifos do autor).

Este mesmo movimento pode ser percebido no fluxo existencial da cultura. Segundo Figueiredo (1996), o século XVII foi um momento em que a forma de ver o mundo vigente faliu, deixando os homens inseguros, em meio a conflitos e desamparo. Os homens, independente de sua vontade, desalojados e lançados na mais plena liberdade - o que Heidegger nomeia como *angústia* (Critelli,1996, p.18) - viviam a transição para o que veio a ser conhecido como modernidade. Houve um questionamento do modo de ver o mundo, uma ruptura que causou desorientação e propiciou o surgimento de uma nova ordem que trazia “*expectativas otimistas de progresso e de harmonia assegurados pela Razão e pela Ciência*” (Figueiredo,1996, p.101).

A modernidade definia-se pela **superação crítica** da tradição metafísico-religiosa e pela **vontade positiva** de **emancipação** e de **auto-afirmação** do homem, através do controle racional da natureza e da liberdade (Loparic, 1994, p.11/12, grifos do autor).

Esta visão de mundo lançou as bases para uma nova forma de conhecê-lo, que se fundava na busca de segurança a partir do rigor metodológico do conceito.

Foi a partir daí que **conhecer** converteu-se no mais digno problema da filosofia; desde então, **procurar fundamentos**

seguros para o conhecimento e regras confiáveis para a sua produção e avaliação veio a ser questão central no Ocidente (Figueiredo, 1996, p.99, grifos do autor).

Estes fundamentos seguros, balizados no rigor metodológico do conceito, procuravam fixar o fluxo dos fenômenos a partir da objetividade. Segundo Byington (1996, p.15), o “*modelo vivencial do aprendizado*” que, até então, era adotado na maioria das culturas, foi substituído por este que causou um trauma entre objetivo, que foi equacionado como verdade, e subjetivo, como erro.

Toda a possibilidade de conhecimento ficou pautada pela

construção de conceitos logicamente parametrados e de uma privação da intimidade entre os homens e seu mundo, isto é, entre os homens e a experiência que têm de seu mundo (Critelli, 1996, p.14).

Acreditou-se ser a única forma possível de progresso. Validando esta perspectiva, as conquistas científicas e tecnológicas revelaram-se e ainda se revelam incomensuráveis e, anteriormente, inimagináveis. Tais avanços imprimiram mudanças nas relações sociais: familiares; produtivas (do trabalho); de lazer, etc. Os homens passaram a ter uma expectativa de vida maior pelos avanços médicos e farmacêuticos; o planejamento familiar mudou a dinâmica dos relacionamentos familiares; máquinas substituíram e/ou auxiliaram o trabalho dos homens – tomando o seu lugar ou liberando-os para realizar outras tarefas. Estes são alguns exemplos das mudanças percebidas.

Inevitavelmente, houve também, desequilíbrios. Os mesmos aviões que foram construídos para transportar passageiros a longas distâncias, passaram a ser usados como instrumentos de guerra; o conhecimento atômico que permitiu tantas conquistas, entre elas, a geração de eletricidade, produziu a bomba atômica, capaz de destruir a humanidade.

Tem-se, portanto, que os mesmos elementos que podem ser vistos e vividos como avanços, ou seja, possibilidades construtivas, podem ser vistos e usados como criações destrutivas - cujo poder de decisão se encontra na mão de alguns. Em todos os tempos, criação e destruição conviveram e se alternaram.

Entretanto, chamo a atenção para o fato de que os avanços tecnológicos potencializaram algumas possibilidades, o que torna urgente o desenvolvimento de uma consciência ética⁴ que permita que convivamos, com vida, com os progressos científicos e tecnológicos.

Esse homem do futuro, que segundo os cientistas será produzido em menos de um século, parece motivado por uma rebelião contra a existência humana tal como nos foi dada – um dom gratuito vindo do nada (secularmente falando), que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo. Não há razão para duvidar de que sejamos capazes de realizar essa troca, tal como não há motivo para duvidar de nossa atual capacidade de destruir toda a vida orgânica na Terra. A questão é apenas se desejamos usar nessa direção nosso novo conhecimento científico e técnico (Arendt, 2000, p.11).

1.1. Uma semente: o homem moderno

*(...) Tenho uma vida sensata
Sem emoção
Tenho uma pressa danada
Não paro para nada
Não presto atenção (...)
Tira a pedra do caminho (...)
Tenho um metro quadrado
Um olho vidrado
E a televisão
Tenho um sorriso comprado
A prestação (...)
Tenho o passo marcado
O rumo traçado sem discussão
Tenho um encontro marcado
Com a solidão (...)
Bota força nessa coisa
Que se a coisa pára
A gente fica cara a cara
Cara a cara cara a cara
Com o que não quer ver.*

Chico Buarque, “Cara a cara”, 1969.

⁴ Compreendendo ética a partir do que fala Figueiredo (1996, p.42): “...a dimensão ética, engloba todas as considerações acerca das *metas de ação humana*, não se restringindo, portanto, à consideração da adequação de meios e fins, diferenciando-se, assim, do âmbito de competência do conhecimento *técnico*. (...) há sempre uma *reflexividade*, uma relação de si para consigo, um autocomprometimento do sujeito, implicados na conduta ética” (grifos do autor).

O homem moderno, foi afetado pela metafísica⁵ não somente no seu modo de pensar, mas no seu modo de ser no mundo. Este é um modo de ser que, através do conhecimento e do rigor metodológico de acesso a ele, pretende superar a insegurança causada pela fluidez do existir⁶.

A segurança buscada ao longo da episteme ocidental baseou-se na dúvida de si mesmo que o homem estabeleceu, lançando para fora de si mesmo (de sua ontologia, ou das condições nas quais a vida lhe é dada) a possibilidade de qualquer domínio da realidade. Inclusive de suas idéias. [Para o pensamento metafísico] somente a **precisão metodológica do conceito** (que pela crítica heideggeriana podemos ver sob o termo **representação**) garante ao conhecimento humano sua imutabilidade, unicidade e absolutidade. (Critelli, 1996, p.14, grifos da autora).

Neste contexto, o homem fica enclausurado no “subjetivo”, incapaz de conhecer e de refletir, à espera da manifestação daqueles que conhecem e possam compartilhar um pouco das “verdades do mundo” com ele: os especialistas. Desprovido da possibilidade de dialogar e acessar estas verdades através do seu existir, busca-as e acata-as.

A irreflexão – a imprudência temerária ou a irremediável confusão ou a repetição complacente de “verdades” que se tornaram triviais e vazias – parece ser uma das principais características do nosso tempo (Arendt, 2000, p. 13).

A experiência fica sucateada pela vida moderna e, como consequência disto, as trocas existenciais entre os homens ficam empobrecidas. Nesta medida, os homens ficam isolados em um mundo que não os ajuda a elaborar o seu próprio fluxo do existir, ou seja, não os ajuda a perceber as condições nas quais a vida lhes é dada e se dá - num mundo inóspito no qual somos lançados independente de nossa vontade. Neste sentido, os homens vivem em si e para si, de forma hermética e circunscrita, à procura de modelos prontos que respondam a questões sobre a vida e

⁵ Critelli (1996, p.11), partindo de Heidegger, identifica a metafísica como o “modo tradicional do pensamento do Ocidente” e “cujas manifestações modernas mais imediatamente reconhecíveis são a ciência e a tecnologia”.

⁶ Que, segundo a visão fenomenológica, são os “modos constitutivos e originários do mostrar-se dos entes e do pensar” (Critelli, 1996, p.14).

sobre o viver, sem se perceberem enquanto partes de e responsáveis por um todo maior, nem sempre explicável e compreensível da forma como pretende a metafísica.

Um dos principais fatores da massificação [do indivíduo] é o racionalismo científico. Este deita por terra os fundamentos e a dignidade da vida individual ao retirar do homem a sua individualidade, transformando-o em unidade social e num número abstrato da estatística de uma organização. Nesse contexto, o indivíduo só desempenha o papel de unidade substituível e infinitesimal. (...) Nessas circunstâncias, se compreende que o juízo individual seja cada vez mais inseguro de si mesmo e que a responsabilidade seja coletivizada ao máximo: o indivíduo renuncia a julgar, confiando o julgamento a uma corporação. Com isso, o indivíduo se torna, cada vez mais, uma função da sociedade que, por sua vez, reivindica para si a função de único portador real da vida, mesmo que, no fundo, não passe de uma idéia (Jung, 1991, p.7/8).

Os conhecimentos e responsabilidades são delegados às instituições, às competências especializadas. Desta forma, os homens, impotentes, vão perdendo o sentido de suas vidas. Na visão de Arendt (2000, p.12), o sentido das ações e experiências humanas se dá “*na medida em que pode ser discutido*”.

Nesse sentido, compreendo que, ao mesmo tempo em que o homem domina a natureza em prol do progresso social, ele subjulga a sua própria natureza por este mesmo fim. “*O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida*” (Benjamin [1940], 1994, p.228). Sem perceber, o homem alimenta a sua própria escravidão ante a ilusão de salvar gerações futuras. Por não se dar conta disto, a energia que poderia servir para mudar esta situação fica presa para sua manutenção. O homem, nesta busca por progresso, controle e domínio da natureza, está empreendendo um divórcio “*entre o conhecimento (no sentido moderno de **know-how**) e o pensamento*” que, se for comprovado,

passaremos, sem dúvida, à condição de escravos indefesos, não tanto de nossas máquinas quanto de nosso **know-how**, criaturas desprovidas de raciocínio, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja (Arendt, 2000, p.11, grifo da autora).

O homem moderno vive dissociado, decorrente da perda de contato com o *continuum* da história, com a noção de eternidade⁷, consequência do modo de ver o mundo da modernidade. “Recentemente, a ciência vem se esforçando por tornar ‘artificial’ a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza” (Arendt, 2000, p.10). O homem fica cada vez mais inseguro, buscando seguranças externas que aplaquem sua angústia, devido a desorientação oriunda da falta de contato com sua própria natureza.

O materialismo histórico, do qual fala Benjamin ([1940], 1994), evidencia o distanciamento do homem de sua própria condição, sendo promovido por suas atitudes. O materialista histórico procura empatizar com o momento histórico que quer conhecer, procurando se apropriar da história em seu “*relampejar fugaz*”, presentificando-a. Para tanto, presentifica aspectos deste movimento e os toma como os verdadeiros. Esta forma de se relacionar com o mundo fechada, explicativa, imobilizada, imobilizante e insípida, “*faz do passado uma experiência única*”. Com o rigor do método científico, compreende o que “de fato é ou foi”, fechando a possibilidade de outras compreensões. Empatiza com os “vencedores” e mantém um distanciamento que permite esta presença fixada pois, uma aproximação mais detida a denunciaria enquanto fixação de uma parte. Neste sentido, os monumentos da cultura são, também, monumentos da barbárie; da barbárie em relação aos vencidos.

Em contraposição ao materialismo histórico, Benjamin ([1940], 1994) fala do historicismo. Refere-se à imagem ‘eterna’ do passado, como um *continuum* formado de “*agoras*” que integram no momento presente a memória do passado, culminando na história universal. Neste, as tensões,

⁷ Para Benjamin [1936], “a idéia de eternidade sempre teve na morte sua fonte mais rica. (..) No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a idéia de morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. (...) Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo (...). Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos. (...) É no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está esta autoridade” (1994, p.207/208).

choques, etc., guardam a eternidade em cada momento, como nas narrativas (Benjamin [1936], 1994). O historiador

capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um “agora” no qual se infiltraram estilhaços do messiânico (Benjamin [1940], 1994, p. 232).

Isto porque “*o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido*” (Benjamin [1940], 1994, p.224).

Segundo o autor, é dever do historiador transmitir esta conjunção histórica como um todo: “*E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura*” ([1940], 1994, p.225). Despertar para esta faceta, que permanece oculta sob o julgo do vencedor (as classes dominantes), e se perceber, enquanto vencidos, seria a forma de se fortalecer na luta contra esta dominação e opressão que “*não tem cessado de vencer*”. De outra forma, sem perceber, os vencidos e oprimidos se mantêm nesta posição, compactuando com a ideologia do dominador, que só pode existir enquanto houver dominados.

É, a meu ver, possível fazer uma aproximação entre o historicismo e a narrativa, e o materialismo histórico com a informação. A narrativa, para o autor, tem

na base de sua historiografia (...) o plano da salvação, de origem divina, indevassável em seus desígnios, e com isso desde o início se libertaram do ônus da explicação verificável. Ela é substituída pela exegese, que não se preocupa com o encadeamento exato dos fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas (Benjamin [1936], 1994, p.209).

A narrativa evita explicações e, desta forma, permite que o ouvinte a interprete como quiser, “*com isso, o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação*” (Benjamin [1936], 1994, p.203). O episódio narrado se entranha na vida do ouvinte e caminha com ela, imprevisivelmente, para onde estas se levarem. Já a informação é auto-

explicativa, “*precisa ser compreensível em si e para si*”, “*aspira a uma verificação imediata*”, sem dialogar com o existir humano. Não dá margem para a reflexão. Circunscrevendo o acontecido, de forma a conter, ilusoriamente, toda a sua verdade, impede novas significações. Nesse sentido, a informação, como o materialismo histórico, é fechada, explicativa, imobilizada e imobilizante. Insípida, “*faz do passado uma experiência única*”. Esta é a forma mais comum de comunicação e de troca do homem moderno.

Nesta linha de compreensão, o homem moderno, autômato em sua existência, seria o homem da vivência e o homem tradicional teria os laços com a elaboração e a transmissão da experiência.

O homem tradicional cede lugar ao homem moderno inserido no universo da técnica, massificado no transcorrer do desenvolvimento industrial. Isolado, desenraizado, este homem caminha apressadamente no fluxo da multidão (...) [Há uma] crescente necessidade do homem de atender às exigências impostas pela “tecnização”. Sua sobrevivência na selva das cidades depende, em grande parte, de um acurado adestramento em atenção, recepção e neutralização de choques. Este adestramento traz como consequência o encolhimento da memória e o confinamento de homens solitários, no circuito de reações imediatas a estímulos sempre renovados. (Schmidt, 1990, p.10/11).

Retirando a possibilidade de trocas existenciais, os homens vivem em um presente imediato de sensações incompreendidas, de vivências. Esta situação é ilustrada na literatura por Clarice Lispector e tantos outros autores e poetas. Eneida Maria de Souza, na apresentação do livro *A Cidade Sitiada* de Lispector (1949, p.2), fala da relação da personagem Lucrécia com seu marido Mateus, “*a superficialidade da convivência diária, o diálogo inexistente entre os dois, recheado de palavras ocas e vazias, o cuidado excessivo, em Mateus, com a aparência física*” são “*cejas cotidianas do casal pequeno-burguês*”, cenas próprias do homem da vivência. Guimarães Rosa (1985) comenta esta superficialidade e intolerância às vivências existenciais na modernidade, quando diz que “*todos toleram na gente só os dissabores do diário e pouco sal no feijão*”(p.42). Em outro trecho, diz ele, através da fala de um personagem em relação à sua esposa: “*desentendia minha fundura*” (p.44).

O sentido de responsabilidade e ética, que inspira os homens a renegar interesses imediatos ou pessoais em prol de um bem maior é, por este homem, pouco conhecido. Neste sentido, dificulta entrar em contato com o todo do presente a partir de sua conexão com o todo do passado, permitindo a abertura para o todo do futuro, transformando-os. Resulta na repetição da mesmidade. Deste modo, a possibilidade de abertura para a experiência em seu *continuum*, em sua eternidade a cada momento, como parte que é afetada e afeta um todo maior, é oprimida, bem como a possibilidade de mudança. Os homens ficam presos às representações como verdades e explicações do mundo e, não mais, como “*modelos da história do mundo*” (Benjamin [1936], 1994, p.209).

1.2. *Húmus*: olhar fenomenológico

*Se procurar bem, você acaba encontrando
não a explicação (duvidosa) da vida,
mas a poesia (inexplicável) da vida.*

Carlos Drummond de Andrade⁸, “Lembrete”.

Em se tratando de se abrir à experiência em seu *continuum*, em sua eternidade a cada momento, abrir-se à aventura da vida sem orientação fixa, convido o leitor a se deixar impactar pela citação de uma passagem de Benjamin [1933], sobre uma geração que voltava da guerra:

Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano (1994, p.115).

⁸ Andrade, C.D. , 1997, p.95.

A meu ver, trata-se de uma experiência existencial de perda de referências conhecidas e um defrontar-se com a fragilidade humana. O pensamento moderno não se deixa impactar por esse tipo de experiência. Ela é aplacada pela metodologia científica hegemônica que, desconsiderando-a e desprezando-a, retira o homem das condições mais básicas de sua humanidade, de suas situações de vivência, de suas sensações e sentimentos. Condena como “mentiras” – por não serem verificáveis cientificamente - “verdades”, realidades, que sempre povoaram a experiência e imaginação dos homens. Desta forma, afasta-o da sua própria origem e constituição, ameaçando-o.

Numa perspectiva aproximada, a fenomenologia propõe a volta a esta situação de desamparo e desalojamento que é provocada pelo encontrar, de conhecido, somente as nuvens e a própria fragilidade. Propõe, desta forma, resgatar a humanidade do homem; sua ligação com sua própria natureza e totalidade, sua ligação com o que ainda não percebe conhecer, sua liberdade.

Podemos pensar em tudo que influencia inerentemente a existência. O inconsciente em uma perspectiva junguiana?

Parte do inconsciente consiste (...) de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes (Jung, 1993, p.32).

A exposição que se segue será baseada na obra *Analítica do Sentido: Uma Aproximação e Interpretação do Real de Orientação Fenomenológica* de Dulce Mára Critelli (1996).

O mundo é inóspito ao homem na medida em que não lhe dá garantias de fixação (no sentido de respostas prontas, seguranças).

Apesar dessa não-pertença ao mundo (natural ou artificial), no mais das vezes, ser compreendida por nós como a experiência de um desabrigo e de um desamparo que se quer a todo custo superar, ela é a condição de liberdade do próprio homem (Critelli, 1996, p.17).

Esta condição de liberdade é constelada pelo fato do homem estar constantemente mudando, bem como sua percepção do mundo. O

“significado e sentido que [as coisas] fazem em nossa existência se alteram” (Critelli, 1996, p.17). Ou seja, quando o sentido daquilo que havíamos compreendido perfeitamente integrado no mundo nos escapa é que

entendemos (embora não tematicamente) o que não havíamos compreendido do mundo: que ele é uma sutil e poderosa trama de significação que nos enlaça e dá consistência ao nosso ser, nosso fazer, nosso saber. Porém, uma trama fluida, que desaparece sob nossos pés tão logo o sentido que ser faz se dilui e, então, nos faz falta (Critelli, 1996, p.18).

Neste momento, somos lançados na nossa mais plena liberdade, anteriormente e independente de sua vontade. A isto Heidegger nomeia *angústia*. Fundada na angústia, abre-se para o homem toda a sua possibilidade de conhecimento.

O homem ao nascer é lançado em um mundo que já tem uma história e uma cultura; num determinado país, tempo, família, etc. O homem se humaniza nesta e na coexistência, no mundo e no relacionamento com outros homens, e, por isso é plural, ao mesmo tempo que é singular e único. Esta realidade constitui o homem, considerando a compreensão prévia um certo olhar que é próprio de sua condição humana. No seu estar-no-mundo-com-outros, lançado com compreensões prévias, vai tecendo uma teia de relações significativas. Este é o homem que conhece. Tecido num mundo pré-existente, vivendo, conhecendo, sendo afetado e afetando outros. Sendo assim, o homem conhece a partir desta imersão no mundo e não independente dela, numa interação incessante durante a sua vida.

Ao processo de conhecer, próprio do contato entre o homem e o mundo, Critelli chama de movimento de realização. Este é inerente à condição humana de ser-no-mundo. Desta forma, os entes se mostram e se ocultam em função da possibilidade de seu *ser*⁹ ser percebido e correspondido por um olhar.

⁹ Uma das definições de Critelli (1996, p.29) sobre ente e ser é: “Ente, na terminologia filosófica, é tudo o que é, o manifesto. Ser é o que faz com que um ente seja ele mesmo e não um outro ente qualquer. (...) O ente carrega em si seu ser, seu aparecer e desaparecer, seu estar à luz e estar no escuro”.

Quando o interesse se desloca deixa em sombra as coisas de que anteriormente nos ocupávamos, exatamente como um holofote ao iluminar uma nova área deixa uma outra mergulhada em escuridão. Isto é inevitável, pois a consciência só pode conservar iluminadas algumas imagens de cada vez e, mesmo assim, com flutuações nesta claridade. Os pensamentos e idéias esquecidos não deixaram de existir. Apesar de não se poderem reproduzir à vontade, estão presentes num estado subliminar – para além do limiar da memória – de onde podem tornar a surgir espontaneamente a qualquer momento, algumas vezes anos depois de um esquecimento aparentemente total (Jung, 1993, p.34).

Embora o desvelamento ou ocultamento do ser ocorra sempre em relação a um olhar, fruto de um *movimento de realização* não linear, nem unívoco, só se torna possível por uma reflexividade implícita. Trata-se das diversas etapas deste *movimento*: além de ser desvelado e revelado por um olhar, necessita de outros olhares que dêem credibilidade a isto, para poder ser realizado. Critelli (1996) diz que,

Tudo o que há só chega à sua plena existência, isto é, **torna-se real**:

- quando é tirado de seu ocultamento por alguém, **desocultado** - DESVELAMENTO;
- quando desocultado, esse algo é **acolhido e expresso através de uma linguagem** – REVELAÇÃO;
- quando languageado, algo é **visto e ouvido por outros** – TESTEMUNHADO;
- quando testemunhado, algo é **referendado como verdadeiro por sua relevância pública** – VERACIZAÇÃO;
- quando publicamente veracizado, algo é, por fim, efetivado em sua **consistência através da vivência afetiva e singular** dos indivíduos – AUTENTICAÇÃO (p.69, grifos da autora).

Este é o movimento que permite o aparecer dos entes para um olhar que vê e que é visto vendo. Evidência disto pode ser notada no fato de muitos artistas só terem tido suas obras reconhecidas depois de mortos, tendo sofrido sem este testemunho e autenticação necessários existencialmente.

A fenomenologia “*está tentando encontrar o ser na trama existencial do ser-no-mundo, na sua trama de significações que se tece no jogo do mundo*” (Critelli, 1996, p.46). Por esta perspectiva, revela-se uma outra possibilidade de sentido para a existência e condição humana: cuidar e cultivar.

E o agricultor se depara com um mito.

Angústia, ao atravessar um rio, viu uma massa de argila e, mergulhada nos seus pensamentos, apanhou-a e começou a modelar uma figura.

Quando deliberava sobre o que fizera, Júpiter apareceu. Angústia pediu que ele desse uma alma à figura que modelara, e, facilmente, conseguiu o que pediu.

Como Angústia quisesse, de si própria, dar um nome à figura que modelara, Júpiter proibiu e prescreveu que lhe fosse dado o seu. Enquanto Angústia e Júpiter discutiam, Terra apareceu e quis que fosse dado o seu nome a quem ela fornecera o corpo.

Saturno foi escolhido como árbitro. E este, eqüitativamente, assim julgou a questão:

“Tu, Júpiter, porque lhe deste a alma, tu a terás depois da morte. E tu, Terra, porque lhe deste o corpo, tu o receberás após a morte. Todavia, porque foi Angústia quem primeiramente a modelou, que ela a tenha enquanto a figura viver.

Mas, uma vez que existe entre vós uma controvérsia sobre o nome, que ela seja chamada ‘homem’, porque feita do **húmus**” (Fábula 220 de Caius Julius Higinus. In: Rocha, 2000, p.160 grifos do autor).

1.3. Vendavais: desorientação e busca por ajuda

As paixões humanas são misteriosas, e as das crianças não o são menos que as dos adultos. As pessoas que as experimentaram não as sabem explicar, e as que nunca as viveram não as podem compreender. Há pessoas que arriscam a vida para atingir o cume de uma montanha. Ninguém é capaz de explicar por quê, nem mesmo elas. Outras arruinam-se para conquistar o coração de uma determinada pessoa que nem quer saber delas. Outras, ainda, destroem-se a si mesmas porque não são capazes de resistir aos prazeres da mesa – ou da garrafa. Outras há que arriscam tudo o que possuem num jogo de azar, ou sacrificam tudo a uma idéia fixa que nunca se pode realizar. Algumas pensam que só podem ser felizes em outro lugar que não naquele onde estão e vagueiam pelo mundo durante toda a vida. Há ainda as que não descansam enquanto não conquistam o poder. Em suma, as paixões são tão diferentes quanto o são as pessoas.

Ende, 1997, p.6

A busca por um tipo de aproximação com a realidade segura e explicável, faz parte de uma visão de mundo que muito tem contribuído nos avanços tecnológicos, mas muito pouco na compreensão da complexidade existencial humana. O homem moderno, muitas vezes, acaba sentindo-se estranho em um mundo no qual há padrões de relacionamento e sentimentos permitidos ou proibidos. Um dos dispositivos criados para cuidar da subjetividade do homem moderno foi a psicologia. Ante a distância da integração de sua realidade psíquica com o mundo, sofre com o esfacelamento de sua subjetividade.

Este homem, muitas vezes, procura respostas prontas no conhecido modelo do especialista, para seus problemas cotidianos. É comum consultar psicólogos quando não se sente bem emocionalmente. Esta busca pode ser compreendida como resultante de sintomas e queixas que o indivíduo não é capaz de administrar e que implicam em sofrimento. Resulta em uma decisão de busca de auxílio em função do que pode ser compreendido como uma dinâmica emocional perturbadora, que ultrapassa a possibilidade de resolução pessoal, e *“perturba a personalidade total”*. Há desejo, temor e pressão interna pela mudança e incapacidade de efetuar-la por conta própria, algumas vezes, com a presença de sintomas (Freitas, 1987, p.44).

Estas queixas e sintomas são abordadas de diferentes formas pelas diferentes psicologias. Algumas se direcionam ao que Jung compreende como ego, oferecendo soluções e alternativas, dando respostas a problemas. Referendam o modelo do especialista. Outras, tais como a junguiana e a fenomenológica, direcionam-se ao ser abarcando-o para além daquilo que é visto, do aparente. Incluem o percebido, o intuído, o sentido, o que há de potencial, a possibilidade de vir-a-ser. Segundo Byington (1996, p.29), incluem o emocional, o existencial e o cultural. Relacionam-se com a queixa e com o sintoma como símbolos a serem compreendidos. De mero distúrbio para um símbolo com potencial transformador, a disfunção passa a ser vista como *“uma fonte de renovação quando nos pressiona em direção a outro significado de vida”* (Whitmont, 1995, p.22). Neste sentido, é possível compreender sintomas e queixas como símbolos que denunciam uma

realidade desarmônica a ser revista, que nos levam para o ser como amplidão.

Presente, passado e futuro são dimensões para a compreensão deste ser amplo. Nesta visão, o homem é percebido na magnanimidade de uma realidade dinâmica e flexível, na busca da experiência de pulsar com a vida e estar vivo.

Estamos tão empenhados em realizar determinados feitos, com o propósito de atingir objetivos de um outro valor, que nos esquecemos de que o valor genuíno, o prodígio de estar vivo, é o que de fato conta. (Campbell, 1990, p. 6).

A sociedade e a cultura oferecem alguns dispositivos que podem acompanhar os homens nessa viagem. Algumas formas de clínica psicológica, recursos artísticos e culturais, dentre outros. Atuam como “outros” que podem ajudar a nortear os homens no movimento de realização de si mesmos no mundo, em processos existenciais humanos.

Em algumas culturas, tais dispositivos eram e são facilitados pelos ritos de iniciação. Freitas (1987) apresenta um estudo ao qual chama “A Psicoterapia como um Rito de Iniciação: Estudo sobre o campo simbólico através de sonhos relatados no Self Terapêutico”, no qual aborda a questão da psicoterapia servindo à sociedade atual como um tipo de rito de iniciação. Isso parece corroborar o que Campbell (1990) discute ser uma carência de nossa sociedade e um caminho, pouco reconhecido pelas ciências e muito percorrido pelas artes e religiões. Pode ter como companhia os mitos e contos tradicionais que são, para ele,

(...) bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que tem a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá que produzi-los por sua conta (Campbell, 1990, p. 4).

1.4. Sol e Chuvas: mitologia e contos tradicionais

Os mitos culturais antecederam a vários objetivos vitais. Explicaram o funcionamento do mundo para pessoas perplexas ante os fenômenos naturais. Ajudaram as transições para as várias etapas de desenvolvimento pessoal. Colaboraram com os membros da sociedade na descoberta do significado de sua posição social, situação econômica e imposições éticas. Permitiram que seres humanos participassem dos mistérios do cosmos e adorassem uma entidade ou processo considerada digna da suprema importância. Mas os mitos culturais fragmentaram-se quando a ciência e a tecnologia produziram maneiras confiáveis de compreender e controlar a natureza; quando o pluralismo infiltrou-se em sociedades monolíticas; e quando doutrinas religiosas, leis nacionais e costumes sociais criaram parâmetros – muitas vezes estéreis – pelos quais o comportamento humano podia ser dirigido.

Krippner, S. (1991).

Creio que os mitos e contos tradicionais muito têm a contribuir com o homem moderno. Tratam de temas atemporais que permitem a conexão entre os tempos por aquilo que lhes é comum: a expressão de características humanas através de obras que permanecem na cultura.

Segundo Campbell (1990, p.3) constituem uma “*literatura do espírito*” e, de alguma forma, tratam-se do que Benjamin (1994, p.209) chama de “*modelos da história do mundo*”.

Vêm, desde tempos imemoriais, povoando com seus personagens, paisagens e tramas, a imaginação dos homens, e servido de guia e modelo humanizador de uma realidade arquetípica humana¹⁰. Dão forma a potencialidades arquetípicas, permitindo o reconhecimento daquilo que é existencial e humano através desta expressão cultural.

Vários autores consideram que uma das maiores contribuições da obra de Jung é o conceito do inconsciente coletivo ou psique arquetípica

¹⁰ Há, segundo Jung, padrões herdados que estruturam e coordenam o desenvolvimento da consciência aos quais ele chamou de arquétipos. Segundo Aufranc (1991, p.81), “os arquétipos seriam potencialidades, tendências, assim como nascemos com potencialidades genéticas para sentar, andar, falar, temos potencialidades psíquicas. Arque-tipos, modelos primordiais, universais. Os arquétipos são padrões herdados que estruturam e coordenam o desenvolvimento da consciência. É importante frisar aqui que o padrão é herdado, mas seu conteúdo é variável e sujeito a mudanças ambientais e históricas (por exemplo o arquétipo do herói apresenta conteúdos muito diferentes em mitos da antiguidade greco-romana e nos mitos de nossa cultura ocidental contemporânea, embora expressem um mesmo padrão arquetípico)”.

(Byington, 1996; Edinger, 1995). Esta permite a compreensão de que a constituição e influências sobre a psique individual são maiores do que, somente, a experiência de vida pessoal. Há uma realidade que é compartilhada e que *“se manifesta em padrões e imagens universais, tais como os que se podem encontrar em todas as mitologias e religiões do mundo”* (Edinger, 1995, p.21). Tem-se, desta forma, o singular sendo humanizado e, muitas vezes, espelhado por algo universal. Os mitos podem ser vistos *“como expressão simbólica da relação entre o ego e o Si-mesmo”*¹¹, enquanto as modificações que vão ocorrendo ao longo da vida, na relação existente entre eles, podem ajudar a compreender *“muitas vicissitudes do processo de desenvolvimento psicológico”* (Edinger, 1995, p. 23). Expressão simbólica de uma relação que se desdobra no interior do ser e, por este motivo, encontra eco no homem através dos tempos. Neste sentido, os mitos e contos tradicionais “descrevem”, de forma simbólica, acontecimentos, que se desdobram na profundidade do ser, podendo servir de guia (simbólico) no enfrentamento de questões pessoais e no desenvolvimento da consciência¹².

Os mitos e contos tradicionais acessam algo que é natural, estranho e familiar ao homem. Atuam em uma interface do plural e do singular: plural porque parte de uma experiência que vem atravessando subjetividades e participa de um mundo comum e compartilhado. Singular pois atinge cada um de uma forma muito particular e única. Neste cruzamento, podem propiciar o encontro *“do justo com ele mesmo”*, o encontro com a individualidade profunda e com a experiência de estar vivo.

De outra forma, mitos e contos tradicionais podem ser vistos como meras fantasias ou fatos irrealis, impossíveis de se provar. Este tipo de desprezo pelo potencial revelador dos símbolos denuncia um tipo de relacionamento com a subjetividade de escravizamento e empobrecimento.

¹¹ Sendo o ego centro regulador da psique consciente e o Si-mesmo o centro regulador da psique total (consciente e inconsciente). No eixo "ego-Si mesmo" conteúdos inconscientes atingem a consciência e vice-versa, numa relação dinâmica e constitutiva da realidade psíquica.

¹² A partir de um processo de desenvolvimento da consciência e de valorização e estreitamento de relações com a realidade inconsciente, o indivíduo caminha para sua auto-realização, ou seja, para o que Jung chama de individuação.

Para encontrar a relevância do mito em nossa vida cotidiana na sociedade secular de hoje, é preciso, como disse Campbell, 'um indivíduo adequado', cuja verdadeira adequação está em ser submetido à prova final pela nossa disposição de ousar a aventura da vida sem uma orientação fixa, e abrir-nos à recuperação das profundezas de significado que jazem à nossa volta e dentro de nós (Larsen, 1991, p. 61).

2. APRESENTAÇÃO DO TERRENO

2.1. Um Campo: a Clínica Psicológica e o psicólogo

*Fiz de mim o que não soube,
E o que poderia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho.
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.*

Álvaro de Campos¹³, “Tabacaria”, 1928.

Segundo Figueiredo (1996), diferentes visões de mundo e homem, deram origem a distintas formas de se trabalhar no campo psicológico. Enorme e pouco uniforme é este campo do conhecimento. Enfocarei os aspectos que dizem respeito à conjunção das teorias com as quais me propus a trabalhar, uma vez que uma aproximação da complexidade e enormidade de práticas e formas de se trabalhar no campo psicológico não são o foco do presente estudo.

O contexto de emergência e a invenção do psicológico surgiram dentro da epistemologia moderna, em função daquilo que seu recorte não conseguiu abarcar, ou seja, da parte que deixara o homem sem uma tradição a qual se referenciar (Figueiredo, 1996). Tal apontamento levou-me a pensar que a psicologia entra em cena, justamente, na sombra desta epistemologia - sendo que algumas psicologias, afastaram-se deste campo, ao tentarem se incluir na epistemologia moderna pois,

O que caracteriza a sombra não são seus conteúdos, porque qualquer conteúdo pode ser sombra ou consciência, o que caracteriza é o fato destes conteúdos atuarem na vida de forma conflitante com a maneira de funcionar consciente, sendo seus símbolos de difícil aceitação pelo ego (Aufranc, 1991, p.85).

¹³ In: Pessoa, F. – *O Eu Profundo e os Outros Eus* – p. 259.

A sombra, ao mesmo tempo, é “*aquilo que me diz respeito mas que não posso conhecer diretamente*” (Von Franz, 1985b, p.11). Trata-se do desconhecido que faz parte do todo e, neste sentido, é uma grande fonte de transformação, por seu potencial renovador, através do que é estranho e, ao mesmo tempo, familiar. A sombra, portanto, tem esta característica prospectiva e dinâmica para a personalidade - individual, cultural, planetária e cósmica¹⁴ - na medida em que a sua reintegração à consciência, por trazer o novo, o desconhecido e o reprimido, pode tirá-la da mesmidade e da repetição. Neste sentido, é importante para o desenvolvimento e, muitas vezes, por tratar de “*símbolos que são de difícil aceitação pelo ego*” (Aufranc, 1991, p. 85), assusta.

A abertura para novas facetas daquilo que é, mas não é percebido, e o contato com suas incertas influências, desestruturam e ampliam realidades possibilitando formas de acesso e novas trocas que, com esta, podem surgir. A consciência, através do novo, estranho - familiar, vai sendo ampliada.

A sombra nos apresenta nossa primeira visão da parte inconsciente de nossa personalidade, ela representa o primeiro estágio para encontrar o Self. De fato, não há acesso ao inconsciente e à nossa própria realidade *a não ser* através da sombra. Apenas quando reconhecemos aquela parte de nós mesmos que ainda não vimos ou preferimos não ver é que podemos seguir em frente, questionar e encontrar as fontes em que ela se alimenta e a base em que repousa. (Whitmont, 1995, p. 148, grifos do autor).

Por estes aspectos Byington (1988, p.14) diz que

Jung descreveu a sombra de forma bipolar em duas conotações muito importantes. A primeira é a necessidade da sua reintegração para o desenvolvimento (...) A sombra é indesejável mas precisamos dela para expandirmos nosso crescimento. A outra é que a sombra pode abrigar nossas melhores qualidades.

¹⁴ Byington, em vários de seus trabalhos, fala de Self individual, Self cultural, Self planetário e Self cósmico, referindo-se às dinâmicas que ocorrem nestes âmbitos de relações. Trata-se do “*Todo que está presente em qualquer vivência simbólica*” (Byington, 1983, p.11) chamado de Self, que as afeta e organiza. Desta forma, é possível abarcar aspectos da realidade individual e grupal nestas diferentes instâncias, aproximações e distanciamentos entre cada uma delas.

Para a sombra da epistemologia moderna, vai a polaridade subjetiva e com ela, aspectos estruturantes da condição humana pois, apesar de subjugado ao método racional, o homem continua sentindo e vivenciando a partir de si.

O campo próprio das psicologias é o que, do ponto de vista epistemológico, teria o estatuto de **dejeito** do expurgo operado pelo método no processo de constituição de um sujeito purificado (Figueiredo, 1996, p. 23, grifos do autor).

Compreendo, assim, que a psicologia surge como lixeira para as sujidades, do ponto de vista da metafísica, para o que é sombrio. Por isso, seu campo de trabalho, como forma de reciclar, reaproveitar, acolher e dar voz àquilo que não teve voz nem figura, é mal visto, embora continue presente, participando e influenciando a vida dos homens. Contudo, podemos compreendê-la como forma de trazer a sombra para a luz, ou seja, trazer para esta realidade aquilo que não foi visto ou considerado. Para realizar uma tal proposta, vem acrescentando e questionando a visão vigente com aquilo que ela não inclui. Por outro lado e ao mesmo tempo, é filha e fruto desta. Por e no seu existir, denuncia, ao desvelar as trevas, aquilo que não tem lugar no modelo vigente. Desta forma, é combustível para transformações na realidade, que permanece sempre inacabada e com potencial de vir a ser além do que já é. Há sempre algo a ser compreendido, integrado, rechaçado, revisto e visto. Ao mesmo tempo, por se tratar, muitas vezes, de conteúdos de difícil aceitação e opostos aos aceitos pela consciência, a psicologia, é, também, difícil de ser aceita pela sociedade moderna. Como diz Jung (1933, p.31)

A consciência resiste, naturalmente, a tudo que é inconsciente e desconhecido. Já assinalei a existência, entre os povos primitivos, daquilo que os antropólogos chamam “misoneísmo”, um medo profundo e supersticioso ao novo. Ante acontecimentos desagradáveis, os primitivos têm as mesmas reações do animal selvagem. Mas o homem “civilizado” reage a idéias novas da mesma maneira, erguendo barreiras psicológicas que o protegem do choque trazido pela inovação. (...) Muitos pioneiros da filosofia, da ciência e mesmo da literatura têm sido vítimas deste conservadorismo inato dos seus contemporâneos. A psicologia é uma das ciências mais novas e,

por tratar do funcionamento do inconsciente, encontrou inevitavelmente o misoneísmo na sua forma mais extremada.

Por sua vez, Benjamin ([1940], 1994, p.226) acrescenta:

A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade.

Creio portanto que, muitas vezes, o resultado e repetição desta conjunção de manter a sombra como um “estado de exceção” aparece em pedidos por ajuda psicológica, por um lado, e falta de espaço e lugar para a prática do psicólogo, por outro. Pedidos ambíguos. A ansiedade por mudanças - ante a insatisfação com o vivido – e o seu temor, o que é da condição humana. Este é terreno comum ao psicólogo clínico. E disto também falam muitos contos tradicionais e mitos.

Estas reflexões tentam mostrar como é alto o preço que nossos hábitos mentais têm que pagar quando nos associamos a uma concepção de história que recusa toda cumplicidade com aquela à qual continuam aderindo esses políticos (Benjamin [1940], 1994, p. 227).

É neste sentido que a clínica vem questionando as psicologias na contemporaneidade, e que Figueiredo (1996) fala, a partir de uma epistemologia fenomenológica, de como compreende a clínica psicológica:

O que define a clínica psicológica como clínica é a sua ética: ela está **comprometida com a escuta do interditado e com a sustentação das tensões e dos conflitos** (p. 40, grifos do autor).

A meu ver, baseada na teoria junguiana, há, também, um comprometimento da clínica psicológica com o desconhecido; com o velado, pois imaturo para ser desvelado pelo olhar que vê; com o, ainda, embrionário. Neste sentido, a psicologia articula suas origens no fazer. Acolhe, não como dejetos, mas como “pérola na lama”, o interditado, o que se oculta, o inominado pelo próprio indivíduo e, nas suas origens, pela cultura, bem como o que ainda está no âmbito das potencialidades. Para tanto,

ajuda a sustentar as tensões e conflitos da luta com o estabelecido, na possibilidade de permitir que o novo emergja a partir do interdito, do velado ou do germinal. Neste sentido, trata tanto do que foi reprimido, por não ter sido aceito, como de poder dar a conhecer o ainda não reconhecido. No primeiro caso, ajuda a conscientizar aquilo que não foi propriamente elaborado, tendo um sentido de “cura”¹⁵ do que não pôde ser simbolizado de forma criativa; e no segundo, ajuda a trazer para a vida e a dar forma a um potencial criador antes imerso no mundo das possibilidades disformes.

Para Jung (1987), é na tensão entre os contrários que o movimento se dá. De outra forma, há estagnação, obstrução ou petrificação. Neste sentido, o que está no inconsciente - o oculto, indeterminado - ao se tornar consciente - ser testemunhado por um olhar, faz uma oposição. “*É no oposto que acende a chama da vida*” (Jung, 1987, p.45).

2.1.1. Trabalhando a terra: o Plantão Psicológico e o plantonista

*Aconselhar – verbo, ação – condensa múltiplos significados. Desdobra-se e desloca-se em sentidos por vezes contraditórios, antagônicos. Próprio da linguagem é o duplo efeito de clareza e ambigüidade no qual se produz a comunicação humana. (...) Aconselhar vem do verbo latino **consiliare** e nos remete a **consilium**, que significa com/unidade, com/reunião.(...) nesse sentido, não significa fazer ou pensar pelo outro, mas fazer ou pensar **com** o outro (...) **compartilhar**. (Schmidt, 1987, p. ix, grifos da autora).*

O Plantão Psicológico é uma forma de atuação clínico-pedagógica que foi desenvolvida “*ao longo dos anos de existência do SAP*”¹⁶ (...) [e] integra

¹⁵ Pensando cura como restabelecimento do processo de elaboração que permite assumir uma atitude aberta em relação ao que se apresenta. Neste sentido, cura como flexibilização.

¹⁶ O plantão psicológico é uma prática que foi criada no Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade de São Paulo para atender a necessidade de oferecimento de estágio para os alunos da graduação do curso de Psicologia do IPUSP nas disciplinas de Aconselhamento Psicológico. A origem deste Serviço, segundo Morato (1999), se entrelaça, “*com a história da psicologia nacional*” (p.29).

atendimento à comunidade e formação de psicólogos” (Schmidt, 1999, p. 98). Foi sendo configurado a partir do que se verificava como necessidade nos diferentes momentos de sua realização¹⁷ (Eisenlohr, 1999), conforme afinava e desafinava.

Revela-se um espaço propício para a formação de psicólogos e atendimento à comunidade, promovendo encontros entre a demanda social, que está presente de várias formas, a todo momento, e o oferecimento de ajuda psicológica a estes pedidos, por parte dos alunos.¹⁸ Configura-se como um espaço de referência de atendimento à comunidade, uma vez que procura garantir aos clientes possibilidade de ajuda em momento de necessidade. Nessa perspectiva, não há lista de espera.

A prática da equipe do S.A.P. tem sido a de organizar o Serviço de Plantão Psicológico, acolher e acompanhar os alunos. A postura destes, por sua vez, é a de acolher os clientes da forma, no momento, com a postura, discurso, queixa, questão, procura, etc, como chegam, visando clarear, com eles, a sua busca por ajuda. Escutar, compreender/não compreender, permitir-se ser tocado pelo cliente e sua questão, da forma que for, abertos para compreenderem juntos o que se cala numa fala que clama por ser escutada e realizar o seu encaminhamento, são os modos possíveis de ajuda que os alunos oferecem aos clientes.

Remonta à luta pela identidade do psicólogo no contexto brasileiro, a luta por garantir “aos psicólogos a possibilidade de uma nova área de atuação profissional como uma alternativa distinta da orientação, da seleção, do diagnóstico e da psicoterapia” (p.29) e um lugar para a psicologia humanista no cenário brasileiro. Desde então, vem sendo realizado com os intuítos de formação, pesquisa e atendimento psicológico à comunidade.

¹⁷ Eisenlohr (1999), no capítulo “Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP: breve histórico de sua criação e mudanças ocorridas na década de 90”, relata um pedaço deste processo. Rosenberg, R.L. (1987), em “Biografia de um Serviço”, escreve sobre um período anterior a 1990. Atualmente, Plantão Psicológico é um Serviço oferecido uma vez na semana, sem necessidade de inscrição prévia por parte dos clientes. Os atendimentos são realizados por alunos dos 4º e/ou 5º ano das disciplinas de Aconselhamento Psicológico e por alunos de cursos de especialização ou aperfeiçoamento que são oferecidos pelo S.A.P. ou L.E.F.E. (Laboratório de Estudos de Prática Fenomenológico-Existencial) - com exceção do período de férias, quando a equipe se reveza no oferecimento do Serviço. Há supervisores que organizam o processo, no momento do plantão, e dão suporte ao plantonista ouvindo-o, acolhendo-o e/ou naquilo que for necessário. Os plantonistas (alunos) tem um grupo de supervisão semanal no qual os casos são discutidos e refletidos. Trata-se de um espaço criado para, segundo Schmidt (1999, p.101), possibilitar a elaboração de experiência de atendimento por parte dos alunos, permitindo que, segundo Morato (1999, p. 35), o aprendiz seja “o verdadeiro sujeito de sua própria experiência e aprendizagem”.

¹⁸ No CEPEUSP é realizado um trabalho com crianças que participam do Projeto Esporte-Talento, cuja proposta é de educação através do esporte para crianças carentes. O trabalho é realizado por

No Plantão Psicológico dá-se um intercâmbio das polaridades: falar/ouvir, num encontro norteado pela proposta de facilitar. O *facilitador* é capaz de criar um clima propício que favoreça o desenvolvimento do cliente através de um processo criativo conjunto (Schmidt, 1999, p.95). Cria um clima propício para que significações possam vir-a-ser e uma experiência possa ser feita.

Para Heidegger, fazer experiência com o que quer que seja não coincide com a obtenção de informações ou com a formulação de conceitos acerca de algo; fazer uma experiência consiste em ser **afetado**, e em ser **transformado**, deixando a coisa “vir sobre nós, para que nos caia em cima e nos faça outro”. Fazer uma experiência é um encontro com o outro na sua alteridade e, portanto, um acontecimento dramático (Figueiredo, 1994, p. 129, grifos do autor).

Deste modo, é uma “*fusão para dar nascimento*” tal qual escreve Morato (1999, p.67). Exige uma disposição para atender a uma demanda imprevisível e lançar-se na perspectiva do cliente que conta uma história, com o intuito de ouvir a alteridade de sua fala, podendo transformar e transformar-se. Trata-se da possibilidade de escutar a alteridade na mesmidade aparente, o diferente no habitual, o estranho no familiar. Trata-se, a meu ver, da possibilidade de efetuar o que Jung chama de uma escuta simbólica.

uma visão que interpreta a expressão simbólica como a melhor formulação possível de algo relativamente **desconhecido**, que não pode, por essa razão, ser mais claramente ou mais caracteristicamente representado, é **simbólica**. (...) Uma expressão que representa algo conhecido sempre continua a ser apenas um signo, e nunca é um símbolo (Whitmont, 1995, p. 18 - citando Jung, C.G., Psychological Types, par. 602).

Uma escuta que traga a possibilidade de emergência de simbolizações/metaforizações do inominado e inominável, em sua totalidade. Infindável porém aberta a dar, ainda que precariamente, “*figurabilidade*” ao

que se apresenta como enigma / símbolo - no caso, a queixa - através de “*respostas metaforizantes*” (Figueiredo, 1994, p.157).

Tudo isso em um campo delimitado. Seu limite é clarear a busca do cliente. Fronteira que é matriz e continente para que algo possa vir a ser. O fato de tratar-se de um processo intenso e ter, em seu horizonte, este fim, conduz o profissional a confrontar suas expectativas em relação a um processo de atendimento e costuma mudar sua visão das possibilidades de ajuda psicológica. Ajuda-o a ampliar a compreensão do seu papel na relação com o cliente, colocando-o como facilitador de um determinado momento do processo deste, cujos caminhos se descruzam e cada um continua sua trajetória.

Estando o cliente apropriado, de sua própria problemática e busca, é lançado na responsabilidade de decidir, junto com o plantonista, como deseja encaminhar seu próprio processo. A partir daí, plantonista e cliente caminham para despedir-se. É importante salientar que o sentido de encaminhamento, na presente proposta, não é necessariamente, a de indicação para a realização de algum tipo de trabalho psicológico. Pode ser o fim do processo de Plantão, quando o cliente considera que deseja caminhar por conta própria a partir do que se configurou no Plantão, ou a definição de um tipo de continuidade ao que se iniciou. O que define o fim do processo de Plantão é o esclarecimento da demanda do cliente: o que era a queixa, o problema, é ressignificado, transformando-se numa percepção mais ampla da própria situação e problemática. Cliente e plantonista avaliam, juntos, o encaminhamento do processo, considerando o que o cliente quer fazer com aquilo que percebeu sobre si. Neste sentido, são pensados caso a caso, não havendo uma resposta padrão, somente formas mais habituais – que são a de indicação para psicólogos particulares, cadastrados com o Serviço, ou da rede pública. No caso de indicação para algum profissional, o plantonista disponibiliza este acesso ao cliente - muitas vezes tendo que fazer uma busca sobre os recursos públicos ou privados disponíveis, o que começa a configurar uma rede de apoio em saúde mental. Desta forma, procura-se facilitar o processo do cliente e a formação do terapeuta.

Não é casualmente que esta forma de prática foi estruturada. Sua organização complementa e facilita a postura e a atitude do profissional, demandando seu comprometimento e ampliando a abrangência de seu atendimento.

Assim, tratar do trabalho em Plantão refere-se a tratar com o não conhecido: pelo cliente - aquilo a ser-lhe desvelado com a ajuda do plantonista; no encontro plantonista/cliente - que é único a cada vez; pelo plantonista – que está a partir de si, para além de si; nas repercussões em cada um destes âmbitos e para além deles; na proposta de Plantão.

O trabalho em Plantão¹⁹ pode ser ajudar o cliente a reconfigurar suas fala e queixa, ajudando-o a ressignificar o seu estar no mundo com outros; pode ser ajudá-lo a perceber sua dificuldade para fazer isto; pode ser clarear que tipo de recurso existente é interessante para ele, pode ser infinito. Varia dependendo de como o cliente chega, dependendo de qual é a sua questão, do que permanece “não formulado” e o que é decidido a partir daí. O trabalho do plantonista é preparar-se para ouvir o que fala e o que cala tanto no cliente quanto no tipo de encaminhamento possível para ele. Neste sentido, é preparar-se para o impreparável, tendo como suporte e norte as supervisões e a proposta de facilitar que o cliente clareie a sua busca.

2.2. Cultivar: o processo, em processo

Assenta-nos bem à modéstia achar que o novo não valerá o velho; ajusta-se à melhor prudência relegar o progresso no passado.

Guimarães Rosa.²⁰, “Prefácio Hipotrélico”.

O mais seguro é usar as [palavras] usadas, não sem um certo perigo cunham-se novas. Porque, aceitas, pouco louvor ao estilo acrescentam, e, rejeitadas, dão em farsa. Ousemos, contudo; pois, o Cícero diz, mesmo aquelas que a princípio parecem duras, vão com o uso amolecendo

Guimarães Rosa.²¹, “Prefácio Hipotrélico” (citando Quintiliano).

¹⁹ Para maiores esclarecimentos acerca da proposta de plantão, sugiro os seguintes livros, indicados na bibliografia: Rosenberg (1987); Morato (1999); Mahfoud (1999).

²⁰ Rosa, G. - *Tutaméia*.- p. 76 e 81.

Em se tratando de lançar-se ao desconhecido, ao não saber, há algo que se mantém comum e, neste sentido, pode ser ou tornar-se conhecido: o próprio estar em processo. O saber-se em processo é o que pode vir-a-ser conhecido no desconhecido e, neste sentido, dar-lhe suporte.

Segundo Figueiredo (1994, p.152), o processo é detonado por um acontecimento que é a própria “*ruptura e transição mesmas*”. Compreendo tratar-se do desconhecido e inominável. Algo é desconstruído e esta desconstrução, como tudo, implica num risco de desestruturação, que parece ser o que afasta a maioria das pessoas da possibilidade de lançar-se nele. Há um momento de imersão no caos até que uma ordem possa tomar forma. Momento de incompreensão, de trevas, de “não saber”.

A sustentação desta realidade pode permitir o surgimento da luz, a constituição de algum saber. Figueiredo (1994) fala da presença “*em suspenso*” que o acontecimento deixa, pois se mostra enquanto enigma que “*demand a tradução*”, demanda “*respostas metaforizantes capazes de dar uma certa e sempre precária figurabilidade ao enigma*” (p.157). Tais metaforizações, para ele, são possíveis através e a partir de uma fala: a *fala acontecimental*. “*Há uma fala que permite que o acontecimento ‘acabe de acontecer’ e se torne disponível para a simbolização e para a elaboração representativa*” (p.167). Neste sentido, pode haver uma “*palavra nomeadora que, acontecendo, meta-forize, efetue o trânsito e faça acontecer*”(p.166).

Segundo ele, “*enquanto a fala que faz acontecer, efetivamente **faz histórias**, as outras, no melhor dos casos, **contam histórias** mais ou menos plausíveis*” (p.168, grifos do autor).

Compreendo o que Figueiredo chama de *fala acontecimental* como algo que pode se dar para além de uma “fala falada”. Trata-se da possibilidade de construções fundada na desconstrução, da possibilidade de recriação de sentidos e do surgimento da luz a partir da experiência com as trevas. Incluo na compreensão de fala acontecimental o que Arendt (2000) nomeia como ação. São cadeias de acontecimentos que se desdobram a partir da vida, que não são previsíveis, nem explicáveis, mas que ganham contorno a medida em que podem ser compartilhadas e reconhecidas,

²¹ Rosa, G. - *Tutaméia*.- p. 76 e 81.

inclusive em sua impossibilidade de compreensão e em sua inexplicabilidade. Sendo, efetuam o trânsito e acontecem. Enquanto tal, “a fala que faz acontecer” pode ser falada pela vida.

Os questionamentos de Figueiredo a cerca da clínica e o pensamento de Jung a cerca da mitologia, alquimia, contos tradicionais, etc, despertaram-me, neste contexto, para os dispositivos culturais e artísticos, acervos da humanidade que guardam a possibilidade de *fazer história*, no sentido de metaforizar o vivido, *contando histórias*. Tratam-se de acervos da humanidade que remetem a questões da existência humana e que se mantêm comuns ao longo dos tempos. Abordagens que não pretendem explicar, mas sim ordenar e resignificar as grandes verdades que, há alguns tempos, todos acreditavam. Tempo esse “*em que as coisas eram bem menos conhecidas porém mais bem compreendidas*” (Larsen, 1991, p.1).

Ordenação e não explicação da experiência. Segundo Machado (1989, p.358, grifos do autor), a arte é um “*momento sintético onde se articula uma **forma** que traz conhecimento porque produz **ordenação** da experiência*”. Psicologia e arte, a partir desta definição, convergem, ao aproximarem-se da experiência e da condição humana, por essa perspectiva. Ordenar e nomear, sem explicar, sugerem que talvez a arte possa funcionar como a “palavra nomeadora” da qual fala Figueiredo, podendo possibilitar a saída da experiência do caos na ordenação da experiência.

Caminhemos um pouco mais, a partir deste foco, em alguns aspectos do terreno da arte.

2.3. Outro campo: a arte e o artista

A relativa inadaptação do artista significa para ele uma vantagem real, permite-lhe permanecer afastado da estrada principal, seguir seus próprios anseios e encontrar aquilo de que os outros, sem o saber, sentiam falta. Assim como no indivíduo a unilateralidade de sua atitude consciente é corrigida por reações inconscientes, assim a arte representa um processo de auto-regulação espiritual na vida das épocas e das nações (Jung, 1987(b), p.71).

Jung compreende a arte como um acervo da humanidade, capaz de dar a conhecer o desconhecido, o excluído da consciência; seja por ter sido descartado, reprimido, seja por nunca ter sido contatado. O artista é aquele que olha e testemunha algo que “não pertence”; ainda não foi metaforizado. Desta forma, coopera nas ressignificações e transformações sociais, dando a ver o que não é visto, ampliando possibilidades, trazendo símbolos da inconsciência coletiva para a consciência coletiva. Por dar voz ao que está na sombra, onde se encontra o oculto, o diferente, o lugar do artista (como o do psicólogo, mas de formas distintas) costuma ser de marginalizado na sociedade moderna. Muitas vezes, o que é por ele testemunhado, só é veracizado e a sua ação reconhecida, por gerações futuras.

O segredo da criação artística e de sua atuação consiste nessa possibilidade de reimmergir na condição originária da *participation mystique*, pois nesse plano não é o indivíduo, mas o povo que vibra com as vivências; não se trata mais aí das alegrias e dores do indivíduo, mas da vida de toda a humanidade. Por isso, a obra-prima é ao mesmo tempo objetiva e impessoal, tocando nosso ser mais profundo (Jung, 1987 a, p. 93, grifo do autor).

O artista, imergindo na conjunção de “*agoras (...)no qual se infiltram estilhaços do messiânico*” (Benjamin [1940], 1994, p.232)²², dá a conhecer algo que pertence ao fluxo da vida, da história e dos seres humanos e, permanece enquanto obra de arte, na cultura. Enquanto parte do inconsciente coletivo, não é o todo, mas o representa.

Nesta acepção, podemos dizer que o artista **faz história**.

²² Abordei este aspecto mencionado por Benjamin [1940], anteriormente, em “Um semente: o homem moderno”.

2.3.1. Outro modo de trabalhar a terra: os contos tradicionais e o contador de histórias

Obscuramente o homem pressentirá que ali se espelham acontecimentos em desdobramento no seu próprio e mais profundo íntimo. São essas ressonâncias que fazem o eterno fascínio dos contos de fada. (Nise da Silveira, 1994, p.128).

Os contos de tradição oral são obras de arte, de tempos imemoriais. Neles a imaginação criadora articula valores essenciais dos seres humanos, ao mesmo tempo em que acorda no ouvinte imagens que lhe são próprias. Possuem as mesmas características de qualquer obra de arte, pois “**são formas** ordenadas, estruturas simbólicas da relação do ser humano com o mundo” (Machado, 1989, p.5, grifo da autora).

Os contos tradicionais falam, “*cada um a seu modo, da aventura humana de dar forma ao desconhecido*” (Machado, 1989, p.5). Creio que os contos “aconselham” o homem em sua relação com o mundo com uma sabedoria que sobreviveu aos tempos e às mudanças na visão de mundo característica de cada época. Trata-se de uma sabedoria que, como as obras de arte, fala com os homens independente e através dos tempos.

Aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. (...) O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção (Benjamin [1936], 1994, p. 200/201).

A narrativa permite uma conexão com um feito incomum, extraordinário, heróico e exemplar – que tem cada vez menos lugar na troca entre os homens em nossa sociedade pela preocupação com a produção, consumo, fabricação. Através da exatidão da narrativa do extraordinário e do miraculoso (sem a imposição do contexto psicológico da ação), o leitor “*é livre para interpretar a história como bem quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação*” (Benjamin [1936], 1994, p. 203). A narração permite que o episódio entre por um

universo sem fronteiras nem direções conhecidas: o mundo individual, tocado pelo coletivo. Carta branca de trânsito pelo mundo do “entre”, entre os tempos, entre os homens, entre fantasia e realidade, que se cruzam e vagam harmoniosamente. Vivido e sonhado, possível e impossível, desejado e realizado, pessoal e coletivo, atual e remoto podem coexistir e ser, real e vivamente. Um mundo que é único, singular, pleno de significações e afetos, ao mesmo tempo em que seguro, acolhedor e coletivo. Pode propiciar, repito, “*o encontro do justo consigo mesmo*” (Benjamin [1936], 1994, p. 221), o encontro com o si mesmo.

Por sua vez, os contos tradicionais tratam de temas que pertencem à humanidade. Freitas (1987, p. 38) enuncia esta dinâmica singular-universal ao tratar de sonhos que contém símbolos universais - considere semelhante ao que pode ser pensado sobre contos tradicionais, e que são simples tanto quanto são profundos, permitindo que os símbolos, ali expressos, sejam compartilhados, ajudando a tirar os indivíduos do isolamento. Benjamin ([1936], 1994, p. 201) refere-se à questão do isolamento quando diferencia as origens da narrativa e do romance, dizendo que na primeira, a experiência do narrador é matéria prima para a narrativa e, no segundo, o romancista é um indivíduo isolado que “*não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes*”.

No mundo do possível se fala de “preocupações importantes”, fantasia e realidade convivem sem se sobreporem. Este diálogo é atualizado na forma narrativa dos contos tradicionais podendo mobilizar o ouvinte ao encontro consigo mesmo. Neste sentido, pode ser pensado como uma *fala acontecimental* e pode *fazer história*. Trata-se do possível, não enquanto realidade verificável ou verdade objetiva, mas de verdades experienciáveis e humanas, narradas simbolicamente.

As histórias despertam imagens internas e mobilizam o ser através da fantasia, da arte do encantamento, realizando como que um mundo artístico em desejo e em proposta. Um mundo que não pretende dominar as coisas nem as vontades humanas e, neste sentido, distinto da “realidade” e da técnica (Machado, 1989, p. 153/154). Um mundo que se oferece enquanto abertura; possibilidades a partir de uma narrativa que abre e fecha. Seus

contornos e limites dão continência para o desabrochar do que quer que eles provoquem na mente de quem os escuta. Permitem abertura a partir da continência que, por conter, possibilita que o que tiver que ser, seja. Este mundo não escolhe, não julga, não recrimina, aceita. Pode ser levado pela mente do ouvinte para onde este “quiser” conduzi-lo. Acolhe o que sempre foi, mas nunca foi percebido ou não foi, em outro momento, aceito. Neste sentido, as histórias, criando tal mundo, inserem, como diz Guimarães Rosa (1985, p.21), o “*habitual no diferente*”.

Através de suas estruturas ordenadas, os contos mostram dificuldades, persistência, heroísmo e outros temas que representam o percurso do homem em busca da *prima matéria*; a caminho de encontrar a meta da vida, a totalidade psíquica; a caminho da individuação²³ (von Franz, 1985, p.132). Sua estrutura reflete os traços humanos mais gerais e as mais básicas estruturas de comportamento (von Franz, 1985, p.22). “*Os diferentes contos dão ênfase maior ou menor às diversas etapas desse processo em constante desdobramento*” (Silveira, 1994, p.134).

Os personagens são “*possibilidades de percursos humanos*”²⁴. O herói-símbolo do conto de fadas tem a certeza de que tem que realizar aquilo a que se propõe, dispondo-se a pagar, por isso, com a própria vida. Abre-se para a verdade que se faz no caminhar, confiando sua vida a uma força e sabedoria maiores.

Por sua vez, Critelli (1996), falando do herói histórico, diz:

O herói só faz o gesto que é seu. Ele não empreende gestos de outros, não substitui ninguém, não é responsável senão por si mesmo. Mas, em cada gesto seu, apresenta-se a possibilidade aberta a toda humanidade, e que ele realiza (p. 103).

Como o herói, todos os personagens dos contos tradicionais mantêm abertas e vivas possibilidades de confiar e de ser a partir de uma verdade que é única e solitária, pois pessoal: a verdade do Ser. Sendo,

²³ Segundo Aufranc (1991), “A individuação é uma tendência natural, um movimento em direção à totalidade psíquica, ao *Self*, através da integração do consciente e do inconsciente. (...) O processo de individuação implica em tornar-se, um indivíduo, um todo indivisível, em tornar-se si mesmo” (p. 87).

²⁴ Anotação do curso dado por Regina Machado: A arte de contar histórias. USP, ECA, 1999.

conquistando, arriscando, acreditando, remetem à possibilidade existente em cada um de também ser, conquistar, acreditar. Neste sentido, os contos tradicionais apresentam possibilidades abertas a toda a humanidade.

Trata-se de um legado cultural que pode permitir,

movimento à nossa vida interior, e isso tem importância especial nos casos em que a vida interior está assustada, presa ou encurralada. As histórias lubrificam as engrenagens, fazem correr a adrenalina, mostram-nos a saída e, apesar das dificuldades, abrem para nós portas amplas em paredes anteriormente fechadas, aberturas que nos levam à terra dos sonhos, que conduzem ao amor e ao aprendizado, que nos devolvem à nossa verdadeira vida (Estés, 1997, p.36).

Os contos tradicionais, passeando com os homens por lugares desconhecidos, podem despertar potenciais latentes. Passeando por terrenos ameaçadores, podem despertar para a possibilidade de que é possível ultrapassá-los, ou ajudar no seu reconhecimento. Conduzem de forma segura - pois ancorada e lapidada ao longo dos tempos na e pela tradição narrativa - homens para o encontro com seus potenciais ou bloqueios. Ajudam a recuperar o colorido que dá vida a ações, o colorido da experiência de se estar vivo, da existência. Despertam, seduzem, sugerem, encantam. Encantam ao rememorar o que existe em cada um e as dificuldades de qualquer caminho. Colorem o preto e branco no qual costuma se transformar o potencial criativo e imaginativo dos adultos, conduzindo por caminhos e grutas, muitas vezes de difícil acesso, a lagos azuis que brilham e seduzem, cheios de magnetismo e beleza, que repousam nas entranhas de cada um; a encontros amorosos,...

Podem permitir o encontro com esta realidade, que é encantadora, para, como canta Oswaldo Montenegro na canção *Léo e Bia*, “no real achar seu lugar”.

2.3.2. Um fruto doce: efeitos curativos de contos tradicionais

Alguns contos, conhecidos como contos de moldura por terem uma história que apresenta e enquadra a existência e conexão de todas as demais histórias no eixo de uma narrativa, relatam “efeitos curativos” e transformadores. Um exemplo famoso deste tipo de conto é *As Mil e Uma Noites*. Nele, Chehrezad, uma jovem donzela, conta histórias para o rei Chahriar.

O rei Chahriar era justo e amado pelo seu povo. Diante da descoberta de traição de sua esposa, e sabendo que o mesmo ocorreria tanto com o seu irmão, rei Chahzaman, como com Afrit, gênio que havia raptado e aprisionado uma jovem para que ela não o traísse, mas ela o fazia enquanto ele estava dormindo,

a fim de prevenir qualquer futura traição, decidiu casar-se cada noite com uma nova donzela e mandar matá-la na aurora. (...) a tristeza e o horror encheram o reino. As famílias fugiram para salvar as filhas²⁵.

Chehrezad, então, ofereceu-se para ser entregue ao rei, como esposa, com o intuito de livrar as mulheres da morte. Pede que sua irmã permaneça com eles e peça-lhe para contar histórias, após o relacionamento íntimo entre o casal. Tudo acontece como o programado, e Chehrezad começa a contar, noite após noite, uma história que só termina na noite seguinte, quando já inicia outra. O rei, curioso e seduzido pelas histórias, poupa-a da morte a cada manhã. Isto se repete durante mil e uma noites, quando, finalmente, ela termina uma história sem começar outra. Então, pede ao rei que não a mate, e o rei, agora envolvido, retira tanto a sua pena de morte, com a de todas as mulheres do reino. Consolida sua união com Chehrezad e seus três filhos, que durante este tempo haviam nascido.

E ele e seu povo viveram na prosperidade e na alegria até que foram visitados pelo apagador das felicidades e o separador de parentes e amigos.²⁶

²⁵ Chalitta, M.(seleção e tradução) – *As Mil e uma Noites* – p. 32.

Segundo Von Franz (1985, p.116/117), no livro de contos tradicionais orientais *Tuti-Nameh* um papagaio conta histórias, dia após dia, para uma jovem ingênua, que pretende cometer adultério, cujo marido está passando um longo período longe de casa. Desta forma, o adultério é evitado bem como a morte da jovem pelo marido, no seu regresso.

Em ambos os casos, o contador de histórias consegue converter e reverter o destino que se anunciava. Os contadores, em ambos os livros, evidenciam “*uma tendência terapêutica, isto é, a de curar o ouvinte de sua ingenuidade, ou falta de sabedoria, em relação a certo aspecto da vida*” (Von Franz, 1985, p.116). A comparação das histórias sugere que o contador de histórias, por meio de indiretas, conduz os personagens-ouvintes dos contos a mudanças de percepções e, conseqüentemente, de atitudes no enfrentamento de suas problemáticas. Entretanto, isso só é possível se houver um ouvinte, um narrador e uma história que estabeleçam um diálogo entre si. De outra forma, não passam de um agrupamento de palavras sem sentido. Havendo um encontro entre estes três personagens - conto/contador/ouvinte, ele pode funcionar como a *fala acontecimental* que reconfigura sentidos, efetua o trânsito e faz acontecer.

²⁶ Chalitta, M. (seleção e tradução) – *As Mil e uma Noites* – p. 353.

3. UMA POSSIBILIDADE DE SEMEAR A TERRA: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

3.1. Uma filosofia de cultivo: aprendizagem significativa, efeito transformador

*Da minha idéia do mundo
Caí...
Vácuo além do profundo,
Sem ter Eu nem Ali...*

*Vácuo sem si-próprio, caos
De ser pensado como ser
Escada absoluta sem degraus...
Visão que se não pode ver...*

*Além-D'us! Além-D'us! Negra calma..
Clarão de Desconhecido...
Tudo tem outro sentido, ó alma,
Mesmo o ter-um-sentido...*

Fernando Pessoa ²⁷, "A queda".

A cura, transformação, crescimento, conhecimento, relações de troca - como os dos personagens de *As mil e uma noites* e *Tuti-nameh* - dependem da possibilidade de lançar-se ao outro, seja ele uma pessoa, uma história, um lado desconhecido - o outro em mim - ou outros "outros". Dependem da possibilidade de simplesmente *ser* em relação com o mundo e sustentar a insegurança à qual somos lançados, pois, há um tanto em nós que independe da razão e do controle que possamos desejar exercer sobre o mundo: simplesmente é e acontece.

²⁷ Pessoa, F. - *O Eu Profundo e os Outros Eus* – p. 80.

A possibilidade de conhecimento dentro da fenomenologia, como foi dito anteriormente, é compreendida na fluidez e fugacidade do aparecer dos entes no mundo, em relação a um olhar. Neste sentido, é fundada na ontologia humana e na teia de relações significativas na qual o homem se encontra imerso. Funda-se na relação olhar-ente, homem-mundo – com tudo o que cada um implica e tem implicado.

Pensando nesta perspectiva, a narrativa, a partir de sua autoridade e desenvolvimento, lança questões, permite intercâmbio com o ouvinte, afeta-o. Em oposição, a informação, em função da forma como é dada a conhecer, fecha portas para outras compreensões, vindo impregnada de explicações, só tendo valor no momento em que é nova (Benjamin [1936], 1994, p.204). É possível fazer uma analogia destas perspectivas da informação e da narração com a aprendizagem.

A aprendizagem de conceitos, modelos, fórmulas, regras e exceções que fazem parte do cotidiano de mestres/professores ou terapeutas e aprendizes/ alunos ou clientes, podem ser propostas e vivenciadas como informações, ou seja, como conhecimentos e explicações da realidade a serem assimilados pelo aprendiz. Tendem a tornar os ouvintes/alunos como mortos-vivos na aprendizagem, ameaçando-lhes o crescimento e criatividade. Começam a inseri-los em um modo de ser no mundo com verdades das quais é possível tomar posse e vender.

No entanto, a aprendizagem dos mesmos conceitos, modelos, fórmulas, etc. pode chegar aos aprendizes da forma como a narrativa chega aos ouvintes: cheia de vida. Isto depende da possibilidade de como ser explorada e ser dada a conhecer. Depende da possibilidade do aprendiz poder recriá-la e compreendê-la a partir de suas próprias experiências. Neste sentido, presente, passado e futuro se integram no momento em que um novo símbolo pode ser vivido e desvelado pelo aprendiz, ao mesmo tempo em que o inserem no mundo com a possibilidade de conhecê-lo e transformá-lo. Trata-se de uma aprendizagem que vem da experiência e, na medida em que abarca a recriação do conceito, imprime marcas na personalidade do aprendiz como um todo, transformando-o e transformando-se. Neste sentido, Rogers (1978) fala de *aprendizagem significativa*,

referindo-se à aprendizagem que provêm da experiência, sendo, assim, plena de significações. Segundo Morato (1999) há um aprofundamento do sentido dessa aprendizagem.

Na concepção de Gendlin, aprendizagem significativa seria processo de compreensão e conhecimento para atribuição de sentido a relações e situações experienciadas. Ou seja, aprendizagem significativa é uma ação compreensivamente articulada, permitindo ao homem aberturas ou mudanças pela experiência de encontro consigo mesmo, com o mundo e com outros homens. Uma tal compreensão possibilita que se aprenda nas situações experienciadas, nas quais, podendo “trazer-se de volta” (atualizar o passado) para, lançando-se adiante (projetando-se no futuro), transformar-se. Nesta perspectiva, compreender algo na própria ação propicia, ao mesmo tempo, uma compreensão de si e de seu modo de ser humano em meio a outros. Dessa forma, aprendizagem significativa é criação de sentido, no qual afeto e cognição articulam-se abrindo espaço para aproximações entre pedagógico e psicológico (Morato, 1999, p.36).

Tal aprendizagem inclui a possibilidade do não saber, do ser afetado e permanecer no afetamento, da desconstrução, da reconstrução, do desalojamento, com todo o estranhamento que este processo pode causar. Estranhamento, mas abertura e, neste sentido, incômodo, mas esperança.

Estas são as bases para a formação que tem como foco o aprendiz em sua multiplicidade de experiências e aprendizagem. Experiência é, aqui, compreendida como esta qualidade de relação que, dialogando com o real, é capaz de modificar e ser modificada, transformar e ser transformada, reconfigurar aprendiz e mundo. Neste sentido, todo conceito ao ser aprendido, é, na realidade, recriado, desvelado.

Os conhecimentos existentes, como por exemplo, o pensamento de um autor, podem intermediar o acesso ao mundo, se recriados. De outra forma, tratam de mera repetição. Enquanto repetição, viver torna-se, segundo Guimarães Rosa (1985, p.77), “*encargo de pouco proveito e muito desempenho, não nos dando por ora lazer para nos ocuparmos em aumentar a riqueza, beleza e expressividade da língua*”, da vida e do mundo.

Neste sentido, ultrapassa-se a visão do especialista que se liga à égide da explicação e da não-reflexão. Há a conexão com a possibilidade de ouvir aos outros e a si mesmo, na perspectiva da formação, permitindo o

encontro com o outro em si, com a alteridade. Não se trata somente do que é ensinado, mas da perspectiva e da maneira e forma como é ensinado. Deste modo, podemos falar em criatividade, em criação, em aprendizagem significativa e em conhecimento.

Formar é proporcionar uma forma, mas não é modelar uma forma. Ao formar estamos oferecendo um **continente** e uma **matriz** a partir dos quais algo possa **vir-a-ser** (Figueiredo, 1996, p. 117, grifos do autor).

3.2. Uma técnica de cultivo: formação em ação, contadores de histórias

A narrativa (...) não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador. (Benjamin [1936], 1994, p.205).

Alguns professores procuram desenvolver formas de facilitação de aprendizagem, de se oferecerem enquanto continente, na tentativa de recuperar a cor desta experiência que se encontra desvitalizada nos modelos tradicionais de ensino. Para tanto, há que se efetivar o resgate de qualidades pessoais adormecidas, de forma a flexibilizar-se e acreditar no próprio potencial criativo para poder confiar no potencial do outro (aluno). Há que se buscar as matizes e cores guardadas no interior do ser para pintar e ensinar a arte da pintura. Só assim é possível se oferecer enquanto continente e amparo para uma abertura por parte dos alunos. Servir como “chão acolchoado”, permitindo a experimentação de acrobacias, ante a segurança de amortecimento de possíveis quedas. Inventar e ensinar

acrobacias. Lançar-se no ar, preso por cordas e brincar. Começar, acreditar, ousar.

Com o intuito de exemplificar uma proposta, que visa a formação de profissionais, balizada no lançar-se à experiência, enquanto pedra fundamental de uma relação de ensino/aprendizagem e, conseqüentemente, de uma prática profissional, citarei alguns aspectos do trabalho de Regina Machado, professora de Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e contadora de histórias. Esta alusão visa apresentar uma relação de ensino/aprendizagem que passa pela experiência e busca proporcionar uma aprendizagem que possa ser significativa.

Em sua tese de doutorado²⁸, a autora, trabalha a questão da formação de professores de arte-educação utilizando, para isso, os contos tradicionais como recurso para desenvolver uma “pedagogia do imaginário”. Dentre uma riqueza de reflexões, propõe um método de formação para este público. Pretende, com seu trabalho, resgatar a possibilidade de uma atuação flexível, criativa e enraizada significativamente.

Tal significação é conquistada pelo professor de Arte, quando sua formação integra teoria e prática dentro de uma atividade criadora, na qual reflexão e imaginação se constituem nos dois lados de uma mesma moeda, realizando a completude de um experiência de aprendizagem (Machado, 1989, p.4).

A elaboração do material, para ela, “*é resultado da variedade de exploração*” (p.337). Propõe várias formas de explorar os contos tradicionais, intensificando o diálogo entre o material a ser estudado e o profissional, a partir de seus cruzamentos, afastamentos, intersecções. Aproximo esta intenção ao que Morato (1999, p.67) chama de “*fusão para dar nascimento*”: um intercâmbio que transforma o material estudado em único, pois visto a partir do olhar daquele explorador. Ao mesmo tempo, o material é universal e preservado. Não é transformado, mas recriado por aquele que o vê, a partir de sua própria lente.

²⁸ O tema da dissertação de doutorado de Machado (1989) refere-se à arte educação e o conto de tradição oral. Nesta, ela trata da questão da aprendizagem significativa de professores de arte, através de contos tradicionais.

Em seu trabalho, Machado facilita uma interação com sentido, pois considera as especificidades e contribuições dos participantes em suas singularidades, de forma intensa, profunda e transformadora. Assim, trata-se de uma prática voltada para a formação de profissionais - preocupada em instrumentalizá-los para sua carreira profissional, e não para o oferecimento de informações – que exigem que se recorra ao especialista para atualizá-las para obter técnicas a serem seguidas.

Para tanto, a autora propõe alguns recursos para o trabalho com o conto, cuja proposta descreverei, sintética e exemplarmente, pela possibilidade que me abriu para uma ousadia metodológica como aprendizagem e sentido deste trabalho - conforme descreverei adiante (capítulo – A técnica escolhida: a metodologia utilizada).

Após a leitura inicial do conto, a autora propõe a divisão do trabalho em dois grandes eixos: espaço e personagens. Com cada eixo, cria formas de exploração com o intuito de proporcionar o intercâmbio de percepções de objetos externos com a vivificação de imagens internas, através da observação. Observação é por ela entendida como “*VIVÊNCIA de uma situação, contato, comunicação com o que é observado*” (p.332, grifos da autora), de forma a possibilitar ver além do imediato e condicionado. “*É perceber as QUALIDADES dinâmicas, aquilo que confere SENTIDO à existência daquela forma, o que esta forma ‘ESTÁ DIZENDO’ essencialmente*” (p.332, grifos da autora). Propõe um olhar atento e não perdido. Um olhar simbólico, que se detenha naquilo a que se dirige e que possa ver o que vê.

Machado (1989, p.332) propõe o trabalho com o eixo do espaço, considerando-o segundo seus vários sentidos:

o espaço do desenho das histórias, o espaço dos climas, o espaço sequencial da idéia do conto como lugar do tempo da narração, o espaço físico propriamente dito de cada parte da história, o espaço afetivo de cada parte da história.

Sugere algumas formas de trabalhá-los no tocante à percepção, afetividade, pensamento e imaginação. Dentre elas, a gráfica, a de movimentos corporais e pesquisa sonora.

No trabalho com os personagens, procura facilitar a percepção de qualidades humanas essenciais que, como exemplares, permitem flexibilizar visões estereotipadas e refletir sobre valores humanos fundamentais. Este trabalho é realizado a partir da experiência com os personagens, ou atributos dos mesmos, usando panos, música, desenhos, formatos de objetos que possam representá-los significativamente, etc.

Outra proposta de exploração de Machado é a divisão do texto em 8 partes e a realização de um desenho síntese de cada parte. Visa a observação de cada trecho e, em cada um, a discriminação daquilo que é central e do que é secundário, na percepção do aluno. Explora, assim, a significação através da síntese.

Trabalha também com analogias e clima, propondo a articulação entre as sínteses e conceitos, princípios e objetivos norteadores do trabalho. Analogias, segundo ela, são equivalências de idéias em planos significativos distintos, dentro de um mesmo princípio. *“Só posso formular uma analogia a partir da compreensão da SIGNIFICAÇÃO ESSENCIAL de cada coisa envolvida [em uma] relação”* (Machado, 1989, p.340, grifos da autora). Por exemplo, a trilha sonora de um filme que passa uma idéia de tranquilidade associada a uma cena, iluminação, etc., com a mesma conotação, tratam-se de transposições analógicas de uma palavra (texto escrito) para um movimento, um som, uma iluminação, etc. Esta composição de elementos analógicos compoem um cenário que comunica uma mensagem.

O mesmo se passa em um trabalho como o que estou realizando: uso de diferentes analogias para comunicar o que pretendo, em vários planos significativos – poesias, teorias, recursos gráficos, etc., visando a comunicação, reflexão e apropriação de conhecimento – idéias, sentimentos, percepções, articulações. Tal movimento ajuda a clarear o próprio curso do conhecimento, dar-lhe direção e sentido – ele não existe à priori, mas se faz no caminhar.

Como o clima que

é entendido como a expressão da TOTALIDADE de uma determinada situação (...) Um clima é apreendido e não explicado ou analisado. É uma apreensão sintética, intuitiva, não verbal, que REVELA aspectos significativos que, muitas vezes, não aparecem quando alguém é solicitado a definir verbalmente as características de uma determinada situação. (Machado, 1989, p.340/341, grifos da autora).

Tal riqueza metodológica se configura como possibilidade de encontro do justo com ele mesmo, e leva-me a pensar no quanto o psicólogo acaba se fixando na maneira tradicional de atender seus clientes e, muitas vezes, nos métodos tradicionais de ensino, deixando de aproveitar recursos para explorar-se, bem como a seus clientes e alunos. No quanto, muitas vezes, os esforços se dão na criação e compreensão teórica e psicodinâmica dos clientes, ou na atenção para a relação cliente-terapeuta, que são muito importantes, porém, deixam lacunas no tocante a como agir na prática a partir de tudo o que foi compreendido e refletido. Flexibilizar e dinamizar a visão do campo psicológico, ultrapassando estereótipos, é, a meu ver, um grande passo no sentido de poder fazer o mesmo com os clientes, alunos, etc.

Com estas considerações, delineou-se como é que histórias, contadores, narração, ouvintes, podem configurar possibilidades de encontro do indivíduo com ele mesmo, ou seja, de uma formação em ação de pessoas e/ou profissionais.

PARTE III

CULTIVANDO O CAMPO: AÇÃO E INVESTIGAÇÃO

1. EXPERIMENTANDO OUTROS CULTIVOS: A QUESTÃO

“... quebrava a ordem das desordens.”

Guimarães Rosa²⁹, “Barra da Vaca”.

Neste momento o agricultor se pergunta como seria plantar a semente de um campo no outro... As questões se recolocam.

Qual a possibilidade de contribuição da psicologia no contexto atual?

Que repercussões provocariam nos clientes que buscam um atendimento psicológico, se ao invés e/ou além de uma sessão lhes fosse oferecido um contato com uma obra de arte? Quais as repercussões de uma vivência como esta no contexto de busca por ajuda psicológica? Como isto poderia promover outras reflexões sobre a prática do psicólogo?

Para estas reflexões, foram realizadas entrevistas com clientes após receberem atenção e acolhimento ao seu pedido de ajuda através de: uma sessão de Plantão Psicológico e/ou presenciarem a apresentação de um

conto tradicional realizado por uma contadora de histórias. Estas entrevistas foram propostas como forma de acesso a suas experiências, pretendendo-se, com isso, iluminar as questões norteadoras deste trabalho.

²⁹ Rosa, G., 1985, p. 36.

2. FERRAMENTAS NECESSÁRIAS

2.1. Uma forma de irrigação: a história escolhida

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
D'eus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Fernando Pessoa³⁰, “Mar Português”,

A história contada foi um conto tibetano chamado “O quadro de pano”
(Bonaventure, 1992, p.26).

³⁰ Pessoa, F. , 1999, p.9.

O QUADRO DE PANO

Havia uma vez, numa região árida aos pés das montanhas, uma pobre viúva que tinha três filhos. O maior não prestava para grande coisa e tampouco o segundo. O caçula é que era filho carinhoso e trabalhador, que sempre procurava ajudar a mãe no que podia. A mãe ficava tecendo o dia todo, fazendo brotar de seus dedos flores maravilhosas, pássaros e bichos de todo tipo; levava os seus tecidos prontos para a feira de uma cidade vizinha, recebendo em troca dinheiro suficiente para comprar comida para ela e para os filhos.

O caçula costumava ir catar lenha numa floresta próxima, enquanto os outros dois irmãos se espreguiçavam ao sol, esperando que a mãe providenciasse comida.

Um dia, a mãe acabou de vender seus brocados um pouco mais cedo que de costume e foi, então, dar uma volta pela feira, procurando um vendedor que oferecesse arroz mais barato. De repente, seus olhos pousaram numa linda tela pendurada numa loja. Aproximou-se para ver melhor. Era um quadro reproduzindo uma montanha parecida com a que havia atrás de sua aldeia, só que perto dela, em vez de cabanas pobres, havia um grupo de lindas casas limpinhas. Entre elas, a mais bonita era uma casa de andares, situada no meio de um jardim, atravessado por um riacho prateado, que formava um pequeno lago no qual se agitavam peixinhos vermelhos. Aves de galinheiro ciscavam aqui e acolá, e belas ovelhas brancas pastavam nas ladeiras da montanha; campos de milho dourado se estendiam a perder de vista. Culminando essa tela idílica, havia no topo da montanha, um grande sol de fogo.

A mãe ficou pasma com a beleza do quadro, e não se cansava de olhá-lo. Sem hesitar um minuto, tirou todo o dinheiro que tinha no bolso e que acabara de receber pelos próprios tecidos, e comprou o quadro. Só lhe sobraram algumas moedinhas para comprar um pouco de arroz para levar para casa. "Só uma vez", pensava, "não será tão terrível. Na próxima vez comprarei alguma coisa melhor para meus filhos". No caminho, parava de vez em quando para desenrolar o quadro e admirá-lo. Como as casas

brilhavam! Como o riacho cintilava! Contava quantas galinhas havia, quantos patos, e olhava para a pequena horta com seus belos legumes, tendo até a impressão de que podia sentir o perfume das flores que embelezavam o jardim. Nunca tinha se sentindo tão feliz em sua vida.

Em casa, a mãe pendurou o quadro perto da porta. Não conseguia tirar os olhos de lá. Os dois filhos maiores resmungaram e acharam ridículo gastar tanto dinheiro só para comprar um quadro, mas o caçula declarou:

- “Gostaria que você tivesse uma casa parecida com a desse quadro, mamãe, com um jardim igualzinho. Se eu fosse você, teceria um quadro de pano usando este aqui como modelo. Enquanto você estiver tecendo a casa, as flores, o riacho e as galinhas, você terá a impressão de já ser dona de tudo isso”.

- “Não fique pondo essas idéias na cabeça da mãe” - falou o filho mais velho bocejando. “Se ela começar a tecer por prazer, onde é que vamos encontrar dinheiro para viver?”

- “É claro” - opinou o segundo filho. “Se a mãe quer viver como uma grande dama, que espere pela outra vida. Talvez seja melhor do que esta!”

No entanto a idéia do filho caçula a seduzia.

- “Não temam, meus filhos, que eu vá prejudicá-los” - ela falou, para acalmá-los. “Vou tecer à noite e de manhãzinha para o meu prazer, e o resto do dia, para alimentá-los. Até agora alimentei vocês e vou continuar a fazê-lo”.

Então ela comprou os fios mais lindos e pôs se a tecer.

A mãe passou um longo ano sentada tecendo. De noite, acendia uma tocha, cuja fumaça provocava lágrimas em seus olhos. Uma a uma, as gotas cristalinas caíam sobre o pano que estava tecendo e ela as ia incorporando ao quadro. Foi assim que teceu o lago e o riacho, com suas lágrimas.

No segundo ano, os pobres olhos da mãe estavam tão irritados, que até sangravam. E lágrimas vermelhas caíam sobre o brocado que ela tecia. A mãe as ia incorporando ao quadro, tecendo flores vermelhas e o sol que iluminava o céu.

No terceiro ano, o quadro estava terminado. Continha tudo o que estava no modelo: uma região cheia de verduras ao pé de uma alta

montanha, casinhas que pareciam de prata, campos de milho dourado, jardins com legumes, árvores frutíferas, arbustos floridos e, à beira da aldeia, no lugar da pobre cabana da mãe... havia uma grande construção, com colunas vermelhas, portas amarelas e telhado azul. Atrás da casa, nas ladeiras verdes da montanha, pastavam ovelhas, búfalos e vacas; pintinhos amarelos e patinhos brincavam na grama, e pássaros cruzavam o céu em vôo rápido. Em primeiro plano havia um jardim cheio de árvores e flores brilhantes e, no centro, um laguinho com peixinhos vermelhos; um riacho prateado atravessava os campos de arroz. Atrás da aldeia havia campos de milho dourado e, bem acima, um sol de cobre que brilhava num céu azul.

A mãe enxugou os olhos avermelhados e exibiu um sorriso de satisfação:

- “Venham ver como está bonito, meus filhos!”

Os três filhos aproximaram-se e deram um grito de admiração.

- “Quanto dinheiro dariam por isso, se você o vendesse?” - perguntou o filho mais velho.

- “Por uma coisa assim, você poderá ganhar uma bela soma” - confirmou o segundo filho.

Mas o caçula declarou:

- “A nossa mãe construiu uma casa de seda para nós. Vamos contemplá-la e viveremos nela em pensamento”.

- “Teci este quadro para meu prazer e não quero vendê-lo” - disse a mãe. “Mas, aqui na penumbra não se enxerga muito bem tudo o que há nele. Vamos levá-lo para fora, para a luz do dia”.

A mãe pendurou o quadro fora da casa e todas as cores ficaram mais intensas. Lá, à luz do dia, é que se podia ver realmente o quanto era bonito o quadro. Os vizinhos vieram admirá-lo e cada um cumprimentava a mãe, que sorria de felicidade.

De repente, ela sentiu no rosto a carícia de uma brisa leve, o pano de seda balançou, um vento mais forte o sacudiu como um tapete que se tira o pó e, por fim, ele foi arrancado da porta onde estava pendurado. Num instante, o quadro saiu voando pelos ares.

A mãe deu um grito e desmaiou. Os vizinhos saíram em todas as direções procurando o quadro de pano, os filhos procuraram por toda a redondeza, mas ninguém encontrou o quadro de seda da mãe.

Depois do sumiço, a mãe começou a vagar como uma alma penada. O caçula tentava consolá-la como podia, preparando sopas de gengibre, mas a mãe ia definhando rapidamente.

Após algum tempo, a mãe falou para o filho mais velho:

- “Filho, se você quer que eu viva, vá procurar o meu quadro de pano e o traga de volta. Sem ele, é como se eu tivesse perdido uma parte de minha vida”.

O filho calçou suas sandálias e saiu em direção ao leste. Andou meses a fio, até chegar a um desfiladeiro, onde havia uma casinha de pedra. Na frente da casa havia um cavalo esticando o pescoço em direção a uns morangos. “Por que o cavalo não come os morangos?” perguntou o rapaz a si próprio. “Por que será que fica assim esticando o pescoço de boca aberta?” Ao se aproximar, constatou que o cavalo era de pedra. Ficou muito surpreso com isso. Enquanto estava lá contemplando o cavalo, estarrecido, uma velha sorridente saiu da casa de pedra.

- “O que você está procurando, meu filho?” - ela perguntou, cordialmente.

- “Estou procurando um quadro de pano que nossa mãe teceu” - respondeu o filho mais velho. “Nele minha mãe tinha reproduzido uma paisagem com uma casa, um riacho, um jardim, aves, o sol e as flores. Para ela fazer esse quadro, não comemos bem durante anos. Mal ela acabou de tecê-lo, o vento o levou, D’eus sabe para onde. Mamãe me pediu para procurá-lo. Por acaso não sabe onde ele está?”

- “Sim, sei” - falou a velha balançando a cabeça. “Foram as fadas da Montanha Ensolarada que pegaram emprestado o quadro. Querem usá-lo como modelo para tecerem um brocado igualmente bonito”.

- “Fico feliz em saber para onde dirigir meus passos para reencontrá-lo” - disse o irmão mais velho, com um suspiro de alívio. “A senhora poderia me indicar o caminho da Montanha Ensolarada? Quero ir logo lá, só assim vou ficar tranquilo”.

- “É fácil dizer, mas difícil de realizar” - disse a velha com um sorriso silencioso. “Só se pode chegar lá montado neste cavalo aqui”.

- “Mas, esse cavalo é de pedra!” - observou o irmão mais velho.

- “Pouco importa” - disse a velha. “O cavalo voltará à vida assim que você implantar seus dentes na gengiva dele, para que ele possa comer os morangos. Se você quiser, eu ajudo arrancar seus dentes com uma pedra”.

O filho mais velho olhou para a velha espantado. Seus joelhos tremiam.

- “E isto ainda não é nada” - continuou a velha, parecendo não ter percebido o espanto do rapaz. “O cavalo fará você atravessar as chamas de um vulcão e o gelo de um geleira, e só depois, além do mar, você vai encontrar a Montanha Ensolarada e as fadas. Agora, se durante o percurso você suspirar uma vez apenas, as chamas vão reduzi-lo a cinzas, os pedaços de gelo da geleira vão quebrá-lo todo e as ondas do mar vão afogá-lo”.

O filho mais velho recuou dois passos, olhando para o caminho por onde tinha vindo. A velha sorriu:

- “Se você não estiver disposto, não se esforce! Melhor voltar para casa. Eu vou lhe dar uma caixinha cheia de moedas de ouro para sua caminhada”.

- “A Sra. vai me dar, sem mais nem menos, estas moedas, sem nada em troca?” - perguntou o irmão mais velho, incrédulo, mas seduzido.

- “Sim, assim, por nada. Ou, se você quiser, para que você coma e não sinta fome” - respondeu a estranha velhinha.

- “De fato, é verdade, prefiro voltar para casa” - disse o irmão mais velho, pegando as moedas de ouro e sumindo pelo mesmo caminho pelo qual tinha vindo. Ao chegar numa encruzilhada, falou para si mesmo: “Para uma pessoa apenas, estas moedas são suficientes, mas para quatro são poucas. Melhor eu ir à cidade do que voltar para casa. Vou viver como um senhor!” E tomou o caminho que levava à cidade.

Vendo, com o tempo, que o filho mais velho não voltava, um dia a mãe falou para o segundo:

- "Seu irmão está viajando, D'eus sabe onde. Sem dúvida se esqueceu de nós. Vá, meu filho, vá ver se encontra meu belo quadro de pano".

O filho do meio calçou suas sandálias e se pôs a caminho. Andou um dia, uma semana, um mês, e chegou à casinha de pedra. Viu o cavalo de pedra esticando o pescoço em direção aos morangos. A velha apareceu na porta, perguntando:

- "Que bons ventos o trazem por aqui, meu filho?"

- "Estou à procura de um quadro de pano que minha mãe teceu. O vento o levou" - respondeu o segundo filho.

- "Seu irmão mais velho já passou por aqui" - disse a velha com um suspiro - "mas teve medo de ir reconquistar o quadro de pano, por que teria que atravessar chamas e geleiras montado naquele cavalo".

- "Mas é um cavalo de pedra" - estranhou o filho do meio.

- "Se você deixar eu arrancar seus dentes com uma pedra para implantá-los no cavalo, ele reviverá, comerá os morangos e poderá levá-lo até as fadas da Montanha Ensolarada, que irão lhe devolver o quadro".

- "Era só o que faltava, deixar extrair meus dentes!" - disse o irmão do meio alarmado. "Prefiro voltar para casa".

- "Neste caso, vou lhe dar um cofrezinho cheio de moedas de ouro. Seu irmão também as recebeu".

"Então foi por isso que meu irmão não voltou para casa", pensou o irmão do meio. "E fez bem. Aproveitou melhor seu dinheiro em outro lugar." Então o irmão do meio pegou a caixinha com as moedas de ouro que lhe oferecia a velha e agradeceu educadamente, pensando em sumir o mais rapidamente possível de lá e ir direto para a cidade. "Agora vou aproveitar a vida! Por que iria repartir com os outros? "

Ao cabo de mais um mês, a mãe chamou o caçula e lhe disse:

- "Filho, me sinto fraca como uma mosca e, se não encontrar o meu quadro, creio que não vou resistir por muito tempo mais. Meus dois filhos maiores devem estar passeando, quem sabe onde? Sem dúvida se esqueceram de nós. Em você, sempre tive mais confiança. Vá, pois, à procura de meu quadro".

O filho caçula calçou suas sandálias e partiu. Chegou ao desfiladeiro em frente à casinha de pedra e do cavalo de pedra com o pescoço esticado para os morangos. Na porta da casa se encontrava a velha, que parecia esperar por ele. Ela o recebeu dizendo:

- “O caminho que leva para o quadro de pano é difícil. Os seus irmãos maiores preferiram receber de mim uma caixinha com moedas de ouro e ir gastá-las na cidade”.

- “Eu não temo nada” - disse o caçula - “e não preciso de ouro. As moedas de ouro não irão devolver a saúde a minha mãe. Mas, que devo fazer para recuperar o quadro de brocado?”

A velha explicou ao caçula o caminho que atravessava a chama e o gelo. Também lhe disse que poderia reanimar o cavalo se arrancasse os próprios dentes e os implantasse na boca do cavalo. Mal acabara de lhe dar essa explicação, o rapaz já tinha pego uma pedra, quebrado os seus dentes e implantado na boca do cavalo. O cavalo se reanimou, engoliu os dez morangos e o rapaz montou nele, partindo imediatamente, rápido como o próprio vento.

- “Não se esqueça, não pode dar nenhum suspiro, mesmo que as chamas estejam queimando você ou o gelo ferindo seu corpo, senão você vai morrer!” - gritou a velhinha.

Ofegante, o moço cavalgava cada vez mais para o interior de rochedos, até chegar a um lugar cheio de chamas que saíam das entranhas da terra. O rapaz incitou o cavalo e atravessou a muralha de fogo. As chamas o queimavam e o asfixiavam, mas ele não deu nenhum suspiro. Já estava achando que as chamas iam acabar com ele, quando o cavalo deu um grande salto e eles foram parar num caminho bem estreito e bem sombrio por entre os rochedos. O caçula enxugou o suor da face e respirou a pleno pulmões, o ar fresco, incitando, depois de novo, o cavalo a continuarem a corrida. Andaram assim por muito, muito tempo, até que o rapaz começou a sentir um ar gelado. Ao longe ouvia-se um barulho estrondoso. Mais uma vez deu uma esporada no cavalo. Corriam como o vento, quando de repente o caminho estreito entre as rochas se abriu. O cavalo parou de supetão. O rapaz começou a tremer de frio. Olhando em

volta, percebeu que se encontravam em meio de uma inundação marinha. Até onde a vista podia alcançar, só se via gelo. Era uma imensa geleira com enormes *icebergs* ameaçadores que se chocavam com grande estrondo. Do outro lado da geleira, avistava-se, bem de longe, uma alta montanha verde inundada pelo sol. “É a Montanha Ensolarada”, exclamou o caçula. “Rápido meu querido cavalo, estamos quase chegando!” O cavalo, sem hesitar, jogou-se nas ondas geladas. Aquele gelo movediço queimava e feria a pele do cavaleiro, as ondas sacudiam-no e ameaçavam jogá-lo do alto do cavalo. Mas, o rapaz cerrou a boca e não deixou nenhum suspiro escapar da seus lábios. Quando já estava quase se afogando o rapaz conseguiu alcançar a margem. O bom sol secou as roupas, cicatrizou as feridas e, antes que ele pudesse compreender o que se passava, já se encontrava no topo da montanha. Diante de seus olhos brilhava um palácio de cristal e, vindos do jardim, ouviam-se risos e cantos de umas jovens.

O rapaz entrou pelo portal de honra do pátio e apeou do cavalo. Viu na sua frente um grupo de belas moças ocupadas em tecer um pano. No meio delas encontrava-se o quadro de sua mãe. Ao perceberem o rapaz, as moças abandonaram seus teares e vieram ao seu encontro, rindo. Uma delas, bem miudinha, com vestido vermelho, encantou-o particularmente. A seguir, uma bela dama aproximou-se do rapaz. Ela usava um vestido brilhante como os reflexos do sol no mar. Seus cabelos compridos estavam presos por pente de ouro.

- “Sou a rainha das fadas” - disse. “Nunca ninguém vem aqui. Por que você empreendeu esta viagem tão cheia de perigos?”

- “Vim à procura do quadro de pano de minha mãe” - disse o rapaz. “O vento trouxe-o até vocês e minha mãe ficou doente por causa disso”.

- “Não foi por mero acaso que o vento levou o quadro de pano de sua mãe, fomos nós que ordenamos que fizesse isso. Queríamos nos servir dele como modelo para tecermos um lindo quadro. Se você puder emprestá-lo por mais esta noite, amanhã poderá levá-lo embora. Enquanto isso, você é nosso hóspede” - falou sorrindo a rainha.

O rapaz parecia viver um sonho. As fadas o rodearam rindo e fizeram com que provasse o néctar e a ambrosia, como convém aos imortais. Logo

em seguida continuaram seu trabalho. Ficaram tecendo a tarde toda. Ao cair o crepúsculo, suspenderam no teto uma pérola que brilhava na noite, para poderem continuar tecendo até meia noite. O rapaz estava esgotado de tantas emoções e adormeceu sem perceber. Enquanto isso as fadinhas acabavam uma após outra, seu trabalho no tear, indo se deitar. Somente a mais jovem ficou acordada, aquela que tinha agradado ao rapaz à primeira vista. Ela ficou olhando o quadro da mãe. Nenhuma fada tinha conseguido tecer um quadro tão lindo como o da mãe. Nenhum riacho brilhava tanto quanto aquele que tinha sido tecido com suas lágrimas, e nenhum sol queimava tanto quanto o que fora tecido com as lágrimas de sangue dela. A jovem olhou o rapaz adormecido e teve uma idéia. Pegou um fio e bordou no quadro da mãe uma fadinha de vestido vermelho, em pé, perto do lago, olhando para os peixes vermelhos.

O rapaz acordou à meia noite. A sala estava vazia. Só havia lá o quadro tecido pela mãe. Ficou um pouco a admirá-lo e depois pensou: "Por que esperar até amanhã? Minha mãe está doente e seu estado piora a cada dia." Enrolou, pois, o pano, colocou o casaco, montou no cavalo e se pôs a caminho. Foi em vão que as ondas do mar lançaram nele os maiores blocos de gelo e que as chamas do vulcão tentaram engoli-lo. O rapaz não deu suspiro nenhum e, antes que pudesse se dar conta estava na frente da casinha de pedra. A velhinha já estava espiando a sua chegada pela porta.

- "Estou feliz de vê-lo meu filho. Você é um rapaz bom e valente. Você conseguiu o que queria. Eu vou devolver-lhe seus dentes".

Retirou os dentes do cavalo e os reimplantou na boca do rapaz. No mesmo instante o cavalo virou pedra.

- "Pegue estas sandálias de pele de cervo" - disse ainda a boa velha. "Ao calçá-las, você retornará à sua casa no mesmo instante".

O rapaz agradeceu muito a boa velha pela sua ajuda, calçou as sandálias de pele de cervo, e sem saber como, foi parar na frente da casa em que tinha nascido. Uma vizinha aproximou-se ao vê-lo chegar. De cabeça baixa disse a ele:

- “É bom que você tenha voltado. Ninguém sabe o que vai acontecer com sua mãe. Não sai mais de casa, enxerga cada vez menos. Não sei, não sei...”

O rapaz entrou correndo em casa gritando: "Olhe, mamãe, olhe logo!" e mostrou o pano que tinha guardado de baixo de seu casaco. O quarto se iluminou todo quando ele desenrolou o brocado.

Quando a mãe percebeu que o filho tinha trazido seu quadro de volta, deu um grito de alegria. No mesmo instante, estava curada. Pulou fora da cama, surpresa ao ver as forças lhe voltarem. Olhou para o quadro e, de repente, estava enxergando muito bem. Depois, rogou ao filho:

- “Leve o quadro para fora, filho, para eu poder vê-lo melhor”.

O filho levou o quadro até a luz exterior e desenrolou. As cores brilhavam. De repente, houve uma ventania, e o quadro foi se desenrolando mais longe, cada vez mais longe, até cobrir toda a paisagem em volta. Tão longe quanto se podia enxergar, viam-se campos de milho dourado, manadas de ovelhas, nuvens de pintinhos amarelos correndo por todo lado no meio de patinhos; um belo jardim, atravessado por um riacho e as mais lindas flores. Tudo na natureza era como no quadro. Das casinhas prateadas saiam agora os vizinhos maravilhados, não acreditando no milagre.

O filho pegou a mãe pela mão e a levou para o jardim. Foram devagar em direção ao lago, não se cansando de ver tantas maravilhas. De repente, o rapaz parou estupefacto, o coração batendo a mil por hora. Perto do lago estava a fadinha miudinha de vestido vermelho a lhe sorrir.

- “De onde você vem?” - perguntou o rapaz.

A mocinha se pôs a rir piscando os olhos.

- “Eu me bordei no quadro de sua mãe” - murmurou - “e você me trouxe junto. Já que o brocado tomou vida, meu lugar também é aqui”.

A mãe a olhou muito feliz.

- “Temos agora uma grande casa e uma filha que me fazia falta”.

A fada olhou para o rapaz que se aproximou dela.

- “Você me aceita como esposo?” - perguntou baixinho.

Ela respondeu que sim com um leve sinal de cabeça.

Houve uma grande festa de casamento. Além dos vizinhos, a mãe convidou os mendigos da região. Os irmãos maiores souberam de tudo. Já fazia muito tempo que haviam gasto todas as moedas de ouro e, como estavam acostumados a serem alimentados pelos outros, tornaram-se mendigos. Mas, quando chegaram a casa e viram as mudanças que ali aconteceram, tiveram vergonha de suas roupas esfarrapadas e preferiram não entrar. Foram embora, perdendo-se no mundo.

O caçula, ao lado da mulher fada e da mãe, viveu feliz por muito tempo, numa região rica e ensolarada.

2.2. Características desta irrigação: reflexões sobre a história

Dizem que tudo o que procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas [que são os mitos e os contos tradicionais] nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos (Campbell, 1990, p. 5).

Esta história foi escolhida por versar, no meu ponto de vista, sobre um processo de busca de auto-realização, reencontro com o Self - totalidade psíquica - que exige persistência e coragem, diante de obstáculos, e é bem sucedida. Compreendo os personagens como partes da pessoa, que está ouvindo/contando e como aspectos da personalidade e realidade existencial dos seres humanos em geral. Neste sentido, os personagens são faces de uma mesma pessoa. A escolha da história bem com sua análise - que é uma possível, não a única - tem, como pano de fundo, esta compreensão.

Começa com uma mãe que um dia, ao desviar de seu percurso rotineiro, vender seus bordados e voltar para casa, vive um acontecimento pleno de significado. Terminara o trabalho antes do habitual e foi dar uma volta em uma feira, onde viu um quadro que a atraiu de forma intensa. Comprou-o, apesar da culpa - “só uma vez”, pensava, “não será tão terrível” – abrindo-se para aquilo que ele lhe trazia. O encanto que o quadro lhe provocou sugere uma experiência de encontro com uma potencialidade que foi, por este, despertada.

Ante uma sugestão do filho caçula – que pode ser compreendido como um apoio no contexto social e, ao mesmo tempo, como uma força pessoal que a leva para a auto-realização – resolve tecer um quadro igual, ou seja, tecer em sua vida algo que remeta àquela experiência plena de sentido. Os filhos mais velhos a questionam, temendo perder o conforto que o trabalho da mãe lhes garantia. Permite pensar tratar-se de uma força interna e social, que resiste a mudanças, antagônicas à representada pelo caçula. Símbolo de um lado acomodado - pessoal e social - que prefere

manter as coisas como estão, não arriscar. O fascínio da mãe, desorganiza o papel social e identidade pessoal nos quais ela se reconhecia, até então.

A mãe tranquiliza os aspectos reacionários representados pelos filhos mais velhos, dispondo-se a trabalhar de dia para mantê-los e à noite para realizar seu desejo. Dá lugar para aquilo que fora despertado, sem abrir mão do seu modo antigo de funcionar. Apesar dela se esforçar para manter a dinâmica da casa como antes, a mudança acaba sendo sentida por todos – já que durante este período, a comida diminuía na casa.

O filho mais novo representa os impulsos para a mudança. É um ponto de apoio nesta jornada rumo à auto-realização e transformação do *status quo*. Desde o princípio a estimula. Enquanto a reação dos mais velhos mostra a dificuldade de deixar o habitual, o conhecido, o conformado.

Por não estar pronta para mudar a dinâmica de sua vida, ou seja, de abrir mão do modo antigo de funcionar, submete-se a tecer à luz de velas que lhe ferem os olhos. À guisa de muita dedicação, persistência e sofrimento - que são belamente descritos nas imagens das lágrimas que o tecer à luz de velas provocam em seus olhos – busca sua realização, representada pela tecedura do quadro de pano. Está tão envolvida na tarefa na qual se lançou, que o sofrimento e dificuldades são incorporados ao seu caminho, como partes dele, como as lágrimas de sangue que “viravam” flores vermelhas e o Sol que iluminava o céu.

O quadro ficou pronto. Com a obra completa, vem a tentação de trocá-la pelo conforto material. A dúvida, o questionamento sobre o quê é mais importante. Os filhos mais velhos sugerem a venda do quadro. O mais novo é contra. Compreende a vida que o quadro representa, a significância da experiência que ele abarca e que dinheiro nenhum é capaz de comprar. O lado da busca por experiências significativas mais uma vez impera e ela responde que não fez o quadro para vendê-lo, mas para o seu prazer.

O quadro havia sido tecido na penumbra, não permitia enxergar tudo o que ele continha. Esta busca havia sido mantida separada da vida diurna da mãe. Quando ela achou que havia terminado a sua tarefa, resolveu apresentá-la à luz do dia para que, então, pudesse ser contemplada.

Estava feliz. O quadro de pano pôde aparecer e ser admirado por ela e por aqueles que a cercavam, com toda a sua riqueza e detalhes.

Primeiro um aviso: uma leve brisa lhe fez uma carícia. Em seguida, se tornou mais forte, trazendo conseqüências mais graves: o quadro foi levado pelo vento. Porém, ainda não podia ser incorporado a vida da mãe.

Sem que ela se desse conta, neste momento, começou uma nova etapa de sua busca. A princípio foram as trevas, a desorientação: o desmaio (perda de consciência), pessoas correndo em todas as direções (falta de foco, indiscriminação). O quadro se fora. A mãe começou “a vagar como uma alma penada”. Vagou como uma morta-viva. Seu filho caçula tentou consolá-la preparando-lhe alimentos, mas não adiantou. Seu problema não era falta de alimento, mas falta de sentido para a vida. Perdera algo precioso que não dizia respeito à subsistência do corpo mas, da vida da alma, da conexão com um sentido maior, com a totalidade. Foi definhando rapidamente.

Depois de algum tempo, sentindo-se engolfada pela trevas, sem forças para sozinha, recuperar o sentido perdido ante o choque empreendido pela força do vento, resolveu pedir ajuda a seus filhos. Percebeu que não conseguiria viver sem o quadro. Das trevas, a possibilidade de uma nova luz. Começa pedindo ajuda ao filho mais velho - o aspecto mais conhecido da personalidade, que a acompanhara por mais tempo. Depois de muito caminhar, acaba achando a direção certa e encontra o caminho a seguir a partir dos conselhos de uma velha. “É fácil dizer, mas difícil de realizar”. O caminho exige muita coragem e persistência: arrancar os próprios dentes e colocá-los em um cavalo, passar por chamas de vulcão e gelo de geleiras para encontrar a Montanha Ensolarada.

Há um cavalo que está na forma de pedra pronto para recobrar a vida e conduzir na busca dos objetivos, por caminhos inexplorados e ameaçadores. O risco de ser reduzido a cinzas ou ser afogado, ante um leve titubeio. Submeter-se à intensidade do fogo e seu calor, à frieza do gelo na busca de viver, sabendo, apenas, que terá que resistir a tudo isso para alcançar a Montanha Ensolarada. Trajeto que exige muita entrega e coragem. Potencializar um cavalo com a doação dos próprios dentes,

doação e confiança neste animal, ao longo dos tempos utilizado como meio de transporte. Meio de se atingir algum lugar. Entrega de potenciais e capacidades para isso - como a de morder, mastigar,... Deixar-se ser conduzido por esta força, no meio da paisagem que for, acreditando que é possível. Lançando-se nesta jornada, que é a única capaz de conduzir à montanha, onde se encontra o que está sendo procurado: fonte de vida.

A possibilidade de retornar para casa com um cofre com moedas de ouro, é oferecida pela velha. Cofre de moedas de ouro. Recompensa pelo caminho trilhado? Prêmio de consolação pelo que não se teve coragem de trilhar? Sabedoria de que nem todo mundo se dispõe às intempéries deste tipo de caminho e, nem por isso, não merece viver? Houve uma busca, houve empenho. Houve o medo, houve o reconhecimento da incapacidade de assumir o desafio. Eles tiveram esta opção. O mais velho e o filho do meio a preferem e retornam com as moedas de ouro. Entretanto, não se dispõem a dividir as moedas com os outros, indo para uma outra cidade onde imaginam que podem sobreviver com elas. Acomodam-se na escolha que fizeram pelo pote de ouro, sem conseguir inserir esta realidade no contexto que lhes foi oferecido. Não entendem o motivo da oferta. São levados pela ilusão da vida conhecida e fácil, pela qual recebem tudo sem precisar fazer esforços. Não percebem o quanto esta ilusão desconsidera a realidade que fora anunciada pela velha, que lhes oferece o pote de ouro como forma de obterem alimento para o caminho de volta, como fonte de nutrição para a manutenção da vida. Escolhem uma aparente realização e segurança. Acabam perdendo-se pelo caminho. Abandonam a casa e a mãe doente. Não confiam que são capazes de serem bem sucedidos no difícil trajeto que lhes impõe o Self - totalidade - representado pela mãe. Trata-se de um trajeto solitário que recebe sábias orientações (da velha), mas exige entrega e confiança. Preferem viver daquilo do que os outros podem lhes dar: num primeiro momento do cuidado da mãe, depois do dinheiro que a velha (sábua) lhes dá, e finalmente, da caridade dos outros (viram mendigos) – sua existência continua dependendo de outras pessoas.

Processo de idas e vindas, fixação de energia, reunião de forças. Primeiro foram solicitados os mais velhos, que fracassaram. Desta vez, a

mãe (princípio de totalidade da psique – Self) manda o caçula, que sempre esteve mais conectado com a renovação e transformação, sempre representou um aliado nesta busca. Sugerindo tratar-se de um processo de elaboração da personalidade, através de idas e vindas, até que tivesse coragem de enfrentar o desafio. Entregar os próprios dentes para o cavalo e cavalgar, montado nele, por lugares desconhecidos e, sabidamente temerosos. Assim o fez o caçula.

Repetiu o caminho realizado pelos irmãos e realizou o que eles não tiveram coragem. Não hesitou. Assumiu a sua tarefa e se manteve firme, mesmo quando achou que as chamas iam acabar com ele, ou quando estava quase se afogando com as ondas geladas do revoltado mar que atravessara. O caminho da travessia foi cheio de dificuldades e provações, além de muito intenso. Houve momentos menos sofridos em que respirar era mais fácil quando, por exemplo, andaram por muito tempo por um caminho estreito e sombrio entre rochedos, que conduziu dos vulcões aos icebergs. Diante do mar gelado, o cavalo parou. A travessia era tortuosa. Há momentos de titubeio, vontade de desistir, recolher-se. Mas há algo que continua chamando para a realização independente das dificuldades. O cavaleiro requisitou o cavalo, avistara o seu destino. Tal vislumbre permitiu a reunião de forças de cavalo e cavaleiro visando alcançar o almejado destino. Conseguiram.

Lá chegando, as feridas cicatrizaram-se e o caçula, sem perceber, chegou onde precisava e pôde desfrutar da alegria das fadas, da beleza do lugar. Pôde desfrutar da felicidade da conquista e comeu a comida dos imortais. Após enfrentar as dificuldades mais intensas, na busca de seu objetivo, chegou. Chegou em um lugar, no qual os conflitos e tensões (representados pelo trajeto no meio dos vulcões e icebergs) mudaram de conotação afetiva. Não que não existissem mais – pois ele teve que passar pelo mesmo trajeto para voltar, mas passaram a não existir mais da mesma forma. As feridas provocadas por eles, no momento em que ele alcançou a Montanha Ensolarada (lugar onde “o quadro de pano” estava – elemento disparador de toda a busca), imediatamente cicatrizaram. Não eram mais motivos de dor e sofrimento. A realização pela superação das dificuldades

mais intensas e desconhecidas, a conquista ante tantas provações foi eternizada, representada pela comida dos imortais, como experiência que ele poderá se valer pelo resto de sua vida. Realizou a conquista de saber que é capaz de enfrentar as dificuldades para chegar a seus objetivos.

Depois das trevas e da possibilidade de lançar-se no desconhecido, a luz da conquista, multicolorida e enriquecida pela riqueza dos caminhos trilhados e pela possibilidade de trilhá-los. Riqueza potencializada como luz e beleza. Voltou assim que pôde para casa devolvendo a vida e a saúde para sua mãe.

O quadro de pano foi desenrolado e a paisagem da aldeia se transformou conforme seus traços. Tal empreitada “cura” a personalidade como um todo, que vinha definhando e perdendo vida. Integrando prazer à vida, dia e noite. A produção da mãe foi integrada beneficiando-a bem como a todos que a rodeavam. Trouxe uma qualidade de relação com a realidade muito mais rica e fecunda.

Abandono do antigo, que não serve mais (representado pelo estado de abandono em que terminam os filhos mais velhos), abrindo-se para o novo (abertura que o filho caçula sugere), acreditando no próprio poder criador, de tomar uma decisão e lutar por ela, ao invés de ficar esperando a boa vontade alheia (mendigando para sobreviver).

Quando o caçula chega com o quadro de pano e a mãe recupera a vida, a transformação acontece, internamente, e afeta a pessoa e suas relações, transformando-as. A partir daí, há um desenrolar que vai mudando a paisagem das relações estabelecidas, conferindo-lhes outra cor e alegria, pois é fruto de uma inteireza conquistada. Há o desenrolar no qual uma coisa leva à outra, num fluxo fluido de acontecimentos em torno da decisão tomada.

O filho caçula casou-se com uma fada da Montanha Ensolarada que se bordara no quadro e tornou-se realidade junto com os traços do mesmo. Houve o encontro amoroso na personalidade, o casamento de opostos.

Os filhos mais velhos viraram mendigos, tiveram vergonha de entrar na festa que foi dada pela mãe e perderam-se no mundo. Não foram capazes de integrar as vivências e oportunidades que haviam vivenciado até

então, ficando perdidos pela vida e empobrecidos, sentindo-se incapazes e envergonhados. Paralisaram o próprio processo de desenvolvimento e não participaram da integração da personalidade. Aquilo que não mais servia à personalidade foi abandonado, ficando à margem, envergonhado.

Uma coisa que se revela nos mitos é que, no fundo do abismo, desponta a voz da salvação. O momento crucial é aquele em que a verdadeira mensagem de transformação está prestes a surgir. No momento mais sombrio surge a luz (Campbell, 1990, p. 39).

Esta história foi escolhida, por tratar de uma busca de realização e vida e apresentar as etapas deste caminho, suas dificuldades, dissabores e sabores, de forma bela e ampla³¹.

Através de seus símbolos, compreendi que esta história fala de *um processo em processo*, podendo servir de guia para outras trajetórias. Neste sentido, abarca algo comum aos clientes que procuram o Serviço de Plantão Psicológico, independente do conteúdo da queixa de cada um. Assim, foi uma escolha intencional do sentido que a mim significava.

Contudo, como já foi mencionado, a narrativa, ela mesma, oferece-se ao interjogo entre singular e plural. Desse modo, e para acompanhar a tradição da transmissão de experiência via contos e mitos, foi contada no Serviço de Plantão Psicológico da USP, para clientes que participaram desta pesquisa, por uma contadora de histórias. Assim, o singular e o plural do sentido da história poderia surgir para cada cliente e para todos, com as tonalidades que lhes fizessem sentido.

³⁶ Bonaventure (1992) faz uma análise diferente do conto, enfocando a sua riqueza e o poder transformador de se deixar encantar por imagens.

3. ANALISANDO OS CULTIVOS

3.1. Coleta de material para análise: depoimentos, transcrição e textualização

“A expressão não esgota o vivido, apenas aponta para ele, criando um significado, atribuindo um sentido” (Leme, 1998, p.55)³².

Uma contadora de histórias foi convidada a participar deste projeto, e se dispôs a contar “O quadro de pano” para clientes do Serviço, em um dia combinado. A história foi escolhida em conjunto: pesquisadora e contadora, uma vez que se considerou importante tratar-se de uma história que, além de ser adequada ao contexto em que foi oferecida, fosse uma com a qual a contadora se identificasse.

No dia marcado, os clientes que chegaram ao Serviço foram abordados e convidados a participar desta pesquisa. Esta foi apresentada, brevemente, e aqueles que se interessaram em ouvir uma história antes ou depois do atendimento em Plantão, foram encaminhados para algum dos eventos. Explicou-se que seria realizada uma entrevista com eles, individualmente, em algum momento deste processo, para saber sobre sua experiência no Serviço. Aqueles que não se dispuseram a participar, realizaram seu atendimento dentro do padrão habitual que é oferecido no Serviço, que foi discutido em capítulo anterior.

Os participantes deram um depoimento³³ sobre a experiência vivida após um dos eventos: atendimento em Plantão Psicológico; sessão de história; sessão de história seguida de atendimento em Plantão Psicológico; ou sessão de Plantão Psicológico seguida de sessão de história.

³² Leme faz, neste trecho, uma leitura sobre a obra de Mauro Martins AmatuZZi – *O resgate da fala autêntica*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

O evento sobre o qual cada entrevistado foi convidado a falar foi aleatório, dependendo da ordem que os eventos lhe foram apresentados. Alguns clientes não quiseram ouvir histórias, mas se dispuseram a dar o depoimento após o atendimento em Plantão e, houve aqueles que foram entrevistados após ouvirem a história, antes de serem encaminhados para a sessão de atendimento psicológico. A história foi ouvida em grupo e o Plantão, bem como a entrevista, realizados individualmente.

Na entrevista, pediu-se o depoimento livre sobre a experiência vivida no Serviço, após o qual, procurou-se facilitar a comunicação do cliente através de alguns direcionamentos:

- perguntou-se a expectativa do cliente antes de chegar ao Serviço;
- pediu-se uma imagem (um quadro ou uma pintura ou uma cena, etc.) que expressasse a experiência vivida;
- perguntou-se sobre alguma situação de vida que o cliente houvesse experienciado (sentido/vivido) algo semelhante ao que experienciara no Serviço.

Estas questões foram feitas com o intuito de enriquecer e facilitar a expressão, propiciar a reflexão sobre a experiência em Plantão e/ou ouvindo histórias e permitir ao pesquisador acessar este universo singular.

Após as entrevistas, pediu-se autorização para a sua publicação. Ofereceu-se a possibilidade de conferência da fidedignidade da transcrição que seria efetuada, que alguns clientes realizaram, outros não. A experiência de rever a entrevista dada, após transcrita, por aqueles que o fizeram, foi, segundo relataram, muito interessante, trazendo de volta lembranças e sensações daquela experiência – aspecto que deixo mencionado, mas não enfocarei no presente trabalho.

A entrevista/depoimento enquanto forma de registro, de coleta de dados, de troca, de contato com o outro, de iluminar questões teóricas e práticas, permite refletir e mergulhar no que se situa para além do individual, compartilhado a partir dele. Permite, também, a reflexão sobre diferentes encontros: com o Plantão, com a história, com a entrevista, com um outro,

³³ Segundo Queiroz (1988), o depoimento é uma entrevista dirigida pelo pesquisador em torno de algo que o informante presenciou, experimentou ou conheceu que se relacione com algum tema de sua

consigo, com vários outros, com esta pesquisa. Teve a experiência vivida como limite e direção.

Os depoimentos serviram como uma oportunidade de compreender elos de sentido da vivência dos clientes no Serviço, procurando promover novas configurações do vivido/sentido através de sua fala. Para tanto, houve a necessidade de que os clientes se relacionassem com o vivido para comunicá-lo. Trata-se do que Critelli (1996) chama de movimento de realização de um ente³⁴. Num segundo momento, os mesmos depoimentos permitiram este mesmo movimento por parte do pesquisador, para que pudesse criar seus elos de sentido.

A reflexão opera sobre a vivência como o artífice sobre o diamante bruto. Lapidando e polindo a matéria bruta do vivido, a reflexão atribui sentido às vivências, articulando-as entre si e alçando-as à categoria de experiência. Dito de outra maneira, elaborando aquilo que vivemos, vemos ou ouvimos, correlacionando dados diversos obtidos na trajetória de nossas vidas, a reflexão cria elos de sentido (Schmidt, 1990, p.1).

É comum comunicações e percepções do mundo se darem de formas repetitivas e automatizadas, reproduzindo padrões e caminhos. Entrar em terrenos pouco explorados ou questionar aqueles pelos quais se costuma passar, implica contatar o desconhecido, que se define na medida do caminhar. Exige observação, no sentido usado por Machado (1989, p.332)³⁵. Este processo desestabiliza pois desorganiza o conhecido, ao mesmo tempo que permite novas configurações.

Pedir um depoimento sobre a experiência do cliente no Serviço, significa colocá-lo em contato com o novo, abrindo a possibilidade de que algo diferente possa se configurar. Neste sentido, pode ser pensado como cultivo e cuidado do processo vivido possibilitando que se estabeleçam simbolizações significativas. Como diz Figueiredo (1994, p.157, grifos do autor)³⁶,

pesquisa (p.21).

³⁴ Escrevi anteriormente sobre isto no capítulo “*Húmus*: olhar fenomenológico”.

³⁵ Ver capítulo “Uma técnica de cultivo: formação em ação de contadores de histórias”.

³⁶ Resgato uma idéia que havia sido lançada no capítulo “Cultivar: o processo, em processo”, a partir da fala mencionada.

O real se “entremostra” **apenas como enigma** implicando simultaneamente excesso de sentido e vazio de sentido; como enigma, o **real demanda** (o que Laplanche chama de) **tradução**; no entanto, é esta ‘tradução original’ que **dá ser** ao enigma, que o realiza; ou seja, não há **já algo** a ser traduzido, embora haja uma ‘demanda de tradução’. Em vista disso, no lugar de ‘tradução’ proporei (...) que se fale em **respostas metaforizantes**, capazes de dar uma certa e sempre precária **figurabilidade** ao enigma.

O vivido, metaforizado, pode ser realizado através da palavra. Ainda que sua figurabilidade não seja completa, uma vez que não se pode alcançar o todo da experiência, porquanto sempre um enigma, e nem sua compreensão é eterna, por ser momento de fulguração. Afinal, viver é processo, tarefa de ser própria da condição humana.

Os pedidos para relacionar o experienciado com uma imagem e com outra situação, na qual o cliente tivesse vivenciado algo semelhante, foram propostos com a intenção de ampliar a reflexão sobre a experiência. Foram sugestões de exploração da experiência como recurso para facilitar a sua expressão e sua elaboração. Já que, “A **elaboração** é *resultado da variedade de exploração*” (Machado, 1989, p.337, grifo da autora).

- **Transcrição e textualização**

As transcrições das entrevistas procuraram traduzir, para a linguagem escrita, a comunicação que fora feita oralmente. Num primeiro momento, mantiveram-se fiel ao conteúdo gravado, para, em seguida, corrigir erros de gramática e vícios de linguagem, que se repetiram com frequência, sempre mantendo o sentido da comunicação. No processo de textualização do depoimento, as intervenções feitas pelo entrevistador foram incorporadas ao texto do depoente. Este procedimento baseou-se em aspectos da proposta de João Carlos Sebe Bom Meihy (1996) feita em seu *Manual de História Oral*.

3.2. Buscando técnicas de análise: a caminho de uma metodologia

“Saí, andei, não sei, fio que numa propositada, sem saber.”

Guimarães Rosa³⁷, “Curtamão”.

Realizei este trabalho, a partir da experiência de clientes no Serviço de Plantão Psicológico da Universidade de São Paulo, após sessões com uma contadora de histórias, com um plantonista ou com os dois. Dirigi-me ao trabalho com as entrevistas pretendendo acessar a experiência do cliente no Serviço, partindo do que ele havia me relatado a este respeito. Pretendia expressar algo da minha experiência pelo contato com a comunicação que fora feita na entrevista, visando, desta forma, iluminar a questão da prática do psicólogo e suas possibilidades de ajuda.

Entretanto, ficava-me a questão: como fazer isso? Como delas me aproximar, facilitando a emergência daquilo que fica implícito, e comunicar o que percebo? Deparei-me com dificuldades para empreender esse processo na prática, que me fizeram patinar por algum tempo. Contudo, uma coisa parecia fazer-se sempre presente: há algo inexplicável que acompanha a experiência. Neste sentido, pesquisado e pesquisador se relacionam na recriação e compreensão de sentidos.

Tive que empreender um longo percurso de passar da teoria para a prática. Não havia modelos norteadores, somente uma postura de trabalho: a fenomenológica. Desta forma, estava lançada para a minha própria criação. A jornada rumo ao “quadro de pano” que voara, começou.

Iniciei e descartei inúmeras tentativas de análise dos depoimentos que resultavam em palavras vazias, que pareciam relatórios clínicos sobre o movimento dos clientes, ao invés de um diálogo sensível com o que ali se passara. Percebi-me lançando mão de teorias que, aparentemente dão conta de iluminar o escuro no qual me encontrava, camuflavam uma não

³⁷ Rosa, G.J.(1985) – *Tutaméia: terceiras histórias*. – p. 42.

aproximação com a comunicação feita pelos clientes. Teorias que preenchiam lacunas da dificuldade de diálogo com os depoimentos. Como disse Rosa (1985, p.42), “*olhos põem as coisas no cabimento*”.

Várias análises foram feitas, várias análises foram descartadas. Fiquei muito tempo tentando, trabalhando, refazendo. Todas as vezes, diante da escuridão, algo brotava a que me agarrava. Passei por geleiras e fogo. Acreditava, desconfiava. Era somente diante do testemunho de outrem que conseguia ressignificar e questionar aquilo que vinha produzindo.

A plena verdade de uma fala não existe no momento de sua pronúncia. Ela aguarda uma resposta na reciprocidade de uma relação, quando então surgirá em seu significado pleno (Leme, 1998, p. 57).

Em momentos como esses, revia o sentido da análise, que muitas vezes, sem que percebesse, havia se perdido em teorizações. Mas como não teorizar? Como dialogar com as entrevistas? Seria o caso de re-descobrir a roda? Novamente o caos, o escuro e novas tentativas de encontrar caminhos. A cada momento, a dúvida e a esperança de que algo floresceria.

Apesar da dificuldade e dos vazios em que ficava, ao deparar-me com o meu encaminhar/desencaminhar, foi justamente atravessando esses momentos que possibilidades se abriram para re-situar meu olhar e compreender. Permitiram-me uma leitura nova, inclusive de teorias. Pude encontrar uma maneira própria de dialogar com os depoimentos. Eu e eles numa fala pessoal, com a teoria atravessando a fala e não falando por ela. Afinal, teorias fazem parte do meu universo e, pela sua reflexão possibilitam o meu compreender o mundo, bem como me permitem partilhar com outros linguagens comuns.

O olhar (Logos) não é individual, exclusivo a um indivíduo. Ainda que seja o indivíduo concreto quem olha e vê, seu olhar é composto por todo o referencial das relações significativas do mundo em que habita (Critelli, 1996, p.57).

Despojada da pretensão de dar respostas que, segundo Arendt (2000, p.13), só podem se basear no consenso de muitos e nunca “em

considerações teóricas ou na opinião de uma só pessoa, como se tratasse de problemas para os quais só existe uma solução possível", fui compreendendo que não havia um caminho, mas o meu caminho.

Inspirada no trabalho de Regina Machado, com quem eu realizara o curso "A arte de contar histórias"³⁸, experimentei aproximar-me dos depoimentos através de mim mesma. Resolvi recorrer a elementos da metodologia que ela desenvolveu para trabalhar o ensino da arte com professores de arte-educação.

Uma de suas propostas é confrontar o que é observável. Na sua prática, esse confronto do observável dá-se entre os contos, com os quais ela trabalha, e as imagens internas que estes dados objetivos evocam no contador de histórias/professor de arte-educação.

O trabalho criador é fruto desse confronto, é uma síntese que resulta em uma terceira coisa, que não é a simples soma ou justaposição entre a ordem objetiva e a subjetiva, mas abarca-as e as alquimiza na obra criada, uma realidade única em si mesma (Machado, 1989, p. 360/361).

No dilema da prática desta pesquisa, poderia eu recorrer à analogia dessa metodologia, pela qual o confronto com o que é observável dar-se-ia entre os depoimentos e as imagens internas que tais dados objetivos evocam em mim, pesquisadora? Ousei experimentar.

Num primeiro momento tentei, de uma forma intuitiva, como vinha fazendo nas outras tentativas, somente que, agora, dou-me conta que percorria etapas do processo de realização do real (Critelli, 1996, p.69)³⁹. Procurei mergulhar na "respiração", "ritmo" e conteúdo dos depoimentos, além de uma imersão no universo simbólico e afetivo de suas narrativas e nas possibilidades que elas expressam. Início que se deu como *desvelamento*. Criei uma outra forma de aproximação com os depoimentos, que passou a ajudar-me a traduzir afetamentos provocados pelo material clínico contido nos depoimentos. Passei à *revelação*. Veio a seguir o *testemunho*: diante do testemunho de outros, percebi que havia encontrado um caminho. Havia chegado na Montanha Ensolarada... Para tanto, vali-me

³⁸ Realizado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) em 1999.

de “**recursos expressivos**” que acabaram sendo fundamentais na elaboração desta dissertação. Revelaram-se recursos facilitadores para o contato, expressão e compreensão do material coletado. Garantiram a possibilidade de expressar aquilo que afeta a partir de outras formas de comunicação, no caso, a gráfica, e que, muitas vezes, sem o auxílio de um intermediário, não consegue ser traduzido. Instrumento para ajudar no mergulho nos depoimentos, ajudar a perceber o seu colorido afetivo; forma de interação com os mesmos. Antes disso, eram meras entrevistas, que insistiam em permanecer como um agrupamento de palavras cujo inexplicado, que as acompanha, ficava pouco acessível ao diálogo e compreensão.

3.3. A técnica escolhida: a metodologia utilizada

*O entrevistador, por um lado, deixa de ser aquele que olha para o entrevistado contemplando-o como um mero **objeto de pesquisa**, por outro ângulo, ele próprio deixa de ser um observador da experiência alheia e se compromete com o trabalho de maneira mais sensível e compartilhada* (Bom Meihy, 1996, p.28, grifos do autor).

A forma de análise das entrevistas foi sendo construída ao longo de um processo, como descrito. Neste momento, passo a explicitar o quê e como ele se realizou.

Após transcrever e textualizar os depoimentos, dividi cada um em 8 partes, baseando-me na proposta de Machado (1989)⁴⁰ enunciada anteriormente. Procurei definir as partes a partir de mudanças na tonalidade afetiva e/ou assunto no seu fluir. Seguindo essa proposta, ao longo da análise, opções de divisão foram feitas e revistas.

³⁹ Vide capítulo “Húmus: olhar fenomenológico”.

⁴⁰ Machado remete ao trabalho *A Monografia do Conto* de Nícia Grillo sua inspiração e escolha por este tipo de divisão de texto. Neste trabalho a autora “introduz a idéia da divisão da história em oito partes e as sucessivas sínteses em desenhos” (Machado, 1989, p.326).

Em seguida, procurei mergulhar em cada parte, deixar-me imprimir e permitir o fluxo de sensações, sentimentos e pensamentos que elas me traziam, e traduzir cada mergulho com uma imagem. Em seguida, desenhei esta imagem - um desenho foi feito para cada oitavo de entrevista.

Através deste recurso, procurei encontrar uma forma de reinterpretar o relato oral, como diz Queiroz (1988, p.16), “*desenho e palavra escrita constituem uma reinterpretação do relato oral*”. Nesse sentido, procurei, trabalhar a matéria-prima de minha própria experiência, mergulhando a “coisa narrada” na minha própria vida para transmiti-la – forma artesanal de comunicação (Benjamin [1936], 1994, p.205).

O que existe é, na realidade, uma **interação geradora de sentidos**, ou se quisermos, **uma interação de sentidos, geradora de mais sentido** (Leme, 1998, p. 56 – citando AmatuZZi, M.M.).

Os depoimentos referiam-se à experiência dos clientes, frente às situações especiais oferecidas pela pesquisadora, no Serviço. Dessa forma, versaram sobre eventos diferentes, uma vez que houve quem ouviu histórias, quem foi ao Plantão, quem ouviu histórias e depois foi ao Plantão e vice-versa.

A intenção dos desenhos e da minha análise era dar ênfase ao movimento e à forma de expressão das comunicações feitas pelos clientes no depoimento, dando menor atenção ao seu conteúdo. Nessa tarefa, alguns desenhos ficaram mais satisfatórios enquanto expressão da minha intenção do que outros. Entretanto, percebi que eram indissociáveis, conteúdo e forma e, em alguns depoimentos pareciam colados, pois a

escolha do modo de expressão, não é reflexiva, mas espontânea, confunde-se com a própria expressão e lhe determina o sentido (Leme, 1998, p.55 - citando AmatuZZi, M.M.).

Mantive a proposta auxiliada por esta compreensão. Desta forma, procurei acompanhar o processo de elaboração dos clientes em seus depoimentos.

Em alguns casos, mais de um desenho foi produzido para cada trecho, afim de, mais precisamente, expressar sua compreensão.

Em seguida, procurei transpor a expressão gráfica para a verbal/escrita, na tentativa de expressar, desta outra forma, a compreensão do movimento do cliente em cada trecho da entrevista. Utilizei o desenho enquanto intermediário entre minha expressão verbal/escrita e a do cliente no depoimento. A cada intermediação, algo se perde e algo se acrescenta. A cada testemunho algo se oculta e algo se desvela. Sendo o fenômeno um todo inatingível, este é o fluxo próprio de sua manifestação.

Coisa alguma pode, de si mesma, mostrar-se na sua totalidade, na sua inteireza, na sua patência definitiva. Isto, também, porque a coisa se mostra, sempre, para um certo olhar.
(...) Para a fenomenologia o ser (...) não está na coisa, mas na trama de significados que vão se articulando entre os homens, articulando os homens entre si e com a própria coisa. É neste entrelaçamento entre os homens, no seu falar a respeito do mundo e no seu relacionar-se com todas as coisas, que um ente ganha a possibilidade de ser aquilo que é e como é (Critelli, 1996, p.61/62).

Dentro deste contexto, fui dialogando com os depoimentos.

Apesar de, como mencionei, alguns trechos terem suscitado mais de um desenho, escolhi apresentar apenas um deles e incorporar as qualidades reveladas pelos outros ao trecho escrito. Cada um privilegiava algum aspecto ou compreensão da comunicação realizada, sendo que nenhum a esgotava. Acompanhando o pensamento junguiano, é isto que se compreende como símbolo (Whitmont, 1995).

Ao longo da análise dos depoimentos, a partir do diálogo estabelecido entre o trecho do depoimento, o desenho e a expressão escrita, interpretações foram se seguindo e sendo lapidadas, revistas, acrescentadas e/ou descartadas. Neste fluxo e, desta forma, a análise foi sendo configurada.

Os desenhos revelaram-se uma forma de aproximação, trabalho e análise com os depoimentos e não das entrevistas. Desse modo, foram inseridos no trabalho para permitir que o processo de elaboração desta metodologia pudesse ser compartilhado. Contudo, apenas um dos desenhos de cada trecho será apresentado, significando uma síntese possível: aquela

que mais me ajudou na compreensão e aproximação do trecho do depoimento em questão. Para fazer tal escolha, permiti-me questionar o desenho/síntese cada vez que imagens pareceram adequar-se melhor ou já não representar mais a compreensão que se formava, ao mesmo tempo que, em algumas ocasiões, resolvi parar de “trocar” os desenhos por tratar-se de um processo infundável de evocação de imagens. Ou, dito de outro modo, o desenho escolhido foi aquele que *“pode valer pelo muito que nele não deveu caber”* (Morato, 1999, p.421 - citando Guimarães Rosa).

O eco que os desenhos possam, ou não, fazer em cada leitor, deve ser dimensionado em função da proposta de serem recursos para facilitar a expressão: permitir a criatividade e a fluência do pesquisador - sem rigor estético - enquanto possibilidade de estabelecer um diálogo vivencial e vivo com os depoimentos.

No tocante aos depoimentos, foram realizadas, no mínimo, duas entrevistas com clientes diferentes para cada evento proposto. Todas revelaram-se significativas, podendo ter sido eleitas para constar no presente trabalho. Contudo, optei por apresentar apenas uma, representativa de cada um deles, considerando que o registro da experiência tem aspectos singulares e plurais. Enquanto singularidade não é substituível ou representável por outra. Enquanto pluralidade, insere-se em uma realidade comum a todas. Nem singularidade, nem pluralidade são totalmente contempladas em qualquer tipo de pesquisa. Levando em conta que o ser se dá a conhecer por desvelamento e revelamento, recortes podem abarcar algo dessa realidade.

Assim, volto a dizer, optei por utilizar uma entrevista representativa de cada evento, considerando que permitiram reflexões acerca do tema, sem, contudo esgotá-lo. Desta forma, procurei me aproximar da pluralidade compreendida na singularidade, já que ainda que muitas entrevistas tivessem sido realizadas, a totalidade de possibilidades não estaria contemplada.

Do mesmo modo como o conto a ser contado foi escolhido pela contadora e pela pesquisadora a partir da ressonância que nelas evocava, recorri, também, a esse mesmo critério para a escolha da entrevista

representativa de cada evento. A escolhida deveu-se à relação estabelecida entre entrevistado/entrevista e pesquisador, ou seja, aquelas entrevistas nas quais a comunicação foi mais fluida, na perspectiva do pesquisador.

3.4. Analisando os cultivos: uma compreensão interativa

O agricultor começa a apresentar o material que foi usado para o seu cultivo:

- **Dália** (13 anos): atendimento em Plantão.
- **Rosa** (25 anos): sessão de histórias.
- **Violeta** (24 anos): sessão de histórias e atendimento em Plantão.
- **Hortênci**a (29 anos): atendimento em Plantão e sessão de histórias.

Seguindo esta ordem, todos depoimentos serão, primeiramente, apresentados textualizados e na íntegra.

Posteriormente começarei a apresentar o cultivo, ou seja, a compreensão interativa. Nele, é apresentada a ação, que se deu entre o mostrar-se do material e a afetação da pesquisadora por esta mostraçã. Isto será exposto, inicialmente com as flores em botão: um comentário inicial.

Em continuação, figurarão seus respectivos oitavos, constituídos de trecho do depoimento, desenho e análise de cada um. Finalizando, é apresentada uma possível síntese de como foi compreendida a experiência do cliente: uma apreciação do seu desabrochar.

Vale ressaltar que os depoimentos que constam no presente trabalho referem-se à experiência de clientes em um único dia. Resolvi promover apenas um encontro para o depoimento, após a sessão de Plantão e/ou história, no dia da procura pelo Serviço. Desta forma, exploro a riqueza que

existe e, portanto, pode ser potencializada, em breves, mas intensos encontros. Valorizo a pouca quantidade de material, confiando que toda a comunicação é parcial e total, ou seja, fala da pessoa como um todo a partir da parte comunicada. Ao abordar a experiência como tema do depoimento, enfoco aquilo que é plural a partir do contato com o singular, abarcando, assim, o coletivo.

Proponho-me a tal com o intuito de refletir que, para realizar trabalhos em profundidade, é necessária disposição e criatividade. Evidentemente, a análise poderia ter sido enriquecida em alguns aspectos, se eu tivesse acompanhado o processo mais longo de elaboração dos clientes. Entretanto, desde o princípio, pretendi trabalhar com algo se dando no momento de sua ocorrência, algo que valorizei e elegi para apresentar: a riqueza, possibilidades e simplicidade do processo de elaboração de uma experiência vivida, acontecendo. Passemos a ele.

3.4.1. Dália

Material para o cultivo

Foi legal... vir aqui... Foi bom... A plantonista é simpática... tal...

Antes de vir eu achava que eu fosse num consultório: que fosse um por vez... ela fosse ficar perguntando coisas e eu fosse ter que responder... da minha história, sabe? Como passa na televisão... Assim... que ficam perguntando um montão de coisas e você tem que responder, desde que você era pequena... Mas não foi assim... Eu não sei explicar como foi... mas eu me senti bem... foi legal... Também não consigo pensar em nenhuma imagem que explique o que senti.

Uma situação que passo que é parecida com esta daqui é... assim... quando eu vou... nos consultórios... fazer exame de vista... Uma vez eu fui... e foi parecido: o médico ficava fazendo umas perguntas... queria saber as coisas... e eu sempre tinha que responder... Então foi parecido: primeiro ela falava comigo depois chamava a minha mãe...

Desta vez foi diferente da vez do exame da vista porque desta vez falei de uma porção de coisas... e da outra vez falei do exame... que é muito diferente um do outro...

E-la⁴¹ me aconselhou a ir em outro lugar... Agora eu vou ver se eu consigo parar de gaguejar... Porque... o exame de vista é mais fácil: só tem que fazer uns tes-tes lá, ele te pergunta as coisas e você tem que responder... Aqui não, aqui tem que falar uma coisa... assim... diferente... o que acontece no dia a dia...

Eu achei que o atendimento foi normal... Achei rápido... Como é que eu vou explicar... Foi sério... assim... uma coisa que não me deu muita vergonha de falar... Eu achava que eu ia ter que falar coisas... mas as perguntas que ela fez foram bem normais... Ela não perguntou nada que eu tivesse vergonha...

Acho que consegui falar da minha experiência aqui...

Sobre o convite de ouvir a história, eu não sei se eu gostaria de ouvir a história, porque eu não sei que tipo que é a história... se eu vou gostar... se não vou...Entendeu? Mas minha mãe disse que temos que ir embora...

⁴¹ Os hífen no meio das palavras indicam momentos em que Dália gaguejou.

Vendo Dália em botão.

Inicialmente, a fala de Dália pareceu superficial: respostas curtas às perguntas da entrevistadora, afigurando não ter contribuído no processo de elaboração de sua experiência. Contudo, ao longo do trabalho, o esforço e seriedade, processo e ritmo de Dália puderam ser percebidos. Sua sensibilidade e percepção do vivido foram se evidenciando.

Seu jeito de falar, talvez em função de sua idade, havia deixado essa primeira impressão.

Cultivando Dália

(I). Foi legal... vir aqui... Foi bom... A plantonista é simpática... tal...

No início, Dália respondeu de forma aparentemente descomprometida sobre sua experiência no Plantão. Falou de uma sensação boa, de forma vaga. Estava chegando, situando-se.

(II). Antes de vir eu achava que eu fosse num consultório: que fosse um por vez... ela fosse ficar perguntando coisas e eu fosse ter que responder... da minha história, sabe? Como passa na televisão... Assim... que ficam perguntando um montão de coisas e você tem que responder, desde que você era pequena...

Esperava estar diante de um especialista, como psicólogo, que para ajudá-la necessitaria de informações a seu respeito. Como numa sala de interrogatório, responderia questões, pois o outro é que precisava saber as “coisas de sua história”.

Denotam preocupação, ansiedade diante do novo.

Através de uma imagem conhecida e, portanto, familiar, preencheu, ainda que de forma instável, o buraco deixado pela expectativa do desconhecido.

Esta é a sua atitude diante do estranho? Tratava-se de um lugar estranho e de uma situação que foi vivida como ansiogênica e, portanto, desconfortável.

(III). Mas não foi assim... Eu não sei explicar como foi... mas eu me senti bem... Foi legal... Também não consigo pensar em nenhuma imagem que explique o que senti.

Reconheceu que não aconteceu o que tinha por expectativa. Abriu-se algo diferente, novo, inesperado, sendo portanto, difícil “traduzir” em palavras o que se passou. Faz referência a algo que parece ser uma *vivência de sensação*. Adquiriu valor simbólico, permanecendo viva no mundo de Dália, mas sem nome ou referência. Não foi associada a nenhuma vivência anterior, não pertencendo ao conhecido.

Terreno diferente com paisagem pela primeira vez vista, que ela não soube nomear.

(IV). Uma situação que passo que é parecida com esta daqui é... assim... quando eu vou... nos consultórios... fazer exame de vista... Uma vez eu fui... e foi parecido: o médico ficava fazendo umas perguntas... queria saber as coisas... e eu sempre tinha que responder... Então foi parecido: primeiro ela falava comigo depois chamava a minha mãe...

Como reconheceu algo diferente, apesar da dificuldade de por em palavras, buscou clarear e nomear a experiência, através da lembrança de vivências que considerou semelhantes. Nesta tentativa, aproximou duas situações vividas em seu aspecto formal (ir a consultórios; profissional falar com ela e em seguida chamar a sua mãe). Comparou terrenos, como se percebesse que ambos são pedaços de terra, tem fronteiras delimitadas.

Vivência de ser conduzida por outro. Dália pareceu ficar atenta ao que era esperado dela, para responder adequadamente. Talvez, visando este mesmo fim, tenha deixado lacunas que permitiram à mãe imprimir suas próprias marcas, desresponsabilizando-se.

(V). Desta vez foi diferente da vez do exame da vista porque desta vez falei de uma porção de coisas... e da outra vez falei do exame... que é muito diferente um do outro...

E-la⁴² me aconselhou a ir em outro lugar... Agora eu vou ver se eu consigo parar de gaguejar...

Fez uma comparação com algo concreto e conhecido que é o buscar ajuda para problemas de “saúde”.

Contextualizar sua vivência a partir desta comparação a ajudou a ultrapassar o reconhecimento das fronteiras dos terrenos e começar a se dar conta que há diferenças entre eles. Tentou demarcá-las.

Passou de uma *vivência de sensação* com conotação positiva, de algo difícil de expressar e, conseqüentemente de reconhecer, para algo que ficou um pouco mais tangível. A conotação afetiva difícil/fácil de suas vivências, suscitada pelo que “tem que falar em cada lugar” configurou-se como um delimitador importante para ajudar nesta discriminação.

Dália pareceu ser envolvida pelas sensações que as situações lhe despertaram, e foi aos poucos nomeando seu afetamento.

⁴² Os hífen no meio das palavras indicam momentos em que Dália gaguejou.

(VI). Porque... o exame de vista é mais fácil: só tem que fazer uns testes lá, ele te pergunta as coisas e você tem que responder... Aqui não, aqui tem que falar uma coisa... assim... diferente... o que acontece no dia a dia...

Aproximou-se um pouco mais de sua vivência, e do reconhecimento existencial de sua experiência. Falara de semelhanças e diferenças formais: ir aos consultórios buscar ajuda para problemas que se manifestam no corpo. Referiu-se a diferenças experienciais: como viveu essas buscas, como se começasse a reconhecer e nomear os tipos diferentes de solo e de plantas que brotam nos diferentes terrenos.

(VII). Eu achei que o atendimento foi normal... Achei rápido... Como é que eu vou explicar... Foi sério... assim... uma coisa que não me deu muita vergonha de falar...

Eu achava que eu ia ter que falar coisas... mas as perguntas que ela fez foram bem normais... Ela não perguntou nada que eu tivesse vergonha...

Falou do acolhimento sentido.

Diferentemente de sua expectativa, pareceu ter se sentido respeitada, confortável e acolhida. Percebendo o espaço, pôde se colocar de forma distinta, estabelecendo um tipo de relação mais direta com suas próprias questões. Foi acolhida e valorizada em sua experiência.

Esta sensação expressa de forma vaga desde o início da entrevista, ganhou contorno mais claro. Não é mais tão desconhecido e assustador. Uma pequena porta se entreabriu ainda que não fosse possível vislumbrar o que se situava atrás dela.

(VIII). Acho que consegui falar da minha experiência aqui... Sobre o convite de ouvir a história, eu não sei se eu gostaria de ouvir a história, porque eu não sei que tipo que é a história... se eu vou gostar... se não vou...Entendeu? Mas minha mãe disse que temos que ir embora...

Finalizando o depoimento, recolocou seu desconforto diante do estranho e novo: insegurança e fechamento. O limite foi dado pela mãe que, ao mesmo tempo em que aplacou a ansiedade diante do desconhecido dizendo que precisavam ir embora, evitou que ela tivesse que enfrentá-lo, deixando-a com a vontade e necessidade real de enfrentamento desatendida. Isto, além de não a ajudar a aprender a lidar com a situação, tende a reforçar e intensificar seus sintomas de ansiedade (manifestos com a gagueira).

Apreciando o desabrochar de Dália

Dália parecia evitar o novo, talvez por sua dificuldade em compreendê-lo. São os terrenos desconhecidos, ainda não explorados que desconfortam pois desalojam, deixando sensações difíceis de nomear e expressar. Ir ao Plantão foi um exemplo deste tipo de situação à qual Dália foi exposta, na qual talvez tenha se sentido sozinha. Possivelmente por isso, procure evitar situações que evoquem esta sensação, podendo ser o motivo pelo qual ela não se abriu a ouvir a história. Não sabia se ia gostar, não tinha a menor idéia do que poderia encontrar, teria que, novamente, se abrir ao desconhecido.

Entretanto, ao mesmo tempo em que se tranqüilizou por não ter que enfrentá-lo, se encolheu por não o fazer. Neste sentido, pareceu ter necessidades e curiosidades que caminharam junto com sua insegurança e medo. Temendo o desconhecido, recorreu à mãe e esta deu o limite, falando que precisavam ir embora. Desta forma, compactuou com a insegurança e com o medo da filha diante do novo - que disse que não sabia se ia gostar, conformando-se em não assistir a história. Dália ficou protegida deste contato e sua ansiedade foi aplacada, apesar de haver passado a impressão de que sua vontade, apesar de melindrosa, foi frustrada. “Não sei se ia gostar, mas minha mãe falou que precisamos ir embora”.

Havia um terreno composto de medos e fantasias diante do que poderia ser um atendimento psicológico: o medo de sentir vergonha, de ter que responder questões que talvez não desejasse,... Necessidade de se submeter ao desconhecido para lidar com as dificuldades que a levaram a buscar o Serviço. Algo que ela, sozinha, não estava conseguindo resolver. Não tinha controle, nem conhecimento do que ia se passar consigo neste dia. A realidade foi melhor, mais fácil, rápida e séria do que ela imaginava, do que era sua fantasia. “Foi legal...”.

A diferenciação dos tipos de tratamento – que lhe são, agora, conhecidos - para estas duas problemáticas, foi ajudando-a a falar do que viveu no Plantão: “aqui tem que falar uma coisa diferente, o que acontece no dia a dia”. Esta diferenciação marcou uma atitude distinta em relação às

próprias questões, sendo que no médico deu informações acerca daquilo que ele pediu e no Plantão narrou algo de sua vida.

A entrevista de Dália pareceu tê-la permitido compartilhar e se relacionar, um pouco mais, com a experiência vivida. Passando de uma experiência enquanto *sensação do vivido* com conotação positiva, para algo, que foi sendo reconhecido, alojado e expresso. Do vivido para a linguagem, do individual e disforme para o plural, compartilhado, mostrando sua sensibilidade e encolhimento.

Como um artesão que dá forma ao barro na criação de um pote, Dália parece recriar sua possibilidade de estar-no-mundo-com-outros quando dá forma à suas sensações com uma fala nomeadora e “reconhecedora” do vivido. Trata-se do símbolo podendo ser olhado e significado em sua fugacidade, como o barro que guarda todas as possibilidades antes de ser transformado, mas é amorfo. Quando esculpido, muda seu relacionamento e utilização no mundo, mas perde o seu potencial de ser “qualquer coisa”. Dália parece que começou a mexer no barro, a experimentar formas. Timidamente.

3.4.2. Rosa

Material para o cultivo

Eu achei que... a contadora de histórias é bem envolvente... Ela conta com grandes detalhes... a história... Eu gosto muito de ouvir as pessoas... então foi fácil prender a minha atenção... Eu achei a história muito... bonita... é do tipo que eu gosto: com final feliz... e que ensina algumas coisas... Eu achei ótima... me senti muito bem... Até me arrepiou em alguns momentos... Ela conta muito bem... Apesar da história ser longa, eu não senti o tempo passar... Eu acho que ela conta muito bem, mesmo... Ela é ótima...

Eu acho que é... como eu gostaria de ser... de viver... esse sonho.... Eu acho que todo mundo quer... encontrar essa felicidade... E... como se... a mãe da história tivesse apostado em seu próprio sonho, ela o estava perdendo e fez de tudo para realizá-lo... Essa garra e essa persistência... tem um pouco de mim também.... Eu me identifiquei com a história... principalmente com a atitude do caçula: eu também faço de tudo para ajudar as pessoas... eu não sei negar... ter dado tudo certo... me fez sentir bem...

Essa identificação com os personagens me causa uma sensação boa... de que eu estou no caminho certo... E os outros dois... me fazem pensar que é como se a gente tivesse rodeado por pessoas assim e... como dá para ser... um lírio, no meio do lodo... que é possível...que não devemos nunca desistir dos nossos sonhos... ou dos objetivos... Acho que isso é importante... Me fez sentir que persistindo naquilo que você tem de mais puro dentro de você... você está... no caminho certo... No caminho de chegar mais perto dos seus objetivos...

No meu trabalho eu já experienciei essa sensação da qual falei. Tudo que eu quis obter... sempre foi com muito esforço... precisei batalhar bastante... nada foi muito fácil... A vantagem é que... no final tudo deu certo... mas... eu sempre... tive que persistir... Houve obstáculos... em que eu quis desistir ... mas amigos, família sugeriam e eu mesma não queria... realmente... desistir... Persisti no caminho... vencendo esses obstáculos... até que... tudo se resolveu da melhor maneira...

Há uma diferença... da historinha para mim: eu... custo a acreditar que eu sou capaz... Sempre estou... em dúvida, né... mas sempre persistindo... Eu acho que... o menino da história era mais confiante...

Tudo isso me fez sentir bem, eu já senti isso antes... Eu acho que é a satisfação que sinto quando eu consigo... realizar algum objetivo... Senti isso na minha qualificação de mestrado... Foi uma

gratificação muito grande... No relacionamento, quando fico muito tempo afastada da pessoa com a qual estou... e depois a revejo... também me causa esse tipo de sensação: paz... quando eu estou com uma pessoa que eu gosto muito... e me faz bem.... São exemplos de situações nas quais já senti esse conforto que senti com a história... Quando eu escuto casos reais... emocionantes... eu também sinto essas sensações de arrepio... Estou sempre me envolvendo... É uma coisa que sai... assim... da gente... É uma coisa que faz bem... uma felicidade... É como se eu tivesse curtindo a felicidade junto com o outro... É momentâneo mas faz bem...

Para traduzir tudo isso em uma imagem eu acho que é muito brilho... muito brilho... A natureza... e o brilho que ela emana... assim... a paz... o verde... flores... Tudo o que vem da natureza, para mim, é sagrado...

Falar sobre isso, foi bom... Deu para contar o que eu senti... Saí da sessão de história comentando... com vontade de compartilhar o que havia se passado.... Não se tratava de contar a história de novo, mas falar das sensações... Para mim isso fez bem... alivia, né? Acho que não dá para ficar guardando isso só para mim... Alivia compartilhar... não segurar só para mim essa alegria... essa sensação boa... Dá vontade de contagiar outras pessoas!

Vendo Rosa em botão

Rosa falou de uma vivência de encantamento. Num primeiro momento sugeriu um afastamento de si, identificação com o “bem” e busca de receita para viver.

Ao longo da entrevista, é possível perceber que foi sua tentativa inicial para nomear o que sentiu, como movimento de busca de situar-se no mundo com outros. Parecia encantada com a história, como se tivesse sido transportada para um mundo mágico. No depoimento foi aterrissando em sua própria realidade, o que foi ajudando-a a perceber-se a partir da história. Tal movimento foi vivenciado como aliviante por Rosa, como poderá ser acompanhado a seguir.

Cultivando Rosa

(I). Eu achei que... a contadora de histórias é bem envolvente... Ela conta com grandes detalhes... a história... Eu gosto muito de ouvir as pessoas... então foi fácil prender a minha atenção... Eu achei a história muito... bonita... é do tipo que eu gosto: com final feliz... e que ensina algumas coisas... Eu achei ótima... Me senti muito bem... Até me arrepiou em alguns momentos... Ela conta muito bem... Apesar da história ser longa, eu não senti o tempo passar... Eu acho que ela conta muito bem, mesmo... Ela é ótima...

Ao ouvir a história, sentiu-se seduzida e envolvida por uma magia que a capturou. Este encontro provocou um fluxo de sentimentos que a levaram a vivenciar comunhão, entrega, envolvimento e prazer decorrentes de seu mergulho no universo que lhe fora narrado. Pareceu sentir-se lançada em um universo sem fronteiras.

Remeteu esta sensação exclusivamente à história e à contadora, elogiando ambas. Como se, respirando, inspirasse profundamente e se preenchesse de ar puro, com potencial renovador. Remeteu ao outro toda a beleza e potencialidade, neste primeiro passo.

(II). Eu acho que é... como eu gostaria de ser... de viver... esse sonho.... Eu acho que todo mundo quer... encontrar essa felicidade... E... como se... a mãe da história tivesse apostado em seu próprio sonho, ela o estava perdendo e fez de tudo para realizá-lo... Essa garra e essa persistência... tem um pouco de mim também.... Eu me identifiquei com a história... principalmente com a atitude do caçula: eu também faço de tudo para ajudar as pessoas... Eu não sei negar... ter dado tudo certo... me fez sentir bem...

Essa identificação com os personagens me causa uma sensação boa... de que eu estou no caminho certo... E os outros dois... me fazem pensar que é como se a gente tivesse rodeado por pessoas assim e... como dá para ser... um lírio, no meio do lodo...

Imersa afetivamente, lançou-se na tentativa de reconhecer a si e ao seu envolvimento.

Começou a tentar se localizar no universo no qual se encontrava. Procurou identificar a renovação que a história lhe promoveu, buscando localizar, a partir dos trechos da mesma que lhe chamaram a atenção, a si no mundo; o espelhar e o ser espelhada pela história.

Separou o bom do ruim. Identificou-se com a persistência e a busca – lírio - separando-a da atitude dos irmãos – lodo – que, segundo ela, a rodeia, não fazendo parte de si.

Rosa pareceu estar mergulhada na história, sem conseguir se diferenciar da mesma.

*O Cravo brigou com a Rosa,
Debaixo de uma sacada...*

(III). que é possível...que não devemos nunca desistir dos nossos sonhos... ou dos objetivos... Acho que isso é importante... Me fez sentir que persistindo naquilo que você tem de mais puro dentro de você... você está... no caminho certo... No caminho de chegar mais perto dos seus objetivos...

O lodo poderia ser a tentação de desistir dos objetivos? O caminho certo, persistir neles e no que se tem de mais puro? Será que Rosa sabe discriminar o lodo do lírio?

Neste movimento de tentar reconhecer-se a partir da história, chegou a uma conclusão, a algo que considerou importante, que lhe foi suscitado a partir da história: “persistindo naquilo que você tem de mais puro dentro de você... você está... no caminho certo...”. Neste envolvimento com a história, a partir de si, apreendeu este “conselho”. Neste sentido, a história abriu possibilidades, provocando um encontro com uma potencialidade de Rosa, trazendo preenchimento e sensação de plenitude. Estímulo, que lhe sugeriu ser possível querer, confiar, conquistar e ser capaz, ainda que não tivesse se dado conta disso, nem soubesse como fazê-lo.

No processo de apropriar-se de sua experiência, partiu da vivência singular que foi significativa, para a generalização. Pareceu buscar um modelo a seguir, uma atitude adequada e correta para se basear, embora tais esforços fossem na tentativa de encontrar um caminho, uma direção, de situar-se.

(IV). No meu trabalho eu já experienciei essa sensação da qual falei. Tudo que eu quis obter... sempre foi com muito esforço... Precisei batalhar bastante... nada foi muito fácil... A vantagem é que... no final tudo deu certo... mas... eu sempre... tive que persistir... Houve obstáculos... em que eu quis desistir ... mas amigos, família sugeriam e eu mesma não queria... realmente... desistir... Persisti no caminho... vencendo esses obstáculos... até que... tudo se resolveu da melhor maneira...

*O Cravo saiu ferido,
E a Rosa despedaçada...*

Eliciado pela história, Rosa lembrou-se da vivência de um processo. Neste momento, pareceu pousar de um mundo mágico - de possibilidades e encantamento a partir do outro - no seu mundo, com suas idiossincrasias. Neste, suas dificuldades imperavam e se interpunham entre ela e seus desejos, diferentemente de quando se referiu à história, na qual ela percebia tudo como maravilhoso. Relembrou dificuldades de seu caminho.

A cadência e conteúdo de sua fala sugeriram que foi se aprofundando em uma lembrança difícil, de algo que realizou, que dela exigiu e consumiu forças.

Foi se aproximando da vivência de um momento de indiscriminação e falta de reconhecimento de si, que lhe suscitara buscar parâmetros externos para se nortear. A lembrança referiu-se a uma vivência no trabalho na qual, diante de obstáculos quase desistiu de algo, mas se manteve por sugestão de outras pessoas. Rosa se deu conta de que não queria, realmente, desistir. Sugeriu ter havido uma dificuldade de contato com suas próprias necessidades, vontades e potencialidades – o seu lírio - o que resultou em sofrimento, uma vez que a deixou desnorreada necessitando de parâmetros externos para se balizar e, conseqüentemente, à mercê das condições do vento, como um barco à vela.

(V). Há uma diferença... da historinha para mim: eu... custo a acreditar que eu sou capaz... Sempre estou... em dúvida, né... mas sempre persistindo... Eu acho que... o menino da história era mais confiante...

*O Cravo ficou doente,
A Rosa foi visitar...*

O aprofundamento em sua realidade, evocou sua falta de confiança pessoal.

Falar sobre sua experiência com a história, remeteu-a à sua dificuldade em relação aos seus “quadros de pano”. Será que os reconhece mas não acredita em sua própria percepção? Falou de sua falta de confiança. Neste sentido, a história pareceu levá-la, a partir desta relação, a pensar em suas dificuldades, no que necessita de cuidado.

Rosa ao entrar em contato com isso pode ter se achado incapaz e se diminuído, ou tê-las tomado como dificuldades a serem superadas e um alerta acerca do que precisa desenvolver. Na entrevista, não falou sobre este assunto.

(VI). Tudo isso me fez sentir bem, eu já senti isso antes... Eu acho que é a satisfação que sinto quando eu consigo... realizar algum objetivo... Senti isso na minha qualificação de mestrado... Foi uma gratificação muito grande... No relacionamento, quando fico muito tempo afastada da pessoa com a qual estou... e depois a revejo... também me causa esse tipo de sensação: paz... Quando eu estou com uma pessoa que eu gosto muito... e me faz bem.... São exemplos de situações nas quais já senti esse conforto que senti com a história... Quando eu escuto casos reais... emocionantes... eu também sinto essas sensações de arrepio... Estou sempre me envolvendo... É uma coisa que sai... assim... da gente... É uma coisa que faz bem... uma felicidade... É como se eu tivesse curtindo a felicidade junto com o outro... É momentâneo mas faz bem...

*O Cravo teve um desmaio,
A Rosa pôs-se a chorar.*

Rosa falou de situações diferentes nas quais se sentiu tocada como com a história. Referiu-se a encontros e envolvimento: com o produto de sua obra (qualificação de mestrado), com pessoas, com uma história escutada (casos reais emocionantes).

Rosa remeteu esta sensação a situações muito diferentes. Em algumas, sua participação foi ativa, tendo sido responsável pela conquista com a qual se envolveu – como na qualificação de mestrado – em outras, foi completamente passiva – quando escutou casos reais emocionantes.

Denotou haver sentido indiscriminação, sensação de “ser levada pelo vento”, de não ter conseguido situar o quanto se sentiu afetando e sendo afetada pelo mundo. Pareceu ser inundada por sentimentos e sensações – como o foi quando ouviu a história – que não conseguiu nomear. Causaram um fluxo intenso de emoções desorganizadas que obnubilaram sua relação e percepção do mundo. Ela pareceu ficar, neste panorama, tentando entender “o que é verdadeiro?”, “em que pode confiar?”, “por onde se deixar conduzir?”, “o que não é perigoso?” e se manteve presa nesta dinâmica.

(VII). Para traduzir tudo isso em uma imagem eu acho que é muito brilho... muito brilho... A natureza... e o brilho que ela emana... assim... a paz... o verde... flores... Tudo o que vem da natureza, para mim, é sagrado...

Ao tentar traduzir sua experiência falou de brilho, sugerindo que esta vivência resplandeceu para ela, podendo guardar alguma resposta para as suas questões. Brilho, este, da natureza, que considerou sagrado, sugerindo que o que viveu ficou além e aquém de explicações, como se a tivesse preenchido com ar puro.

O que vem da natureza, que ela considerou sagrado, inviolável, puro, pareceu representar aquilo que alimentou sua alma no meio de sua busca por norte. Tal alimento pareceu ter sido a possibilidade de confiar em si, no seu próprio lírio sem precisar ser levada, nem buscar caminhos a partir de referenciais externos; bem como a possibilidade de ter sido afetada mas também ter afetado ou afetar o mundo.

Ajudou-a na medida em que, com sua linguagem simbólica, pareceu ter sugerido este caminho: o caminho da própria experiência. A história pode ter lhe suscitado a imagem do brilho, por ter tocado nesta possibilidade, a partir de algo que partiu e a remeteu a uma pertença ao coletivo

(VIII). Falar sobre isso, foi bom... Deu para contar o que eu senti... Saí da sessão de história comentando... com vontade de compartilhar o que havia se passado.... Não se tratava de contar a história de novo, mas falar das sensações... Para mim isso fez bem... alivia, né? Acho que não dá para ficar guardando isso só para mim... Alivia compartilhar... não segurar só para mim essa alegria... essa sensação boa... Dá vontade de contagiar outras pessoas!

Experiência que ela desejou compartilhar, como se a inspiração profunda, vivificante (da qual falei na parte I), tivesse demandado expiração: devolução do ar para o mundo, afetado pela passagem por dentro dos pulmões. Ainda que ela não pareceu se achar capaz de transformar o ar, houve indícios de que tem um lado dela que confia: “Não se tratava de contar a história de novo, mas falar das sensações... Para mim isso fez bem... alivia, não é?”.

Compartilhar a experiência foi uma forma de ultrapassar a *vivência de sensação* ajudando-a a se aproximar deste universo, buscando traduzi-lo, ainda que esteja somente no começo dessa trilha.

Será que reconhece sua possibilidade de afetamento, por ter vivido a própria afetabilidade?

Apreciando o desabrochar de Rosa

Durante o depoimento, Rosa foi se aproximando da nomeação de sua experiência ouvindo a história e a foi elaborando no contexto de sua vida. Tal envolvimento evocou dois aspectos de sua vivência: um relativo ao brilho e potencialidades que esta lhe provocou, e outro relativo a limitações que relatou possuir.

Neste sentido, durante o depoimento, Rosa falou de encantamento e de limitações. Encantamento quando se referiu à vivência ouvindo a história e limitações quando transpôs o conteúdo da mesma para a própria vida, o que a remeteu a caminhos ainda não trilhados, a dificuldades. O primeiro caso fortaleceu sua confiança, ofereceu esperança, dando a impressão de “uma luz no fim do túnel” (III). O segundo, lembrou-a de que, para tanto, tem que afrontar o seu jeito de ser no mundo (V).

Falou de idiosincrasias de seu caminho, de obstáculos: “nada foi muito fácil”. Ela pareceu ficar atenta para como se dão as conquistas para os outros. Ficou com a impressão que a conquista do menino da história foi mais fácil. Pareceu não se dar conta dos caminhos que já trilhou, achando-se desprovida de qualquer possibilidade, sem perceber que tem batalhado e conquistado suas coisas. A história a levou para esta questão confiança/insegurança, conduzindo-a por um caminho de abertura, sugerindo que é possível.

Ela se identificou, encantou-se, envolveu-se. Este envolvimento pareceu ter trazido além da identificação de dificuldades, a esperança nas possibilidades que se mostraram para ela. Os efeitos da história pareceram ser o despertar para a existência dessas possibilidades, que a afetaram, encantaram e envolveram e, ao serem compartilhadas na entrevista, a levaram para a sua forma habitual de ver o mundo, com suas dificuldades e bloqueios. Ainda que ela não tenha conseguido nomear as possibilidades que se abriram a partir da audição do conto, provocaram vontade de compartilhar o vivido. Entretanto, pareceu que ela não percebeu que o brilho que, em sua imaginação, irradiou-se a partir do contato dela com a audição da história foi fruto desta relação. Rosa pareceu imergir na história e emergir

radiante, com a necessidade de irradiar o brilho que sentiu, em si, despertado – falou que alivia falar, compartilhar a alegria que disse estar sentindo.

Veio ao Serviço de Plantão Psicológico falar de si e esta entrevista se deu antes que ela tivesse tido esta oportunidade - após a entrevista, ela seria atendida por um plantonista. Foi remetida para uma contadora de histórias a quem ouviu.

De modo geral, sentiu-se envolvida pela história, o que provocou um fluxo de sentimentos que resultou numa sensação de envolvimento, comunhão, entrega e nutrição. Permitiu ampliar, abrir e relembrar que existem possibilidades, trazendo uma sensação de preenchimento e plenitude. Estímulo que sugeriu ser possível querer, confiar e conquistar, ao mesmo tempo que, ao ser lapidado através do depoimento, a remeteu a dificuldades. Sua falta de percepção de si própria, seus limites, suas conquistas e potencialidades, ficaram evidenciados e parecem ser vividos, intensamente, como falta. O contato de Rosa com a história pareceu tê-la levado ao vislumbre de uma possibilidade de encontrar seu próprio norte, tendo acendido uma chama de esperança para lidar com suas próprias questões.

3.4.3. Violeta

Material para o cultivo

Hoje... aqui... foi bom.... O fato de poder falar... as coisas que... estavam me incomodando... ajuda a aliviar um pouco.... Foi ótimo... A história também... Eu adoro ouvir histórias... então eu gostei... achei interessante... Para mim, pessoalmente, foi de uma certa ajuda... Eu estava precisando me exteriorizar mais... me abrir mais... Eu preciso de uma continuidade... mas ajudou...

Eu esperava que... a pessoa que me atendeu... fosse... falar mais.... No fim, quem falou mais fui eu.... Eu esperava... que ele me dissesse o que eu poderia estar fazendo... como agir... No final, eu acabei falando mais de mim... Aí, ele percebeu que eu tenho que fazer uma terapia... para trabalhar cada problema que tenho... e eu vi que não dá para a gente resolver o mundo em uma hora.... Tem que ser uma coisa mais devagar...

No fim, ter falado mais foi bom porque a gente começa... a lembrar coisas que a gente nem.. Uma coisa vai puxando a outra e você percebe que tem várias coisas incomodando... e pensa saídas... Foi bom... É como se eu estivesse presa... Agora estou me sentindo um pouco melhor... Não estou... resolvida... Eu estou ainda com os problemas... Nada é milagroso.... Mas o fato de falar já... melhora.... Senão, a gente fica guardando as coisas para a gente e é ruim isso, né... Quanto a isso foi bom...

Sobre a história... eu gostei... Eu sempre gostei de ouvir histórias, coisa que a gente deixa de fazer com o tempo... Eu achei interessante... A contadora estava bem preparada e a maneira como ela contou foi legal... ela tem muito jeito para contar... É diferente... e eu gostei... Fazia tempo que eu não ouvia histórias... Me lembrou da época que eu era criança, que eu gostava de ouvir histórias... e ficar imaginando... a situação da história... a cena que se forma na minha imaginação... na minha cabeça... Eu gostava muito de histórias... de ler histórias... tinha vários livrinhos... De repente, a gente esquece que a gente cresceu... Temos um pouco de criança... Às vezes precisamos de uma coisa mais leve... Ficamos ouvindo o dia inteiro notícias ruins... de repente, parar e ouvir uma história gostosa... foi... foi bacana... Eu acho que até me inspirou um pouco... para eu poder me abrir.... É... realmente... me inspirou um pouco...

Depois da história, eu fui atendida e eu me senti mais à vontade para falar... Porque eu vim para cá pensando o que eu iria falar... o que iria fazer... Eu acordei hoje ansiosa... agitada... com mil coisas para fazer.... Eu estava meio perdida.... Ajudou a colocar as

minhas idéias no lugar... assentar um pouco... e conseguir falar depois... Isso foi bom...

Eu tive sensações diferentes com a história e com o Plantão: com a história ficou tudo bem... mas depois, comecei a falar e as coisas vêm à tona, assim... A sensação é diferente.... A história ajudou a organizar as idéias melhor... antes de falar.... A sensação da história é confortante... Eu estava lá.. na sala... É diferente de ter que falar no Plantão... quando começam a vir as coisas na cabeça... Me senti meio presa... Eu consegui falar... mas é diferente... Não sei se eu estou conseguindo expressar...

Se eu fosse pensar numa imagem para expressar isso que eu estou querendo dizer.... da minha sensação aqui... Tem um quadro que eu vi uma vez na Bienal... não sei se foi do ano retrasado... Eu estava com o meu irmão lá e a gente sentiu a mesma coisa... Eu não sei quem era o pintor... Ele... pintava as pessoas... meio que enroladas... sabe? Dava a sensação de umas situações em que você se sente assim: meio que presa... enrolada em alguma coisa... de não conseguir falar... A gente até falou disso na hora: de quando você está numa situação e se sente assim... Pode ser que eu tenha me sentido daquele jeito... até agora... Agora eu tenho que tentar desenrolar... Acho que é mais ou menos isso...

Estava me sentindo enrolada falando no Plantão... e continuo porque foi só uma conversa... Eu espero um retorno porque... não resolveu tudo apesar de eu já estar me sentindo melhor... Mas não estou me sentindo menos enrolada porque eu não consegui ter a saída ainda... Eu só falei... Por enquanto não teve retorno... isso é que eu espero... Eu preciso de alguém que fale para mim alguma coisa, sabe? Então... eu ainda me sinto um pouco enrolada... Também mais leve, vendo o dia de outra forma... um pouco mais tranquila...

Quando eu estava ouvindo a história não era esse "personagem do quadro" que estava presente "ouvindo a história". Porque quando eu ouvi a história, eu me desliguei de tudo e... procurei ouvir a história... Se eu fosse pensar em uma imagem para esse momento da história... Eu me lembro de um quadro que o meu pai pintou... Ele tem um quadro que eu adoro: tem um lago, as árvores e um cavalo bebendo água desse lago... Eu adoro esse quadro... Eu acho que ele transmite uma coisa... super gostosa... e eu gosto muito de paisagem... Aquele quadro caberia bem para falar da minha sensação ouvindo a história... principalmente no final da história que o lago e a montanha se transformam... e as casas... Até combinaria... sabe?... Aquele quadro... Tem a ver com como me senti...

Agora, pensar em uma imagem que integrasse esses dois momentos... é difícil... Eu estou em um momento da minha vida que... eu não consigo nem falar quem eu sou... como é que eu sou... está tendo muita transformação... É difícil imaginar um quadro ou

uma situação... que possa expressar esses dois momentos... Não sei mesmo...

Pensando em uma situação que eu já tenha vivido que foi semelhante com a minha experiência aqui... eu lembro de quando fui tirar carta... Meu pai me pressionou para eu tirar carta... Eu fiz o exame psicotécnico e eu não tinha me dado conta que eu estava tendo toda aquela pressão e que estava sofrendo... A psicóloga que estava me fazendo o psicotécnico, me pediu para repetir o exame... eu não esperava aquilo e comecei a chorar... Ela virou para mim e falou: "você é uma pessoa muito fechada". Para mim aquilo foi o estopim... Eu senti que eu... precisava falar... e eu conversei com ela na situação... Hoje, eu me senti na mesma situação de ter que falar... Eu acho que dá para comparar essas duas situações... do Plantão... A situação toda de vir até aqui e falar... Foi até que meio semelhante...

E, aí, no meio disso teve a história... Eu vim esperando... a consulta... Eu acho que a história veio, assim, como uma coisa boa... para me relaxar... Eu não teria com o quê comparar... Foi uma coisa boa que aconteceu junto... Assim... boa para organizar as minhas idéias... para eu assentar um pouco... Isso sim foi bom...

Eu acho que consegui falar da minha experiência aqui, hoje... É isso mesmo que eu queria... Eu só esperava, como eu falei, um maior retorno... entendeu? Só isso que eu esperava mais... O resto, eu acho que é o que eu deveria ter feito mesmo... Eu achei que eu... consegui falar mais do que eu esperava... e isso foi muito bom... Mas assim... eu espero um pouco mais... conseguir falar mais e... ouvir um pouco mais...

Vendo Violeta em botão

Ao longo da entrevista, Violeta procurou identificar suas sensações e vivências para expressá-las.

Causou, em um primeiro momento, a impressão de falta de fluência na comunicação, congestionamento ou algo que sai "aos socos". Posteriormente, foi possível perceber tratar-se da dificuldade de falar que ela referiu possuir.

A cada passo cautela, medo, alívio pelo caminho trilhado e falta pelo que faltava trilhar.

Foi percebendo e discriminando as contribuições de Plantão e história em sua vivência no Serviço.

Cultivando Violeta

(I). Hoje... aqui... foi bom.... O fato de poder falar... as coisas que... estavam me incomodando... ajuda a aliviar um pouco.... Foi ótimo... A história também... Eu adoro ouvir histórias... então eu gostei... achei interessante... Para mim, pessoalmente, foi de uma certa ajuda... Eu estava precisando me exteriorizar mais... me abrir mais... Eu preciso de uma continuidade... mas ajudou...

Violeta no começo do depoimento, procurou as palavras e, reflexivamente, foi buscando traduzir suas sensações: tarefa que lhe foi difícil. Passo a passo, misturando, falando e “des-falando”, mostrou seu movimento: algo aconteceu e algo poderia ter acontecido e não aconteceu. Algo “foi aliviado” e algo foi frustrado e/ou ficou inacabado.

(II). Eu esperava que... a pessoa que me atendeu... fosse... falar mais.... No fim, quem falou mais fui eu.... Eu esperava... que ele me dissesse o que eu poderia estar fazendo... como agir... No final, eu acabei falando mais de mim... Aí, ele percebeu que eu tenho que fazer uma terapia... para trabalhar cada problema que tenho... e eu vi que não dá para a gente resolver o mundo em uma hora.... Tem que ser uma coisa mais devagar....

No fim, ter falado mais foi bom porque a gente começa... a lembrar coisas que a gente nem.. Uma coisa vai puxando a outra e você percebe que tem várias coisas incomodando... e pensa saídas... Foi bom... É como se eu estivesse presa, né... Agora estou me sentindo um pouco melhor... Não estou... resolvida... Eu estou ainda com os problemas... Nada é milagroso.... Mas o fato falar já... melhora.... Senão, a gente fica guardando as coisas para a gente e é ruim isso... Quanto a isso foi bom...

Foi tentando articular seu pensamento e identificar o que a deixou com a sensação que falara anteriormente. Falou sobre o que foi oferecido, o que ficou faltando e o que lhe acrescentou sua ida ao Serviço. Fez um balanço de sua experiência como se procurasse nomear e avaliar o que teve no encontro.

As polaridades falar *versus* ouvir foram evidenciadas em seu discurso. Falar de si foi difícil. Queria ouvir mais sobre o que fazer. Ao mesmo tempo, se deu conta de que falar a aliviou, foi bom, foi trazendo saídas. Disse que “foi bom compartilhar...” e reconhece que tudo isso demanda tempo e trabalho de si mesma.

Parece que Violeta tinha uma expectativa de resolver seus problemas e se percebeu, ainda, carregando-os. Ao mesmo tempo, percebeu o quanto esta era irrealizável; e que algo começou.

(III). Sobre a história... eu gostei... Eu sempre gostei de ouvir histórias, coisa que a gente deixa de fazer com o tempo... Eu achei interessante... A contadora estava bem preparada e a maneira como ela contou foi legal... ela tem muito jeito para contar... É diferente... e eu gostei... Fazia tempo que eu não ouvia histórias... Me lembrou da época que eu era criança, que eu gostava de ouvir histórias... e ficar imaginando... a situação da história... a cena que se forma na minha imaginação... na minha cabeça... Eu gostava muito de histórias... de ler histórias... tinha vários livrinhos ... De repente, a gente esquece que a gente cresceu... Temos um pouco de criança... Às vezes precisamos de uma coisa mais leve... Ficamos ouvindo o dia inteiro notícias ruins... de repente, parar e ouvir uma história gostosa... foi... foi bacana...

Pensando/falando, procurou elementos que circunscrevessem e expressassem a experiência que teve.

A contadora ajudou a abrir uma porta encostada. A história lhe sugeriu a possibilidade de lembrar uma antiga disposição de trilhar caminhos de forma leve, sem tantas cobranças, para onde quer que eles a levassem. A revivificação de experiências passadas, significativas, conduziram à possibilidade de leveza, contato com o “mundo do possível” – como quando criança que trouxe outra possibilidade de relação com o “mundo do real”.

A história pareceu ter trazido a lembrança de caminhos já trilhados e, esquecidos. Caminhos com paisagens belas. Lembranças inspiradoras, organizadoras e “gostosas”.

(IV). Eu acho que até me inspirou um pouco... para eu poder me abrir.... É... realmente... me inspirou um pouco...

Depois da história, eu fui atendida e eu me senti mais à vontade para falar... Porque eu vim para cá pensando o que eu iria falar... o que iria fazer... Eu acordei hoje ansiosa... agitada... com mil coisas para fazer.... Eu estava meio perdida.... Ajudou a colocar as minhas idéias no lugar... assentar um pouco... e conseguir falar depois... Isso foi bom...

Eu tive sensações diferentes com a história e com o Plantão: com a história ficou tudo bem... mas depois, comecei a falar e as coisas vêm à tona, assim.. A sensação é diferente.... A história ajudou a organizar as idéias melhor... antes de falar.... A sensação da história é confortante... Eu estava lá.. na sala... É diferente de ter que falar no Plantão... quando começam a vir as coisas na cabeça... Me senti meio presa... Eu consegui falar... mas é diferente... Não sei se eu estou conseguindo expressar...

Com a história: abertura, possibilidades, organização, inspiração.

No Plantão: possibilidade, expectativa, falta, dificuldade, “travamento”, medo.

A história pareceu resgatar, da infância, o potencial de imaginar para resolver-se, permitindo sair da concretude dos problemas e avaliá-los de uma outra forma. Inspirou-a a se abrir e a redimensionar a ansiedade na qual se encontrava de procurar ajuda, “ter que falar”, etc.

Chegou confusa e indiscriminada com suas próprias questões. A história ajudou a organizá-la, situá-la em seu próprio universo o que facilitou com que falasse no Plantão.

Ouvir (uma história) permitiu acessar um mundo imagético no qual a realidade foi visitada de uma forma diferente do falar (a sua história). Quando ela teve que falar, as coisas começaram a vir na cabeça e ficou

difícil. Falar, pensar, sentir e ouvir. Falar prendeu-a, travou-a. Como se estivesse, novamente lançada em sua confusão e pensamentos circulares, mas que de certa forma, começou a reconhecer a porta encostada e a possibilidade de ser aberta... “Ajuda a pensar saídas...”.

(V). Se eu fosse pensar numa imagem para expressar isso que eu estou querendo dizer.... da minha sensação aqui... Tem um quadro que eu vi uma vez na Bienal... não sei se foi do ano retrasado... Eu estava com o meu irmão lá e a gente sentiu a mesma coisa... Eu não sei quem era o pintor... Ele... pintava as pessoas... meio que enroladas... sabe? Dava a sensação de umas situações em que você se sente assim: meio que presa... enrolada em alguma coisa... de não conseguir falar... A gente até falou disso na hora: de quando você está numa situação e se sente assim... Pode ser que eu tenha me sentido daquele jeito... até agora... Agora eu tenho que tentar desenrolar... Acho que é mais ou menos isso...

Estava me sentindo enrolada falando no Plantão... e continuo porque foi só uma conversa... Eu espero um retorno porque... não resolveu tudo apesar de eu já estar me sentindo melhor... Mas não estou me sentindo menos enrolada porque eu não consegui ter a saída ainda... Eu só falei... Por enquanto não teve retorno... isso é que eu espero... Eu preciso de alguém que fale para mim alguma coisa, sabe? Então.. eu ainda me sinto um pouco enrolada... Também mais leve, vendo o dia de outra forma... um pouco mais tranqüila... mas ainda enrolada...

Quando eu estava ouvindo a história não era esse "personagem do quadro" que estava presente "ouvindo a história". Porque quando eu ouvi a história, eu me desliguei de tudo e... procurei ouvir a história... Se eu fosse pensar em uma imagem para esse momento da história... Eu me lembro de um quadro que o meu pai pintou... Ele tem um quadro que eu adoro: tem um lago, as árvores e um cavalo bebendo água desse lago... Eu adoro esse quadro... Eu acho que ele transmite uma coisa... super gostosa... e eu gosto muito de paisagem... Aquele quadro caberia bem para falar da minha sensação ouvindo a história... principalmente no final da história que o lago e a montanha se transformam... e as casas... Até combinaria... sabe?... aquele quadro... Tem a ver com como me senti...

Violeta, falando em linguagem imagética, disse sentir que conseguiu expressar, com maior fluência, aspectos de sua vivência. Falou do quanto se sentiu "enrolada" no Plantão e do quanto se sentiu bem com a história. No Plantão sentiu-se "enrolada", mas um pouco melhor. Sentiu-se "presa" e confusa, e disse querer se soltar. Entretanto, apesar de continuar com a sensação de falta, algo foi mobilizado.

A história: organizadora; possibilidade de transformação?

Possibilidade de lançar-se sem cobrança nem expectativas?

O Plantão: a lembrança das dificuldades; contato com o próprio aprisionamento? Foi bom, mas não solucionou seu problema. Ajudou a "aliviá-la" mas não a "desenrolá-la". Esperava um retorno, alguém que lhe falasse alguma coisa – que a ajudasse a situar sua vivência no fluxo da existência? Ou, apesar de perceber que algo aconteceu, o que não foi alcançado, despotencializou aquilo que ela pôde perceber sobre si a partir do Plantão?

Na história, relatou ter se desligado de tudo. Desligou-se de sua forma habitual de relacionamento, mudou de posição imaginária, despertando uma outra forma de contato com o mundo, que estava guardada no baú das lembranças. Contato com coisas íntimas que estavam esquecidas, e que ajudaram a dar novas formas àquilo que estava sendo vivido.

(VI). Agora, pensar em uma imagem que integrasse esses dois momentos... é difícil... Eu estou em um momento da minha vida que... eu não consigo nem falar quem eu sou... como é que eu sou... está tendo muita transformação... É difícil imaginar um quadro ou uma situação... que possa expressar esses dois momentos... Não sei mesmo...

Dificuldade de integrar os dois momentos em uma imagem. Não conseguiu fazer a conexão das experiências entre si, como disse que não está conseguindo fazer com as experiências em sua vida. Violeta mostrou-se confusa e angustiada.

Expressou a confusão que se sente vivendo e o quanto fica presa, indiscriminada e imersa nesta situação sem conseguir vislumbrar, por conta própria, uma luz. Não sabe ainda muito bem nomear sua afetabilidade, quanto mais nomear diferenças.

(VII). Pensando em uma situação que eu já tenha vivido que foi semelhante com a minha experiência aqui... eu lembro de quando fui tirar carta... Meu pai me pressionou para eu tirar carta... Eu fiz o exame psicotécnico e eu não tinha me dado conta que eu estava tendo toda aquela pressão e que estava sofrendo... A psicóloga que estava me fazendo o psicotécnico, me pediu para repetir o exame... eu não esperava aquilo e comecei a chorar... Ela virou para mim e falou: "você é uma pessoa muito fechada". Para mim aquilo foi o estopim... Eu senti que eu... precisava falar... e eu conversei com ela na situação... Hoje, eu me senti na mesma situação de ter que falar... Eu acho que dá para comparar essas duas situações... do Plantão... A situação toda de vir até aqui e falar... Foi até que meio semelhante... E, aí, no meio disso teve a história... Eu vim esperando... a consulta... Eu acho que a história veio, assim, como uma coisa boa... para me relaxar... Eu não teria com o quê comparar.... Foi uma coisa boa que aconteceu junto... assim...boa para organizar as minha idéias... para eu assentar um pouco... Isso sim foi bom...

Dificuldade, confusão, falta de percepção e compreensão pessoal, como se estivesse, sem saber o motivo, vivendo coisas que também não sabe nomear. Parece que não conseguiu se localizar diante dos afetamentos que a acometeram, tendo se norteado pelo que esperavam dela, perdendo, desta forma, a sua possibilidade de ação no mundo a partir de suas experiências. Recursos como a admiração de obras de pintura pareceram tê-la ajudado a se reconhecer e dividir o que sentiu com o mundo.

Relatou uma experiência na qual sentiu, em meio a dificuldades, uma oportunidade e necessidade de falar sobre elas – no exame psicotécnico. Sua vivência, singular que estava sendo ignorada, encontrou acolhimento, lugar e nome no mundo, numa situação à qual se submeteu visando ser autorizada a conduzir um veículo por si mesma. Era algo que não queria

fazer, mas foi pressionada pelo externo. Será que a psicóloga, falando de seu modo de estar no mundo com outros (fechada, sofrendo pressões), a ajudou a se reconhecer e se sentir segura para falar de si?.

Antes de buscar ajuda no Serviço sentiu-se indiscriminada da mesma forma que naquela ocasião. Como da outra vez, talvez tenha vindo buscar localizar-se em meio a alguma vivência de pressão, dificuldade, incompreensão.

Ouvir a história, no momento em que procurou o Plantão, pareceu que a auxiliou a perceber-se, de modo que a situou e ajudou a ancorar em si mesma. Resgatou lembranças da infância.

O Plantão parece tê-la remetido, novamente, à dificuldade, à falta de parâmetros, a ter que dirigir por si mesma.

(VIII). Eu acho que consegui falar da minha experiência aqui, hoje... É isso mesmo que eu queria... Eu só esperava, como eu falei, um maior retorno... entendeu? Só isso que eu esperava mais... O resto, eu acho que é o que eu deveria ter feito mesmo... Eu achei que eu... consegui falar mais do que eu esperava... e isso foi muito bom... Mas assim... eu espero um pouco mais... conseguir falar mais e... ouvir um pouco mais...

Violeta terminou o depoimento de modo mais fluido do que começou, dizendo que foi bom, mas que ficou faltando falar e ouvir mais (mesmo conteúdo com o qual começou, de forma diferente): a experiência não a ajudou a ressignificar-se como esperava. Faltou maior continência? Nomeação do que ela estava sentindo? Faltou ajudá-la a integrar a vivência disparada pela história? Ou sua expectativa tão grande que não conseguiu perceber os passos que se fizeram no caminhar, tendo se fixado somente no fim do percurso? Parece que, de alguma forma percebeu esses passos, mas a angústia estava tão grande que a vontade era sair mais aliviada do que saiu? Pareceu ter reconhecido uma possibilidade de abrir uma porta por si mesma, será que ainda não confiava em si para esta direção, esperando que o externo lhe oferecesse mais possibilidades de cuidar de si?

Apreciando o desabrochar de Violeta

De forma séria e reflexiva, Violeta buscou traduzir sua vivência em palavras. A sensação de que algo se deu e algo ficou faltando, esteve presente do começo ao fim do depoimento. Ela tentou esclarecer a que ela se referiu, inclusive para si própria. Esta “tradução” necessitou de reconhecimento, para expressão. Deu a impressão de bloqueado, preso, difícil, mas de possível e desejado acesso. Ao longo do depoimento, sua fala ficou mais fluida parecendo que ela conseguiu traduzir um pouco mais do que queria quando começou a utilizar um recurso mais familiar – a analogia com as pinturas (V).

"Queria ouvir mais". Na história, ouviu, relaxou, organizou-se. Pareceu ter possibilitado algum resgate de criatividade, imaginação e do lúdico (da criança interior) ampliando, permitindo, em oposição ao: bloqueio, falta de fluência, guardar, se adequar às expectativas, estar "enrolada"; que é o que disse estar vivendo.

A história lhe deu inspiração, ajudou-a a se organizar para falar e amenizar a dificuldade e ansiedade que estava sentindo em relação à busca por ajuda. Com a história, desligou de tudo. Desligou de sua forma habitual de relacionamento, mudou de posição imaginária, despertando outra forma de relação com o mundo. Resgatou a lembrança de um tempo no qual se sentia bem, tinha prazer, acessando um registro que assegura que existem possibilidades. Como se partes atrofiadas de si tivessem sido mobilizadas, auxiliando a redimensionar a sua percepção do mundo e de si mesma, na direção de ajudá-la a clarear a sua própria busca. Sentiu-se "enrolada", mas pareceu vislumbrar a possibilidade de "desenrolar-se".

As histórias pareceram tê-la ajudado neste sentido, ao conduzi-la aos sonhos esquecidos, em direção ao seu próprio rumo, o que a ajudou a se organizar para falar no Plantão.

Neste, sua forma habitual de ver o mundo foi chamada à cena. Sentiu-se presa. Apesar de ter falado mais do que imaginou e de uma coisa ter puxado a outra, ter pensado saídas, ficou com a sensação de falta.

Talvez, o trânsito por outras vias de acesso a suas questões, aberto pela história, tenha sido interrompido pela lembrança das dificuldades que a levaram ao Plantão.

No geral, Violeta ficou com a sensação de que algo ficou faltando. Talvez, por não ter podido organizar-se com o que fez, a partir do que foi despertado na história. Pode ser que ficaram faltando retornos, pois um único atendimento parece não ter sido suficiente para Violeta. Ou alguma coisa, que não sabemos nem saberemos. Entretanto, algo se deu: ela se percebeu falando e, por conta própria pensando saídas.

Alguma coisa aconteceu com Violeta no Plantão e, algo, diferente, quando ouviu a história. Em um deles falou, no outro ouviu. Em um deles tinha expectativas, no outro se desligou de tudo. Violeta terminou a entrevista dizendo que precisava ouvir mais. A quem ou a quê? Através da fala de outrem, a si mesma? Suas próprias possibilidades e potencial, bem como as da vida?

3.4.4. Hortência

Material para o cultivo

Para mim foi uma surpresa... o que experienciei aqui hoje... eu não esperava que fosse da maneira que foi... é a primeira vez que eu venho aqui... De alguma forma, eu achei que... fosse feito uma triagem... fosse separado... eu não sei muito bem o que... eu só sei que eu não achei que fosse ser assim... Isso porque quando eu estava no colegial, há muito tempo atrás, teve uma palestra... sobre orientação vocacional... e foi diferente: tinha um questionário, depois você tinha... uma entrevista com uma psicóloga que ia... no final, dar um resultado de qual área você tinha mais habilidade... esse tipo de coisa... Então... foi uma surpresa... Foi bom... mas ao mesmo tempo... às vezes... falar de alguns problemas não é tão legal... mas foi bom... Eu acho que é uma experiência... Eu vim procurar... um aconselhamento para saber o que eu deveria fazer em relação a alguns problemas que eu estou tendo... Eu acho que foi... positivo...

Minha expectativa não era de me expor tanto... pelo menos num primeiro encontro... e não foi isso o que aconteceu... eu fui pega... meio... de surpresa... Achei que tivesse um filtro... alguma coisa... para saber que tipo de... caminho eu deveria seguir dentro de terapia, essas coisas... Também não é a minha área...então, eu não entendo muito bem... Eu acho que seria isso...

Eu estava esperando uma conversa... mas não sobre mim... sobre o que eu poderia estar fazendo... o que não poderia... esse tipo de coisa.... De uma certa forma... eu acho que é bom... Porque quando você fala: "vou procurar isso"... entre o momento que você decide ir procurar até aquele que você realmente vai... às vezes... demora um longo tempo... Então, é melhor... Talvez eu viesse aqui e até... realmente... ter... uma... primeira conversa... desse tipo... demorasse mais algum tempo.... Depois que já foi... aí fica mais fácil... eu acho... É uma coisa dolorosa... quer dizer... eu não esperava passar por isso aqui, hoje... Mas... também... isso não é... tão... grave....

E da história tem alguma ligação? Ou é mais para... Porque depois que você passa por uma... situação... não traumática... mas... forte... no começo você demora um pouco para... começar a escutar a história e... começar a prestar atenção... Quer dizer... você está prestando atenção, mas ao mesmo tempo você está pensando em outra coisa.... Mas é.. Eu acho que... de uma certa forma... ajuda a... relaxar... Você começa a escutar uma outra coisa... ou alguém falando.... Eu acho bom... Me ajudou a relaxar... foi bom... Relaxar é bom...é sempre... melhor do que o contrário!

Num primeiro momento... eu não fiz nenhuma ligação entre o Plantão e a história.... Eu fui lá e escutei uma história... Por mais que você fale que é um trabalho de mestrado, é uma coisa que eu pensei: "o que será que vai acontecer? O que será que ela vai me perguntar depois?". Mas, depois de um tempo, eu fiz uma ligação... porque a história é longa... tem várias partes... e você acaba... se desligando das coisas.... Eu acho que tem uma ligação... que é difícil... de explicar... mas... é como se... se eu tivesse ido embora direto... eu já estaria no meu trabalho agora... e em outras coisas... Eu acho que foi mais um tempo para... estar escutando alguma coisa... estar pensando... terminando... e desligando... como um forma de relaxar... Se eu tivesse ido direto para o trabalho... eu acho que... eu chegaria tensa... por tudo o que aconteceu antes... Agora não... eu já estou mais relaxada... mesmo chorando um pouco... eu já começo a entrar em um outro ritmo... Porque escutando a história... não tem cobrança... é uma coisa sem nenhum compromisso.... Indo para o meu trabalho não... eu tenho que começar a ligar para as pessoas, saber o que eu tenho que fazer... se tenho que mandar algum reporte, alguma coisa... Então, seria vir aqui, ir embora e só poderia pensar e refletir mais tarde....

Pensar em uma imagem sobre isso que passei aqui é difícil... Eu sou péssima nessas coisas... Meio abstrato..... Quando eu estava no Plantão... eu me senti como se... sei lá... eu me senti... acho que... sozinha... como se... eu não tivesse nada... Eu acho que sozinha seria a palavra que definiria... Um quadro? Não sei... Eu tive a sensação de estar sozinha... mesmo com a plantonista lá... Não sozinha no sentido de não ter mais ninguém... eu não sei... É como se... de repente... não sei se é sozinha a palavra... mas... é como se... tivesse... sei lá... se expondo... Como se você estivesse exposta... como se você tivesse uma sensação... de estar nua... sei lá.... Acho que seria mais ou menos isso... Ou como se você estivesse sem máscara.... algo assim... Eu não me lembro de ter sentido isso antes... Acho que só quando... Eu sou filha única... então... grande parte da minha vida eu estive só.... Só... assim... só com a empregada... porque a minha mãe trabalhava... eu não tinha irmãos... No prédio que eu morava não tinha gente da minha idade, não tinha crianças... Eu acho que... em algum momento da infância ou da adolescência eu devo ter me sentido assim... mas eu não consigo lembrar... Mas se refere a essa sensação de estar sozinha... Mas de sensação de nudez... Essa foi uma experiência mais nova... Eu não sei se nova... mas é que eu não consigo lembrar de nenhuma que se relacione...

Na história... eu me senti bem... um pouco ansiosa para saber o final... como é que acabava a história... Mas eu não consigo... pensar em outra coisa... Na história, eu senti uma sensação de harmonia... de... não consigo pensar em outra coisa... Seria uma idéia de harmonia... algo assim... A história do quadro... com o rio...e a

montanha... eu penso em harmonia... Uma coisa que eu tenha vivido que tenha me trazido essa sensação... Engraçado, na hora que ela estava contando eu até consegui lembrar... mas agora... assim...

Acho que...a minha família tem uma casa em Campos do Jordão... tem um lago... me lembrou isso... mas eu não sei se tem alguma relação... Eu me senti como algumas vezes que a gente estava lá... a gente sempre passa a Páscoa lá e... sempre estão os meus primos e os meus tios... é sempre uma coisa boa... Foi isso que eu consegui lembrar... Essa lembrança da minha família e de Campos teve a ver com essa sensação boa que eu senti na história...

Se eu for tentar pensar nos dois juntos, Plantão e história... Eu acho que isso é mais fácil para quem faz humanas!... Eu não senti que tivessem ligação... Foram coisas que.. me fizeram pensar... sei lá... momentos diferentes... Eu acho que... uma outra vez que eu me senti assim... eu estudava num colégio de freiras... e de repente eu fui para um outro colégio... eu acho que nesse momento eu me senti... como eu me senti hoje... no Plantão... foi uma coisa muito difícil... Agora uma coisa em harmonia... não decorrente disso... eu acho que o próprio colégio...no final do colegial... foi uma coisa de harmonia... foi uma coisa muito... legal... Tiveram viagens... foi a época que alguns, que eram mais velhos, começaram a tirar carta... então, todo mundo saía: Quinta, Sexta e Sábado... Era uma época em que todo mundo saía... época de harmonia... era boa.... E, ao mesmo tempo, um não é decorrente do outro... como não foram Plantão e histórias... Eu acho que é isso... são coisas que eu consigo lembrar...

No Plantão, ficou forte a sensação de um baque... mas não ficou a sensação que não foi bom.... É que às vezes... por exemplo... não é que a mudança do colégio não tenha sido boa... eu sempre quis mudar de colégio... eu odiava estudar em colégio de freiras.. mas assusta... no começo... Tanto é que... ao longo do colegial... ao longo do tempo.. eu fiz vários amigos que são meus amigos até hoje... e foi uma vivência muito boa.... Eu tive essa oportunidade... fui para esse colégio... era um colégio legal... Mas no começo... no primeiro dia de aula... foi assustador... Eu lembro que na época o colégio não tinha uniforme... hoje até tem, mas na época não tinha... então, tinha todo aquele negócio: "puxa, como será que o pessoal vai, o que será que usam". Era aquela coisa, eu estava acostumada com uniforme, eram sempre os mesmos professores, aquela coisa, normal... Mas isso é uma coisa que... eu me lembro até hoje... foi difícil... Não é que isso tenha sido ruim... Não foi ruim... Mas para a gente saber se alguma coisa é ou não ruim... precisa passar um tempo... pensar... e saber direito... É assim que eu me sinto em relação ao Plantão...

Falar aqui... este terceiro momento foi mais tranquilo... sem problemas... Eu acho que foi... decrescendo a... dificuldade...

Vendo Hortência em botão

Hortência chegou bastante emocionada à entrevista, e de forma envolvida, procurou compreender e expressar sua experiência no Serviço, tomando consciência da influência de cada um dos eventos no seu percurso

Cultivando Hortência

(I). Para mim foi uma surpresa... o que experienciei aqui hoje... eu não esperava que fosse da maneira que foi... é a primeira vez que eu venho aqui... De alguma forma, eu achei que... fosse feito uma triagem... fosse separado... eu não sei muito bem o que... eu só sei que eu não achei que fosse ser assim... Isso porque quando eu estava no colegial, há muito tempo atrás, teve uma palestra... sobre orientação vocacional... e foi diferente: tinha um questionário, depois você tinha... uma entrevista com uma psicóloga que ia... no final, dar um resultado de qual área você tinha mais habilidade... esse tipo de coisa... Então... foi uma surpresa... Foi bom... mas ao mesmo tempo... às vezes... falar de alguns problemas não é tão legal... mas foi bom... Eu acho que é uma experiência... Eu vim procurar... um aconselhamento para saber o que eu deveria fazer em relação a alguns problemas que eu estou tendo... Eu acho que foi... positivo... Minha expectativa não era de me expor tanto... pelo menos num primeiro encontro... e não foi isso o que aconteceu... eu fui pega...meio... de surpresa...

Sua experiência foi diferente do que imaginava e foi difícil. Desconcertou-a. Exigiu um reposicionamento em relação a sua própria questão.

Falou da surpresa que estava sentindo em relação à sua vivência no Plantão, parecendo angustiada e aflita, procurando explicações para esta experiência.

Circulou por várias esferas: suas expectativas e o que imaginava ser a sua busca (triagem). Pareceu se surpreender com sua própria narrativa e necessidade (com sua exposição), que não foi o que imaginou que seria.

(II). Achei que tivesse um filtro... alguma coisa... para saber que tipo de... caminho eu deveria seguir dentro de terapia, essas coisas... Também não é a minha área... então, eu não entendo muito bem... Eu acho que seria isso...

Eu estava esperando uma conversa... mas não sobre mim... sobre o que eu poderia estar fazendo... o que não poderia... esse tipo de coisa.... De uma certa forma... eu acho que é bom... Porque quando você fala: "vou procurar isso"... entre o momento que você decide ir procurar até aquele que você realmente vai... às vezes... demora um longo tempo... Então, é melhor... Talvez eu viesse aqui e até... realmente... ter... uma... primeira conversa... desse tipo... demorasse mais algum tempo.... Depois que já foi... aí fica mais fácil... Eu acho... É uma coisa dolorosa... quer dizer... eu não esperava passar por isso aqui, hoje... Mas... também... isso não é... tão... grave....

Foi se aprofundando, na tentativa de explicar, e explicitou a causa da angústia que demonstrava estar sentindo: teve uma conversa na qual expôs aspectos dolorosos e não esperava por isso. Vivenciou algo inesperado e “desalojador”. Surpreendeu-se com o seu próprio envolvimento e com o “tipo” de conversa que teve: sobre si mesma se relacionando no mundo e não sobre seus comportamentos. Falou de si para outro... Foi assustador, mas não de todo mau.

(III). E da história tem alguma ligação? Ou é mais para... Porque depois que você passa por uma... situação... não traumática... mas... forte... no começo você demora um pouco para... começar a escutar a história e... começar a prestar atenção... Quer dizer... você está prestando atenção, mas ao mesmo tempo você está pensando em outra coisa.... Mas é.. Eu acho que... de uma certa forma... ajuda a... relaxar... Você começa a escutar uma outra coisa... ou alguém falando.... Eu acho bom... Me ajudou a relaxar... foi bom... Relaxar é bom...é sempre... melhor do que o contrário!

Num primeiro momento... eu não fiz nenhuma ligação entre o Plantão e a história.... Eu fui lá e escutei uma história... Por mais que você fale que é um trabalho de mestrado, é uma coisa que eu pensei: "o que será que vai acontecer? O que será que ela vai me perguntar depois?". Mas, depois de um tempo, eu fiz uma ligação... porque a história é longa... tem várias partes... e você acaba... se desligando das coisas.... Eu acho que tem uma ligação... que é difícil... de explicar... mas... é como se... Se eu tivesse ido embora direto... eu já estaria no meu trabalho agora... e em outras coisas... Eu acho que foi mais um tempo para... estar escutando alguma coisa... estar pensando... terminando... e desligando... como um forma de relaxar... Se eu tivesse ido direto para o trabalho... eu acho que... eu chegaria tensa... por tudo o que aconteceu antes... Agora não... eu já estou mais relaxada... mesmo chorando um pouco... eu já começo a entrar em um outro ritmo... Porque escutando a história... não tem cobrança... é uma coisa sem nenhum compromisso.... Indo para o meu trabalho não... eu tenho que começar a ligar para as pessoas, saber o que eu tenho que fazer... se tenho que mandar algum reporte, alguma coisa... Então, seria vir aqui, ir embora e só poderia pensar e refletir mais tarde....

De forma ansiosa, procurou uma ligação entre a história e o Plantão e retomou, nesta fala, a vivência que teve com a história e, como quando a ouviu, relaxou. Parece que a história deu um continente para a vivência de desalojamento que teve no Plantão. Com a história, “desligou das coisas”, provavelmente de sua vivência de desalojamento e desconforto que o Plantão lhe provocou, despertando para uma outra forma de vivenciar este desalojamento, menos ameaçadora, por se tratar de uma forma que o incluiu. Forma em que o desalojamento foi compartilhado, a partir de uma história exemplar.

Falou da história como algo sem compromisso, sem cobrança, que a ajudou a entrar em um outro ritmo. Pareceu que a ajudou a mudar de posição imaginária e, nesta medida, a se implicar de uma outra maneira no acesso e compreensão da sua realidade. As cobranças: “o que será que ela vai me perguntar depois”, “o que eu vou falar no Plantão”, “o que está sendo esperado de mim”, “como devo me comportar”, ou cobranças sobre o plantonista, “tem que haver uma solução para mim”, “você deve me dar uma resposta”, foram esquecidas quando ela ouviu a história. Isto a ajudou a refletir sobre a experiência vivida, os caminhos que esta abriu, ou mesmo, conviver com a desorientação e as dificuldades, sobre as quais falou no Plantão.

(IV). Pensar em uma imagem sobre isso que passei aqui é difícil... Eu sou péssima nessas coisas... Meio abstrato..... Quando eu estava no Plantão... eu me senti como se... sei lá... eu me senti... acho que... sozinha... como se... eu não tivesse nada... Eu acho que sozinha seria a palavra que definiria... Um quadro? Não sei... Eu tive a sensação de estar sozinha... mesmo com a plantonista lá... Não sozinha no sentido de não ter mais ninguém... eu não sei... É como se... de repente... não sei se é sozinha a palavra... mas... é como se... tivesse... sei lá... se expondo... Como se você estivesse exposta... como se você tivesse uma sensação... de estar nua... sei lá.... Acho que seria mais ou menos isso... Ou como se você estivesse sem máscara.... algo assim... Eu não me lembro de ter sentido isso antes... Acho que só quando... Eu sou filha única... então... grande parte da minha vida eu estive só.... Só... assim... só com a empregada... porque a minha mãe trabalhava... eu não tinha irmãos... No prédio que eu morava não tinha gente da minha idade, não tinha crianças... Eu acho que... em algum momento da infância ou da adolescência eu devo ter me sentido assim... mas eu não consigo lembrar... Mas se refere a essa sensação de estar sozinha... Mas de sensação de nudez... Essa foi uma experiência mais nova... Eu não sei se nova... mas é que eu não consigo lembrar de nenhuma que se relacione...

De uma forma deprimida, difícil e dolorosa, falou sobre ter se deparado com a própria solidão e nudez, no Plantão. Viveu algo inesperado que a lançou em um terreno desconhecido, estranho-familiar, sem controle ou direção.

Sentiu-se tirando uma máscara, expondo-se, a si mesma e a outrem, através da fala; compartilhando e reconhecendo sua própria intimidade, num processo de abertura e de desorganização da estabilidade com a qual vinha vivendo. A continência desta experiência na relação com a plantonista foi sendo elaborada, até onde foi acompanhada, com a história e com o depoimento.

(V). Na história... eu me senti bem... um pouco ansiosa para saber o final... como é que acabava a história... Mas eu não consigo... pensar em outra coisa... Na história, eu senti uma sensação de harmonia... de... não consigo pensar em outra coisa... Seria uma idéia de harmonia... algo assim... A história do quadro... com o rio...e a montanha... eu penso em harmonia... Uma coisa que eu tenha vivido que tenha me trazido essa sensação... Engraçado, na hora que ela estava contando eu até consegui lembrar... mas agora... assim...

Envolvida no relato da experiência dolorosa que viveu no Plantão, demorou para identificar a vivência que teve com a história. Momento de transição e retomada. Relatou ansiedade para saber o final da história, mostrando seu mergulho e identificação com a mesma, como se dissesse respeito a possibilidades de seu próprio processo. Lembrou de ter sido remetida a algo, mas, ainda sofrendo o impacto do desalojamento, não conseguiu nomeá-lo ou traduzi-lo.

(VI). Acho que...a minha família tem uma casa em Campos do Jordão... tem um lago... me lembrou isso... mas eu não sei se tem alguma relação... Eu me senti como algumas vezes que a gente estava lá... a gente sempre passa a Páscoa lá e... sempre estão os meus primos e os meus tios... é sempre uma coisa boa... Foi isso que eu consegui lembrar... Essa lembrança da minha família e de Campos teve a ver com essa sensação boa que eu senti na história...

A lembrança foi clareando, traduzindo-se na comparação com a vivência da família reunida (em oposição à solidão que fora despertada no Plantão), e deu contornos à experiência vivida ouvindo a história. A ansiedade e a angústia decresceram. Falou de lembranças de convivência, de pertença ao coletivo.

(VII). Se eu for tentar pensar nos dois juntos, Plantão e história... Eu acho que isso é mais fácil para quem faz humanas... Eu não senti que tivessem ligação... Foram coisas que.. me fizeram pensar... sei lá... momentos diferentes... Eu acho que... uma outra vez que eu me senti assim... eu estudava num colégio de freiras... e de repente eu fui para um outro colégio... eu acho que nesse momento eu me senti... como eu me senti hoje... no Plantão... foi uma coisa muito difícil... Agora uma coisa em harmonia... não decorrente disso... Eu acho que o próprio colégio...no final do colegial... foi uma coisa de harmonia... Foi uma coisa muito... legal... Tiveram viagens... foi a época que alguns, que eram mais velhos, começaram a tirar carta... então, todo mundo saía: Quinta, Sexta e Sábado... Era uma época em que todo mundo saía... Época de harmonia... Era boa.... E, ao mesmo tempo, um não é decorrente do outro... como não foram Plantão e histórias... Eu acho que é isso... são coisas que eu consigo lembrar...

No Plantão, ficou forte a sensação de um baque... mas não ficou a sensação que não foi bom.... É que às vezes... por exemplo... não é que a mudança do colégio não tenha sido boa:... eu sempre quis mudar de colégio... eu odiava estudar em colégio de freiras.. mas assusta... no começo... Tanto é que... ao longo do colegial... ao longo do tempo.. eu fiz vários amigos que são meus amigos até hoje... e foi uma vivência muito boa.... Eu tive essa oportunidade... fui para esse colégio... era um colégio legal... Mas no começo... no primeiro dia de aula... foi assustador... Eu lembro que na época o colégio não tinha uniforme...hoje até tem, mas na época não tinha... então, tinha todo aquele negócio: "puxa, como será que o pessoal vai, o que será que usam". Era aquela coisa... eu estava acostumada com uniforme, eram sempre os mesmos professores, aquela coisa, normal... Mas isso é uma coisa que... eu me lembro até hoje... foi difícil... Não é que isso tenha sido ruim... Não foi ruim... Mas para a gente saber se alguma coisa é ou não ruim... precisa passar um tempo... pensar... e saber direito... É assim que eu me sinto em relação ao Plantão...

Hortência buscou, de uma forma reflexiva e introspectiva, exemplos de situações vividas que a auxiliassem a expressar como experienciou a integração entre os dois momentos: Plantão e história. Percebeu a experiência no Serviço como difícil, mas fruto de uma necessidade sentida de mudança, que pode levar a uma condição melhor. Uma dificuldade necessária em prol de uma conquista maior.

Ela distinguiu ruim de difícil, dizendo que sua experiência foi difícil, mas não ruim. Assustadora, mas porta de entrada para algo que ela queria investir (como a mudança de colégio que ela relata), que, inicialmente a desalojou, arremessou, incomodou e também a expôs, permitindo o vislumbre de uma possibilidade de harmonia e sentido.

(VIII). Falar aqui... este terceiro momento foi mais tranquilo... sem problemas... Eu acho que foi... decrescendo a... dificuldade...

Pareceu que, ao longo da entrevista, Hortência conseguiu tomar consciência de seu processo no Serviço. Aquilo que havia sido vivido ganhou expressão, permitindo a reflexão e a elaboração de sua experiência.

No Plantão, foi lançada em algo que lhe foi angustiante, em um desconhecido conhecido. Viveu/sentiu, o que mudou o modo como vinha se percebendo. Falar sobre isto, depois, foi mais fácil e menos angustiante do que vivê-lo.

Enquanto viveu, podia ser levada para qualquer direção e, quando contou esta história na entrevista, contou algo sobre uma vivência com contorno mais definido, uma vez que narrou uma experiência vivida. Neste sentido, ao mesmo tempo em que trouxe a possibilidade de elaboração, não teve a mesma mobilização afetiva diante do que foi difícil e/ou novo que o Plantão Psicológico teve para ela. Algum caminho já fora trilhado.

Apreciando o desabrochar de Hortência

Hortência viveu uma experiência difícil, de desalojamento, no Plantão. Rompeu uma forma de perceber situações e estar-no-mundo, questionou referenciais. Tinha a expectativa de falar sobre problemas que estava tendo e obter direcionamentos, e não falar sobre si.

Com a história, viveu uma experiência que chamou de “relaxante”. Abriu a possibilidade de “dar tempo” ao que vivenciara no Plantão. Tempo e espaço para uma elaboração, reverberação e ressonância do que vivera, de forma compartilhada e permissiva.

Sem compromisso, sem cobrança, ajudou a entrar em outro ritmo, mudar de posição imaginária, de forma de acesso e compreensão da realidade. Identificou-se com a história como se dissesse respeito ao seu próprio processo (a ansiedade em querer saber o seu final sugeriu isto).

No momento do depoimento, a ligação que ela fez entre Plantão e história, ajudou-a a inserir ambas em um processo maior, resignificando-as e às suas próprias busca e vida. Ajudou a nomear a experiência vivida e reconhecer uma harmonia e sentido.

A história foi captando Hortência, interagindo com ela e convidando-a a se deixar participar, envolver, passear por seus caminhos. Aos poucos, isso foi acontecendo de tal forma que Hortência passou a se emocionar com o conto. Entrou para a sessão com a contadora de histórias com questões: *“o que será que vai acontecer? O que ela vai me perguntar depois?”*. Acabou desligando-se destas e ficou com as que a história lhe propunha. Ficou ansiosa para saber seu final. Entregou-se neste contato com a história e deixou-se ser conduzida. Esta vivência, após o Plantão, ajudou-a na elaboração de sua experiência de desalojamento.

No Plantão, chegou com expectativas, com problemas para resolver ou receber uma sugestão de encaminhamento. Surpreendeu-se com a abertura e aprofundamento de sua fala. Falou de si e não sobre “o que poderia estar fazendo... o que não poderia...” - como imaginou quealaria. Expôs-se, tirou uma máscara, sentiu-se sozinha. Vivências fortes que a

deixaram assustada. Sua fala foi remetida a suas vivências e dificuldades de vida, pelo seu modo de interagir no mundo e, na relação com a plantonista, foi se percebendo.

Já, na história, foi conduzida por um percurso exemplar. Pode entregar-se a este caminho, já trilhado, sendo que ambos: o seu – que havia sido percorrido no Plantão - e o da história, puderam dialogar. Neste diálogo, houve a possibilidade de elaboração, de outras formas de contato com seu próprio percurso e vivência. Forma que ela disse não ter compromisso, nem cobrança e que, portanto, permitiram que ela entrasse em outro ritmo, em outro tipo de relação com a realidade, em forma de convivência e harmonia.

O que a estava preocupando, sendo vivido de forma intensa, foi realocado, perdeu o “peso” que os problemas adquirem quando ficam em evidência para serem elaborados. Peso, que corre o risco de estagnar o processo de elaboração do mesmo. Desta forma, colocou-os em movimento, permitindo serem integrados a um todo maior, o todo da sua existência, como problemas que precisam, ser enfrentados na conquista de algo desejado. Neste sentido inserindo-os, enquanto partes de um processo, visto como um percurso de batalhas e conquistas, incessante movimento enquanto se vive.

PARTE IV

COLHENDO: ALGUMAS POSSIBILIDADES

1. O NOVO CULTIVO: OUTRAS FLORES E FRUTOS

Retomo, neste momento, à analogia do agricultor. Em seu percurso, depois de experimentar novo cultivo, vai apresentá-lo. Ao mesmo tempo em que o apresenta, as flores e os frutos revelam-lhe sua curiosidade, sua preocupação, seu cuidado, sua elaboração dessa experiência como reflexão para conhecer sua forma e arte de ser agricultor. E isto permite narrar essa sua elaboração de experiência, através da ação de dizê-lo publicamente.

Fui, ao longo do tempo, com a questão delimitada – continente e espaço demarcado – podendo fluir. O tema foi uma matriz, a partir do qual algo pôde vir a ser, tanto em termos de explorações teóricas quanto de criação e experimentações. Neste sentido, o meu próprio trabalho se aproxima do trabalho dos clientes, no Serviço e nos depoimentos, tentando traduzir e narrar experiências vividas. Para facilitar que o outro acesse suas imagens internas, o profissional é chamado a acessar as suas.

Assim, este trabalho foi, ao mesmo tempo, matéria prima e o recipiente para exploração de processos de elaboração de experiências, fluxo de vida que se dá independente do conteúdo ao qual se direciona. Fui percebendo isto acontecer em diferentes níveis: em mim, nos clientes, na história. Por isso, ousou dizer que a aprendizagem significativa e o efeito transformador foram o eixo, fio condutor deste trabalho, presentes no seu

decorrer, ainda que, muitas vezes, somente na sua forma de elaboração e transmissão.

E, como a metáfora do agricultor foi um recurso ao qual recorri para iniciar uma tradução possível do sentido deste trabalho, valho-me, agora, novamente dela.

Reconhecer-me autora, produtora, criadora, leva-me a pensar neste trabalho e na sua ação. Qual seria a articulação possível entre eles e para onde me conduzem? Afinal, a

fabricação distingue-se da ação porquanto possui um início definido e um fim previsível: ela chega a um fim com seu produto final, que não só sobrevive à atividade de fabricação como daí em diante tem uma espécie de “vida” própria. A ação, ao contrário, como os gregos foram os primeiros a descobrir, é em si e por si absolutamente fútil; nunca deixa um produto final atrás de si. Se chega a ter quaisquer conseqüências, estas consistem, em princípio, em uma nova e interminável cadeia de acontecimentos cujo resultado final o ator é absolutamente incapaz de conhecer ou controlar de antemão. O máximo que ele pode ser capaz de fazer é forçar as coisas em uma certa direção, e mesmo disso jamais pode estar seguro (Arendt, 1997, p.91).

Portanto, o que me restava era, com o “quadro de pano” em mãos, retornar para casa para devolver a saúde à origem de meu trabalho como um ofício. Precisava retornar pelo mesmo caminho da ida, ainda que de outra forma. Encontrei-me novamente neste tipo de vivência afetiva, diante de sua finalização e considerações finais. Mais uma vez, passar pelas geleiras e montanhas de fogo. Qual era mesmo a minha questão? Hora de retomar muito do que já fora trilhado, bem como o objetivo da pesquisa. Preparar-me para voltar para casa, agora percorrendo o mesmo caminho, com outro novo olhar: outras flores e frutos.

Nesse retorno/retomada, fui reconhecendo as paisagens já vistas, as flores que cresceram neste campo, tentando compartilhar como, agora, as vejo e nomeio, como momento de retorno. Parto do princípio de que isso só pode acontecer porque alguém percorreu um caminho de ida, recorrendo à psicologia para auxiliar em sua busca de sentido.

O que lança o cliente a buscar ajuda? Compreendo que, nesse seu momento, há uma energia que não está fluindo, que está obstruindo o fluxo natural ou potencial que a pessoa possui. Sair em busca de ajuda só é possível a partir do reconhecimento de que, sozinha, não está conseguindo reverter uma situação que começa a ficar insustentável. Sofrendo, provoca em si mesma um movimento, uma ação: ir buscar algo ou alguém que lhe aponte uma direção. No caso dos clientes que foram ao Serviço, alguns vieram com uma expectativa de solução de problemas, como manifestou Violeta. Havia medo, ansiedade diante do que seria encontrado ou, como disseram Dália e Violeta, havia uma disposição para falar sobre questões que não estavam conseguindo ser resolvidas por conta própria e a expectativa de que o fossem, no Serviço.

Deparam-se com a abordagem oferecida no Plantão: não de solucionar problemas, mas ajudar o cliente a clarear a sua busca, da qual o problema é, simplesmente, o alarme.

Além disso, alguns foram surpreendidos pela sessão com uma contadora de histórias que foi oferecida. Evento inesperado para os clientes e história que não era específica para uma questão de um cliente, mas previamente escolhida. E, finalmente, houve, ainda, o pedido para seus depoimentos sobre a experiência vivida, oferecendo, assim, a possibilidade de elaborá-la e compartilhá-la.

É este o cenário no qual estas reflexões se baseiam, incluindo as considerações teóricas anteriormente apresentadas. Entretanto, tal cenário tem mais uma especificidade: tudo isso é explorado a partir do recorte encenado pelo depoimento.

O processo de elaboração, reconhecimento e tentativa de expressão da experiência no Serviço foi acompanhado em cada depoimento. Neles, compreendo ter havido um movimento que ocorreu em todos os clientes/depoentes, e que me parece tratar-se do movimento de reflexão a partir de experiências se dando. Surge, primeiro, o vazio e a dificuldade em dizer sobre o assunto, no caso, responder à pergunta feita pela pesquisadora. Em seguida, começavam explorações que, facilitadas por perguntas da pesquisadora que pediam aproximações com outras

experiências e diferenciações, ajudavam a fazer analogias entre o vivido e experiências anteriores. Nesse sentido, pareciam apresentar uma forma de valorizar a pluralidade e a singularidade da experiência vivida, percebendo a sua conexão presente, passada e futura. A partir daí, o processo de acessar e traduzir a experiência no Serviço foi acontecendo.

Vale apresentar que, apesar de ter acontecido com intensidades diferentes, o processo de elaboração do presente trabalho também ocorreu nessa mesma direção: partia do vazio até chegar em algo com sentido. Há algo, na forma como a comunicação acontece, que independe do seu conteúdo, dizendo mais respeito a processos de elaboração ocorrendo, o que se fez comum entre mim e os clientes. Neste processo, alguns clientes tiveram mais dificuldades do que outros. Desse modo, os depoimentos realizados permitiram algumas reflexões.

Durante o atendimento em Plantão Psicológico, Dália viveu uma experiência na qual compartilhou o motivo de sua busca por ajuda, e, neste sentido, algo que a estava mobilizando. O atendimento ofereceu-lhe um espaço que propiciou reflexão, ao pedir narrativas sobre experiências de vida e perguntando e ouvindo sobre o que acontece no dia a dia de Dália. O plantonista recorreu ao relato dela para conhecer o mundo da cliente a partir de sua própria narração: somente assim pôde facilitar, através deste recurso, que Dália pudesse discriminar um pouco melhor as coisas que a circundavam.

Este tipo de atendimento requisitou a participação da cliente, não somente no oferecimento de informações sobre sua problemática, mas como parte ativa na tarefa de refletir sobre sua própria vida, a partir de sua experiência. “Aqui tem que falar uma coisa diferente... o que acontece no dia a dia...”. Neste sentido, a cliente é remetida como sujeito de seu próprio mundo, como responsável por si, a partir de si. Ainda que sua mãe tenha sido chamada ao atendimento e Dália precise de sua permissão para, por exemplo, assistir a história, não sendo responsável por esta decisão, pareceu viver uma experiência de abertura, na qual foi sujeito de sua própria fala.

Faço uma aproximação e compreensão do que Dália relatou no seu depoimento com o que Benjamin ([1936], 1994) falou sobre narrativa: refere-se a uma possibilidade de ser afetado e afetar algo maior, que abre para novas compreensões daquilo que é narrado. Tal experiência fez oposição àquela que ela tivera no atendimento médico onde falou sobre os testes que fez, dando informações que são imobilizantes e insípidas, dificultando ou impedindo novas significações.

Dália falou sobre experiências pessoais, “acontecimentos do dia-a-dia”. Neste sentido, é possível pensar que reconheceu e assumiu questões, na medida em que as expressou e compartilhou. O Plantão propiciou uma experiência afetiva de acolhimento, sugerindo haver uma porta que existe e, portanto, pode ser aberta.

Seu medo diante do novo e vontade de enfrentá-lo parecem que não ficaram conscientizados com o atendimento. Entretanto, um início, para que algo possa vir a ser, aconteceu.

A experiência relatada por Dália permite pensar no quanto o Plantão ofereceu-lhe um espaço, permitindo uma atenção diferenciada a si mesma, garantindo-lhe uma situação, na qual se sentiu acolhida; e pôde compartilhar algo pessoal “sem sentir vergonha”. Foi incluída na sua própria história, podendo refleti-la e dela se apropriar de uma outra forma. Desta forma, ofereceu-lhe a possibilidade de dialogar com questões pessoais. O atendimento em Plantão Psicológico ultrapassou a “objetividade” interrogativa, surpreendendo-a e dando-lhe a conhecer a possibilidade de participação interativa.

No depoimento, Dália parte da experiência disforme, enquanto *vivência de sensação* com conotação positiva, para ir, pouco a pouco, se aproximando do reconhecimento de sua experiência, pela comparação com a vivência que tivera no atendimento médico. Parte, neste trajeto, de uma diferenciação formal, entre os serviços, para uma diferenciação experiencial: o que viveu em cada um dos atendimentos. Neste sentido, o depoimento serviu para a cliente iniciar a lapidação de sua experiência, no exercício de expressá-la e fazer-se compreender para o outro e para si. Afetando e sendo

afetada, transformando e transformando-se, ao poder falar de si de forma aberta e permissiva, pôde ir se apropriando de seu próprio processo.

Rosa, ouvindo a história, viveu uma experiência em que se encantou. Neste trajeto, a meu ver, foi sendo conduzida ao seu próprio encontro, na medida em que potencialidades pessoais foram mobilizadas no contato com a história. Como disse ela “... é possível ... que não devemos nunca desistir de nossos sonhos ou objetivos”. Ainda que Rosa, no primeiro momento, tenha se remetido exclusivamente à história e à contadora como responsáveis pelo seu envolvimento vivido, no depoimento, Rosa vai tentando identificar a relação daquilo que sentiu, com a sua própria vida. Tal movimento pôde ajudar a perceber que este encantamento é pessoal e intransferível, dizendo respeito a si mesma. Contudo, Rosa pareceu ter caminhado pouco na direção de se dar conta disto. Inicia falando de uma identificação com os personagens do conto. Foi a partir deles que ela pôde defrontar-se com a possibilidade, a meu ver, de confiar numa verdade pessoal, que provém de uma força e sabedoria maiores, como o faz o filho caçula, herói da história: a sua própria força. Para Rosa, o seu lírio no lodo. Em suas palavras, “Me fez sentir que persistindo naquilo que você tem de mais puro dentro de você... você está... no caminho certo... No caminho de chegar mais perto dos seus objetivos...”

Sobre isso, Larsen (1991, p. 21) diz que,

Os mitos são, por natureza, transpessoais – estão além do indivíduo – e seus elementos são temas universais. (...) Sempre que nos tornamos um herói, um dragão, uma princesa, ou qualquer dos personagens do mundo mitológico, dissolvemo-nos num arquétipo - uma identidade maior do que nós mesmos. Nossa singularidade pessoal perece ao assumirmos um papel eterno. E, não obstante, só ao entrarmos nessa zona paradoxal é que encontramos realmente a nossa individualidade.... Efêmeros como somos nós, seres humanos, os mitos parecem ser nossas janelas para a eternidade.

No decorrer do depoimento, ela fala de sua falta de confiança - diz que o menino era mais confiante – e vai se remetendo, desta forma, às suas dificuldades.

Compreendo seu percurso, no depoimento, através de aproximações e reflexões que a conduziram a perceber-se, a partir de trechos da história que a marcaram e despertada pela imersão neste universo simbólico: seu jeito, limitações, desejos. Ainda que, num primeiro momento, idealizando o que estava fora – a contadora e o conto - foi de encontro a questões sobre *como é no mundo*, ultrapassando queixas cotidianas. Falou de sua falta de confiança – pois a história lhe suscitou perceber “o menino da história era mais confiante” – e não, por exemplo, da tarefa que não está conseguindo realizar – poderia ter dito “estou com dificuldade e vontade de desistir do meu mestrado”, tipo de queixa comum a clientes que chegam ao Plantão, vindo acompanhada da expectativa de um conselho como receita para a solução do problema. Ouvir a história parece tê-la ajudado a ultrapassar a queixa cotidiana, atingindo um tipo de percepção diferenciado de suas questões e de si. Parece que se percebeu sem confiança pessoal, remetendo-se a bloqueios e modos repetitivos de agir.

Rosa falou sobre essa experiência e, ao transpô-la para a sua vida e reconhecer as intersecções entre ambas, compreendo que, questões sobre “percursos humanos” foram evidenciadas, dentre elas, sua indiscriminação em relação ao que a cerca (Rosa não se percebe desta forma, mas sua dinâmica o sugere). Compreendo isto a partir de algumas falas suas, sendo a mais marcante aquela em que ela relaciona diferentes experiências com o sentimento que lhe provocou ouvir a história. Nesta fala, inclui desde sua qualificação de mestrado até ouvir casos reais e emocionantes. Dá a mesma importância a eventos muito distintos, dizendo respeito à participação e envolvimento diferentes. Isto me faz pensar que Rosa parece ser afetada, envolvendo-se e perdendo-se no fluxo que isto lhe provoca, sem conseguir discriminar o tipo de envolvimento oriundo e exigido em cada situação.

O depoimento, como narrativa de experiência, ofereceu um espaço no qual seu envolvimento com a história pôde ser refletido e compartilhado, ajudando a fazer a ponte entre o vivido e a consciência, conduzindo-a, dentro de suas possibilidades, a nomear o que viveu e a afetou, e a perceber e compartilhar sua experiência de forma mais própria. Deste modo, o depoimento de Rosa traz a perspectiva das histórias *fazendo história*; ou

seja, mobilizando-a a perceber-se de uma forma distinta da que vinha fazendo, ou dito de outro modo, metaforizando sua experiência e fertilizando o terreno a partir do qual algo possa vir a acontecer.

Violeta, por sua vez, falou estar se sentindo ansiosa e confusa antes de vir ao Serviço. Falou de como a história ajudou-a a organizar-se para falar no Plantão, algo que lhe é difícil. Ajudou-a a situar-se de outra forma na relação com o mundo, ainda que não tenha nomeado, mais especificamente, como e o quê da história lhe possibilitaram tal experiência.

Violeta refere-se a como a história remeteu-a para boas lembranças da infância, forma leve de ver o mundo. Contatou uma perspectiva que já lhe era conhecida, disponível para ser acessada, mas esquecida.

Essa compreensão de Violeta, remeteu-me a algo já familiar. Recordei como Bastian Baltasar Bux, do livro *A História sem Fim*, tendo passado um tempo na terra de Fantasia e identificado-se com o poder, foi perdendo a conexão com o seu próprio mundo. Restavam-lhe poucos recursos para poder retornar a ele e não ficar perdido no mundo de Fantasia. Como um desses recursos e com este intuito, buscava um sonho que já tivesse sonhado, nas Minas das Imagens. Yor, um mineiro cego, responsável pela mina, explicou-lhe o sentido disso:

Depois de ter sido sonhado, um sonho não pode desaparecer. Mas quando o homem que o sonhou o esquece, para onde vai? Vem para cá, para junto de nós, em Fantasia, e fica enterrado nas profundezas da terra. É ali que estão os sonhos esquecidos, em camadas muito finas dispostas umas sobre as outras. Quanto mais fundo se cava, mais espessas são essas camadas. Todo o Reino de Fantasia assenta-se sobre alicerces de sonhos esquecidos. (...) Você procura as Águas da Vida. Queria ser capaz de amar, para poder voltar a seu mundo. Amar... é muito fácil dizer! As Águas da Vida vão lhe perguntar: quem? Não se pode amar simplesmente, em geral, e de qualquer maneira. Mas você se esqueceu de tudo exceto o seu nome. E se não for capaz de responder, não poderá beber. Por isso, só um sonho esquecido que você reencontre aqui poderá ajudá-lo, uma imagem que o conduza até a fonte (Ende, 1997, p.369).

Assim, a partir do que diz Yor, penso que a história ofereceu para Violeta um contato com uma imagem esquecida que pudesse ajudá-la a caminhar até a fonte das “Águas da Vida”, no caso, sua própria busca.

Segundo ela, a história ajudou-a a organizar-se para falar com mais clareza. Penso que contribuiu como passos no caminho de esclarecer o que estava buscando, além de relaxá-la. Desta forma, compreendo que a história a ajudou a discriminar-se em meio a uma confusão de sentimentos e pensamentos em que se encontrava, propiciando que Violeta se situasse em suas próprias lembranças e sonhos, e pudesse falar com mais fluência.

Violeta destacou o fato de, no Plantão, haver conseguido falar mais do que imaginava que conseguiria, ao mesmo tempo em que disse que esperava ouvir mais e falar mais. Ficou com a sensação de que, nesse evento, algo foi iniciado ainda que não concluído, pois conseguiu superar suas expectativas, embora algo continuasse faltando. A postura do plantonista, em ouvi-la mais do que falar e não oferecer as soluções para os seus problemas, procura resgatar a possibilidade de Violeta ser sujeito de sua própria vida. Ela se dá conta de que isto facilitou seu processo, quando diz que falar é bom porque uma coisa puxa a outra e vai pensando saídas. Ao mesmo tempo em que percebe isto, diz que gostaria de que lhe falassem mais. Compara esta vivência, no Plantão, com a de falar com a psicóloga do exame psicotécnico para tirar carta de motorista. Naquele caso, disse que estava sob pressão, sendo “obrigada” a aprender a “conduzir um veículo”. No Plantão, ela foi chamada a se rever e a pensar acerca de si e de sua vida, a conduzir o seu próprio veículo. A história a ajuda, neste sentido, organizando-a para falar. Fica com a sensação que precisava ouvir mais, mas também falar mais... E assim o processo de Violeta, se mostra “em processo”.

No depoimento, foi elaborando sua percepção inicial, clareando-a a partir de sua exploração. Sua dificuldade de falar vai decrescendo na medida em que faz analogias com outras situações vividas, como a apreciação de um quadro. História e Plantão parecem ter se complementado no percurso de Violeta. A primeira ajudando-a a se organizar para falar, a perspectivar sua relação com o mundo de uma outra forma, talvez, com menos cobrança e exigência: uma forma mais leve. O Plantão, por sua vez, serviu como espaço onde sua questão pode ser refletida, auxiliando-a a se deparar com aquilo que foi mobilizado pela história, em face a seus problemas.

O depoimento de Violeta pareceu servir-lhe para poder perceber o processo vivido no Serviço, bem como a maneira como cada evento contribui para seu percurso. Havia tido espaço para refletir sobre sua vida e questão no Plantão. Clareou para o outro e para si algo de seu percurso, podendo refletir sobre o desenrolar do seu próprio processo. Percebe as especificidades das ajudas recebidas: a história a ajudou a relaxar e organizar-se; o Plantão ajudou-a a pensar saídas, na medida em que pode falar. Ainda que tenha terminado com a sensação de falta, algo começou.

Hortência, por sua vez, teve uma vivência forte no Plantão, ficando muito mobilizada e desalojada. Considerou-a boa – pois necessária – porém inesperada e muito difícil. Falou de si, numa dimensão que não imaginou que falaria em um primeiro encontro, e não sobre problemas cotidianos como imaginara. Neste sentido, narrou experiências ao invés de dar informações. Isto a deixou assustada.

É possível pensar que, lançada no mundo e despojada das seguranças pelas quais costumava balizar-se, inclusive para se identificar, viveu um acontecimento dramático, tal qual fala Figueiredo (1994). Uma *experiência se fez* no sentido de ser afetada e transformada, deixando a coisa vir sobre si e tornando-a outra.

Depois desta experiência, foi-lhe oferecida a história. Segundo ela, "demorei um pouco para entrar na história". Entretanto, ouvi-la ofereceu a Hortência um continente, a partir do qual sua experiência adquiriu outra conotação afetiva: foi resignificada e compreendida num contexto de vida maior, como um processo. Aquilo que estava sendo vivido de forma solitária, ainda que tendo sido dado a conhecer a partir da relação com o outro - o plantonista – pôde ser compartilhado a partir da experiência com a história. Pareceu ajudar a diminuir as exigências que Hortência vinha colocando sobre si em relação ao que se passara no Plantão, permitindo que ela confiasse no fluxo da vida, pelo qual as coisas acontecem num tempo, que não é controlado pela vontade mas pela elaboração. Teve tempo e espaço para deixar-se ir, confiando na história como guia. História que abriu à Hortência a possibilidade de permitir e aceitar percorrer os caminhos pelos quais a narração a conduziu. Ou, dito poeticamente,

Pergunto por onde ando. Aceito, bem procedidamente, no devagar de ir longe. Voltar, para fim de ida. Repenso, não penso. (...) Vou, para guia de cegos, servo de dono cego, vagavaz, habitual no diferente, com o senhor, Seô Desconhecido (Guimarães Rosa, 1985, p.21).

Ao mesmo tempo em que serviu de guia, a história depois do Plantão pareceu redimensionar as expectativas de Hortência, relaxando-a para encaminhar sua busca com maior fluidez. Ela disse que mudou o ritmo, "é sem compromisso". Parece que mudou o ângulo a partir do qual se observava, permitindo ampliar a percepção de sua própria situação.

No depoimento, falou da relação e influência mútua dos eventos. Não se deteve em aspectos específicos da história, mas naquilo que esta lhe provocou, de como ajudou a elaborar sua experiência, para, afinal, referir-se a como Plantão e história ajudaram no empreendimento de sua busca. O tipo de atenção e comprometimento que a história propõe e demanda, somado ao mergulho em sua própria história realizado no Plantão, parecem haver permitido este fluxo. Contudo, foi no depoimento que efetivamente realizou isso. Nesse sentido, foi depor⁴³ que ajudou a perceber as influências de Plantão e história no contexto de sua busca.

Ouvir a história e o depoimento auxiliaram-na a contextualizar, o que vivera em Plantão, no *continuum* e dinâmica de sua vida e história. No depoimento, portanto, sua experiência pode ser ressignificada a partir do diálogo que foi estabelecido com a lembrança de experiência passada – lembrou-se de quando mudou de colégio, que foi difícil apesar de querer muito tal mudança e que acabou sendo boa – confortando-a em sua expectativa em relação ao futuro.

Assim, posso compreender, pelo depoimento de Hortência, o que falou Benjamin ([1936],1994) acerca da narrativa poder abrir para a experiência em seu *continuum*, no qual passado, presente e futuro coexistem no momento em que ela ocorre. Por esta compreensão, ocorrida no depoimento, Hortência relaxou e pode perceber sua vivência como difícil, mas boa. Ajudou-a a perceber uma conexão e o Plantão, cujo objetivo é

clarear a busca (demanda) da pessoa, pudesse se encerrar neste único encontro.

O Plantão seguido da história parece ter propiciado uma experiência interessante da cliente com sua questão. No Plantão, ela falou do singular, do que não estava fluindo, demandando o olhar de uma outra pessoa para ajudá-la a recuperar o movimento. Ao chegar, estava vivenciando algo que ficara fixado pois, por algum motivo, em algum momento, não pôde fluir, assim permanecendo. Nesse sentido, a experiência no Plantão resgatou essa possibilidade, que foi difícil mas aliviante. Tal ocorrência pôde ser potencializada e significada de forma mais rápida pelo auxílio da história - recurso da cultura que fala de algo que é comum aos homens – ajudando-a a sair de sua solidão com essa experiência que lhe foi difícil. A história pareceu possibilitar o acesso a lembranças, ajudando-a a perspectivar sua experiência de uma outra forma: como se a tivesse inserido no fluxo da existência, de forma que ela pôde compartilhar, a partir de algo do mundo, a possibilidade de ultrapassar o momento difícil, baseada na sua própria experiência. Antes, a vivência parecia ser de alguém, que não tinha nada em que se pudesse balizar.

É por essa ótica que compreendo como histórias podem surgir como um outro espaço possível para quem busca ajuda no Plantão. Afinal,

Podemos talvez revelar o mito (...) [a] pessoa sente então que seu problema não é único e insolúvel, mas que já foi resolvido dezenas de vezes de certas maneiras; também reduz a pretensão, pois a pessoa sente que é parte de uma situação geral, e não uma neurose excepcional. O mito tem um impacto mágico sobre camadas [da psique] que não podem ser atingidas pela conversa intelectual; ele transmite a sensação do já ouvido, e não obstante é sempre novo e alertador. (Larsen, 1991, p. 60 – citando von Franz, M.L.)

Após ter relatado uma compreensão possível dos depoimentos em suas singularidades, talvez seja possível pensar em ensaiar alguns aspectos destes recursos que lhe foram oferecidos. Ou seja, apresentar alguns aspectos do novo e do antigo cultivo: Plantão e história como revelado pelos

⁴³ Depor = fazer um relato para atestar testemunho acerca de algo.

depoentes, ensaiando algumas articulações e reflexões possíveis a partir do que até aqui venho cultivando.

Plantão e história, a meu ver, oferecem-se como terrenos aproximados na medida em que contribuem para os homens levarem adiante suas vidas, podendo ajudá-los a enxergar por outra ótica, e assim, agirem de modo mais flexível e dinâmico, a partir de sua própria experiência. Entretanto, visando essa intenção, partem de lugares distintos e chegam aos clientes de forma tanto diversa quanto aproximada. Aproximada na medida em que ambos permitem reconhecer modos de ser no mundo, ultrapassar queixas, ressignificar estar-no-mundo. Porém, o fazem acessando canais diversos. No Plantão, uma atitude ativa por parte do cliente é demandada: dar a conhecer o motivo de sua busca. Na história, a atitude do cliente é passiva: escuta de uma narrativa. Contudo, vale ressaltar que as reverberações de ambos, assim como de qualquer evento, dependem do modo como são oferecidos e usufruídos pelos envolvidos. Nessa medida, nem atendimento em Plantão nem narrativa de contos são eventos significativos em si.

Ao falar no Plantão, o cliente abre, para e com um outro, como que uma janela para o seu próprio mundo. Através do seu relato, fala, movimenta-se, emociona-se, mostra-se, dá-se a conhecer. Narra uma história não terminada, convidando, ao buscar ajuda, o plantonista a dela participar. Muitas vezes, espera soluções, caminhos – como relataram Violeta (esperava que o plantonista falasse o que ela deveria fazer) e Hortência (esperava que lhe dissessem o que fazer ou onde ir).

O cliente, ao narrar a sua história, também a escuta pela interlocução do plantonista, que participa ouvindo e falando, possibilitando que ela seja detalhada, contada a partir de cenários, personagens, tramas diferentes. Desta forma, permite que ela seja falada e ouvida a partir de uma outra narração (Violeta diz que foi bom falar pois a ajudou a pensar saídas; Hortência diz como se percebeu falando mais do que imaginava quealaria num primeiro encontro). No Plantão, tratam-se de histórias que não são exemplares, mas em construção. Por este motivo, no seu caminhar, defrontam-se com abismos, montanhas, lagos, pontes, atalhos e todo tipo de

relevo, paisagem, condição climática, condição social, agressão, acolhimento, desdém, ameaças, etc. Quando há a busca por ajuda, normalmente, a pessoa se encontra em algum terreno, sentido como movediço ou perigoso, e que não está conseguindo ultrapassar (Violeta fala estar vivendo um momento de transformação no qual diz estar difícil reconhecer-se). Contar e ouvir sua própria história no Plantão é buscar ajuda para continuá-la, mas a escolha de caminhos não é garantida, nem seu desfecho é conhecido, uma vez que o restante da estrada só será conhecido no momento em que for trilhado. Plantonista e cliente não conhecem os caminhos de como a história vai continuar, embora o cliente, muitas vezes, espere que o plantonista o revele, como se isso fosse possível, como revela Violeta.

Por outro lado, o plantonista, muitas vezes, espera de si, ou gostaria de poder oferecer, a possibilidade de indicar o melhor jeito de continuação para essa história. Entretanto, sua história de aprendizagem para ser plantonista vai lhe revelando que há uma realidade que só é conhecida na medida em que se escolhe vivê-la, sendo que faz parte, da relação com seu cliente, viver este desconhecido através de sua própria questão, como também da questão e história vivenciadas no atendimento. Desse modo o que o plantonista e o psicólogo podem conhecer – a partir da visão Junguiana - é outro tipo de história: a da dinâmica dos homens rumo à individuação, suas dificuldades com a sombra, a *persona*, e outras dinâmicas deste caminho. Podem, portanto, conhecer aquilo de que falam as histórias: realidades existenciais humanas, mas não prever o desenrolar de feitos cotidianos. Para tanto, quanto mais conectado com suas próprias imagens o profissional estiver, mais aberto se encontrará para perceber o cliente e ajudá-lo a perceber-se.

Ao narrar, o cliente tem o objetivo de colocar em linguagem compreensível por outrem, algo do que sentiu ou viveu (Violeta fala dessa sua dificuldade). Há uma realidade a ser conhecida, porém, às vezes, não muito clara para o cliente. Isto poderia, talvez, ser facilitado pelo plantonista através de analogias, desenhos, dentre outros recursos, que o ajudassem nesta comunicação; ou oferecendo sua própria subjetividade, através de, por

exemplo, imagens, compreensões, perguntas. Assim, fala-se em respostas metaforizantes que dêem figurabilidade ao enigma. Estas podem ser dadas tanto pelo plantonista quanto pelo cliente, contanto que estejam envolvidos com e pelo “enigma”.

No Plantão, portanto, ajudar a desvelar aquilo que a fala do cliente contém e oculta, traz, ao plantonista, a possibilidade de ajudá-lo a mudar a percepção que tem de suas próprias questões e de si mesmo no mundo. Dessa forma, encontra-se aberto para compreender e comunicar ao cliente o modo como está vivendo, e re-encaminhá-lo a outras óticas no tocante às suas questões e seu ser no mundo: a sua própria história. Foi o que pareceu ter acontecido com Hortência.

Já a história contada pela contadora também só é conhecida pelo cliente/ouvinte na medida em que vai sendo ouvida. Hortência falou da ansiedade que sentiu a esse respeito: “Na história... eu me senti bem... um pouco ansiosa para saber o final... como é que acabava a história...” Entretanto, diferentemente do plantonista, o contador conhece o final e o apresenta para o ouvinte. Desta forma, sustenta-se em um fazer mais previsível e conhecido, neste aspecto, do que o Plantão.

Contudo, a história parece ter permitido às clientes compartilhar suas realidades experienciais. Pela história, seus percursos puderam deixar de ser únicos e solitários, podendo ser percebidos como parte da condição humana, a partir da troca simbólica proposta pela história. Por esta linguagem, o conto acordou lembranças esquecidas, ajudando Violeta a se organizar para falar no Plantão, a diminuir sua ansiedade, agitação e sensação de estar perdida no que estava vivendo, ao “ter que” falar no Plantão. Assim, referiu-se ao conforto que a história lhe proporcionou, sugerindo que o conto lhe propiciou conectar-se com a possibilidade de encontrar subsídios para a sua experiência pessoal, ajudando-a a ressituar-se em seu próprio mundo, redistribuindo e re-hierarquizando suas questões e necessidades. Violeta, desta forma, foi acompanhada pela história em seu percurso, o que permite pensar que foi retirada do isolamento e confusão em que se encontrava.

Desse modo, a história é acompanhante de percurso, pois convida o ouvinte a lançar-se no enredo narrado de forma descomprometida, em que a narração ouvida remete a uma atenção a si mesmo, nas próprias experiências e imagens, distintamente do cotidiano e do Plantão. Refere-se, como disse Hortência, a algo “sem compromisso”. Por assim ser, os contos se aproximam da fonte de sentido do existir, reconduzindo à cor e significado da experiência de estar vivo. Como diz Campbell (1990, p.5),

Dizem que tudo o que procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas [que são os mitos e contos tradicionais] nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos.

Eles tocam aspectos inconscientes com suas imagens arquetípicas, de forma que algo é mobilizado permitindo sentir, perceber, encantar, envolver. Nessa medida, o conto serviu como guia que conduziu cada um à sua morada, remetendo, a partir da narrativa, à dimensão daquilo que é novo, e ao mesmo tempo, porta de acesso ao já conhecido. Isto porque, ao ouvir o conto, a pessoa sai de si, permanecendo, completamente, em si. Sai de si na medida em que vive uma história diferente da sua; e permanece em si, pois vive uma história própria ou sua própria história, a partir dessa outra. As imagens que se formam, a ênfase em trechos, sua compreensão, identificações, ou não, são ações pessoais. O depoimento de Rosa explicita isto quando ela fala, por exemplo, de sua identificação com os personagens. Por ele, pode-se compreender a história pela dimensão cultural de uma sabedoria que vem sendo perpetuada através dos tempos, chegando a cada um a partir de sua própria lente, uma vez que não é da ordem da explicação, mas refere-se ao transmitido e narrado.

O cliente escuta e sente algo de sua própria história a partir de uma outra, possibilitando-lhe novas percepções, descristalizando o que, por ventura, havia se cristalizado. Neste sentido, o conto, ao mesmo tempo em que remete ao todo da existência humana, remete ao todo de cada vida

singular, suscitando algo que diz respeito à realidade individual. Oferece-se como guia, que pode ajudar no estabelecimento de posturas distintas em relação à vida. Na medida em que conduz o ouvinte a partir de um mundo em que impera a compreensão da realidade existencial humana, o mundo simbólico acompanha os homens por trajetos que lhe são conhecidos, porém estranhos. São aos estranhos familiares que as histórias vão introduzindo os homens, a partir do qual novas trocas podem acontecer. Desta forma, despertam para a possibilidade de novas configurações, flexibilizam. Ao apresentar este mundo como um desconhecido, as histórias oferecem um campo para que novas relações possam ser estabelecidas, no qual diferentes formas de funcionar e lidar com a realidade podem ser confrontadas. Desta forma, as histórias ajudam a pessoa a deparar-se com seus próprios estereótipos. Como diz Larsen (1991, p. 5),

Todos nós temos uma idéia intuitiva de como funcionam os estereótipos: um conjunto fixo de imagens e valores interiores não examinados toma o lugar de uma experiência constante e aberta da realidade.

Nesta perspectiva, a flexibilização pode ser vivida como relaxamento, como relatado por Violeta e Hortência, promovida pela audição da narrativa do conto. Tal relaxamento pode ser decorrente da flexibilização, dado o reconhecimento de estereótipos. Assim, além da apresentação de possibilidades de ser no mundo, ouvir narrativas ajuda a promover uma mudança de posição imaginária. Tal mudança desliga o ouvinte do que habitualmente preocupa e ocupa o existir, possibilitando uma circulação de energia que permite encontrar saídas escondidas entre outros caminhos possíveis.

A história, antes ou depois do Plantão Psicológico, pode ser pensada como algo que restabelece um fluxo de energia interrompido pelos condicionamentos cotidianos: pela forma como ocorre a relação de ensino/aprendizagem atualmente, pela forma como são estabelecidas as relações entre as pessoas, pelas cobranças e exigências das pessoas para consigo próprias. Um fluxo em que a imaginação é ativada e participa do

estado de vigília, como ocorre ao ouvir histórias, abre possibilidades de percepção, compreensão e relacionamento distintos com a realidade.

A partir da posição de ouvinte, que requer uma atitude passiva, o cliente é conduzido, por esta janela, para o seu mundo, uma vez que o conto, com sua linguagem metafórica, contém a história de todos e de cada um. Uma situação de conflito representada na história, utilizada nesta pesquisa, através da trama daqueles personagens, naquele contexto, tem a mesma densidade, tensão, dificuldade que situações vividas emocionalmente. Contudo, só ocorre se a contadora conseguir transmitir a lapidação que fez da história contada. Assim, a cicatrização das feridas, quando o filho mais novo chega na Montanha Ensolarada, pôde ser comparada a uma decisão difícil que, quando tomada, alivia a pessoa, liberando a energia para a vida que estava sendo consumida neste processo.

Neste sentido, há uma realidade para além do conteúdo da história contada. Diz respeito ao modo como é escrita e transmitida, conduzindo a significados próprios a partir do universo das comunicações por símbolos. Tal característica promoveu um envolvimento das clientes, como disseram Hortência, ansiosa para saber o final da história, e Rosa que, envolvida com a atitude do filho caçula, pôde perceber-se identificada com a história. Assim, como “modelos da história do mundo”, a narrativa pode contribuir com o homem moderno, ajudando-o a sair do isolamento, mobilizando-o a confiar em si e na vida. Neste sentido, os contos também fazem histórias, pela comunicação por símbolos.

No presente estudo, contudo, houve uma outra situação para além do Plantão e da história contada, através do qual foi possível tornar os eventos conhecidos: o depoimento. Sendo assim, foi possível conhecer e refletir algumas aproximações e especificidades entre histórias e Plantão, a partir das falas das clientes no depoimento, bem como, perceber o processo de elaboração da experiência vivida ocorrendo. Contribuiu para ressignificar o que fora vivido, de diferentes formas, dependendo das clientes e dos eventos pelos quais haviam passado.

Rosa, por exemplo, que somente ouviu a história, referiu-se a um alívio, decorrente da possibilidade de falar sobre a experiência vivida. Tal relato permitiu-lhe passar do reconhecimento de um envolvimento, sem forma, para uma apropriação diferenciada do vivido, que pôde ser compartilhada. Ela ouvira a história mobilizadamente, e falar sobre essa experiência possibilitou-lhe atribuir sentido aquilo que experimentara, discriminando seu próprio envolvimento na tentativa de significá-lo. Vale ressaltar que, como Rosa não passou pelo Plantão, o depoimento parece tê-la ajudado a aproximar-se da experiência vivida, acompanhando-a com o intuito de ajudá-la a nomeá-la e compreendê-la. Assim, Rosa disse ter-se aliviado por lhe ter sido oferecido este espaço.

Por sua vez, o que foi experienciado por Dália pode aproximar-se ao descrito por Rosa, embora Dália só tenha passado pela experiência de Plantão. O depoimento ajudou-a a elaborar aquilo que vivera, e a dar-se conta de que experienciara uma outra possibilidade de implicação com suas próprias questões. Por ter já chegado ao Plantão, mobilizada e preocupada, foi possível, a ela, rever algo de sua real demanda por ajuda. Desta forma, seu depoimento pôde revelar-se como caminho em curso de processo de elaboração de experiência para enfrentamento de questões pessoais. Perceber o que vivera e perceber-se a partir disto, que se deu no depoimento, em alguma medida, pôde ser uma forma de conhecer e dar a conhecer um processo em processo, podendo ser facilitador de outros processos de ajuda, além de ser uma forma de procedimento de investigação e pesquisa.

Nos outros casos, as clientes já haviam sido narradoras e ouvintes de histórias, por já terem passado tanto pelo Plantão quanto por ouvir o conto. Neste sentido, o depoimento pareceu ajudar na conscientização de diferentes efeitos oriundos dessas duas situações em seu processo de reconhecimento e elaboração de suas próprias questões.

Violeta aponta para essa função do depoimento, ao remeter-se às suas lembranças de infância, suscitadas pela história. Ao fazê-lo, parece referendar o sentido do depoimento como testemunho para elaboração de experiência por, através deste, poder expressar e reconhecer a amplitude de

sua experiência provocada por essa sua remissão ao passado. Assim, beneficia-se das reverberações produzidas pela história em seu processo de busca pessoal, ajudando-a no seu posicionamento na relação consigo e com o outro que a acolheu, ou seja, a falar mais do que imaginava quealaria, no Plantão. Desta forma, reconhece o movimento de seu processo de aproximar-se de suas próprias questões e reconhecer-se, ocorrido no Serviço, a partir do reconhecimento do que se passou consigo mesma ouvindo a história e falando no Plantão.

Hortência, por sua vez, refere-se a esse mesmo sentido do depoimento, ao dizer como, através dele foi possível perceber, a abrangência de sua experiência de narrar sua história no Plantão e ouvir o conto. A partir da conjunção destas três formas de acesso a si, viveu uma experiência intensa e desalojadora em Plantão, mas respaldada e contida em sua própria experiência quando mergulhou e envolveu-se com o conto, para ser recompreendida e ressignificada, em sua abrangência, pelo depoimento. Nesta associação, uma experiência se fez.

O depoimento, para Hortência, pareceu ter um sentido semelhante ao de Rosa, na medida em que a ajudou a contextualizar, no âmbito de sua vida, a experiência que tivera com a história. Contudo, sua experiência já estava sendo vivida de forma significativa, mesmo antes do depoimento, pois a história havia mobilizado a ressignificar, no caso de Hortência, o vivido em Plantão, enquanto no caso de Rosa, ajudou-a a perceber conexões com sua própria vida, embora ainda não sendo reconhecida. Neste sentido, parece que a história mobilizou, tanto Rosa quanto Hortência, porém foi somente sendo explorada no depoimento, que foi podendo ser estabelecido o elo de sentido que ligou tal experiência com a vida da cliente.

Sendo assim, os depoimentos ofereceram um espaço que foi aproveitado de diferentes formas pelos clientes, servindo para elaborar questões distintas. No caso de Rosa, serviu como espaço para elaborar a experiência vivida com a história, percebendo-a bem como a si mesma pela narrativa de seu depoimento. Para as outras clientes, por terem tido a oportunidade de falar sobre questões pessoais no Plantão, o depoimento serviu para ajudar a elaborar sua experiência no Serviço, via história e

Plantão, nos casos de Hortência e Violeta, ou só plantão, no caso de Dália. No primeiro caso, possibilitou-lhes perceber as características de experiência com os dois tipos de recursos oferecidos, bem como as características suscitadas a partir de cada um deles, compondo o conjunto de suas experiências. No segundo, ajudou a estabelecer um percurso de discriminação e nomeação da experiência vivida. Nessa perspectiva, o depoimento mostrou-se como um momento significativo de testemunho e reflexão sobre o vivido e um recurso rico para a exploração da experiência dos clientes, levando-se em consideração a questão norteadora da presente pesquisa.

No entanto, cabe assinalar uma ressalva. A narrativa de contos pode ser, por si só, um recurso “curador”, como nos revelou Cherazade em *As mil e uma noites*, assim como o plantão. Um atendimento psicológico poderia ter essas repercussões, bem como a história por si. Assim, não demandam, necessariamente, que o ouvinte assuma, em seguida, o papel de narrador para revelarem-se como significativos no sentido de ajudar a mobilizar os clientes em suas buscas. Entretanto, narrar a própria experiência, no depoimento, mostrou-se uma forma rica de acessá-la. Contribuiu para ressignificar o que fora vivido, de diferentes formas, dependendo da cliente e dos eventos pelos quais haviam passado. Assim, a conjunção desses três modos facilitou a abrangência de possibilidades de encaminhamento para fazer experiência e sua elaboração como processo em processo.

Tal compreensão permite refletir que o falar das associações ou reverberações tanto da história quanto do Plantão puderam ajudar o início do processo de elaboração da experiência de implicar-se em suas próprias vidas a partir do que não estava fluindo, já que a pesquisa diz respeito à experiência de clientes que procuram o Serviço, mobilizados por necessidades de ajuda. Talvez, dada essa situação, puderam reconhecer e distinguir as reverberações dos eventos em suas próprias histórias, iniciando um processo de elaboração da experiência.

Nessa perspectiva, o depoimento possibilitou iniciar a lapidação daquilo que fora experienciado, de forma a expressá-lo a alguém que pudesse compreendê-lo e testemunhá-lo, processo de aprendizagem

aproximado ao que ocorre tanto com o plantonista como com o contador de histórias. Processo esse que requisita uma outra forma de compromisso com o processo de existir.

Pelo encadeamento dessas reflexões, é possível pensar que Plantão e história podem ajudar, cada um à sua forma, na contextualização e flexibilização de questões do existir humano. Permitem ampliar o foco de compreensão de sua questão, ultrapassando dificuldades inebriantes, que cegam, e abrindo para outras possibilidades: o Plantão e o atendimento psicológico através da ampliação da história pessoal e a história a partir do trajeto exemplar. Assim, ambos podem ajudar a conectar o homem a outras possibilidades de compreensão de sua realidade, mudando o foco de percepção de suas questões, flexibilizando-o. Os dois eventos propostos, na minha compreensão, pretendem restabelecer o fluxo da vida, dando espaço ao que não estava sendo contido. Plantão contribui, a partir da conexão com problemáticas que são partes, para a reconexão e estabelecimento da fluência no coletivo e, a história, a partir do coletivo, permite essa sua presença, nas partes. Neste diálogo, há a conjunção do que é coletivo, através da narrativa dos contos (recurso impessoal e universal), que pode ser trabalhado na singularidade através do plantão, possibilitando a transformação e o crescimento.

Mostra-se interessante pensar nas histórias especificamente e nos recursos artísticos e culturais, de um modo geral, não como substitutos do atendimento psicológico ou com a ação semelhante, mas, podendo contribuir na facilitação e catalização de processos pessoais. Seja sendo apresentados antes do atendimento, podendo servir como mobilizadores de uma percepção de si mais refinada, seja depois, podendo servir como continente ressignificador e catalisador da vivência anterior.

Neste sentido, pôde se perceber a formação de uma nova dança, desta vez tecida por plantão, história e depoimento, na vida destes clientes no Serviço. Cada um, à sua forma, possibilita ao sujeito redimensionar a si mesmo no contexto de seu existir, implicando-o, a partir de perspectivas

distintas, para continuar seu processo de busca de sentido de experienciar e ser.

2. O AGRICULTOR E OS FRUTOS: EXPRESSÕES E EXPRESSAR-SE

*...a dimensão ética, engloba todas as considerações acerca das **metas de ação humana**, não se restringindo, portanto, à consideração da adequação de meios e fins, diferenciando-se, assim, do âmbito de competência do conhecimento **técnico**. (...) há sempre uma **reflexividade**, uma relação de si para consigo, um autocomprometimento do sujeito, implicados na conduta ética (Figueiredo, 1996, p. 42, grifos do autor).*

Procurando resgatar, para ressignificar e compreender, o sentido deste trabalho, utilizei-me de uma outra analogia, desta vez, com a música. Pensei nos instrumentos musicais e na sua função enquanto veículo que permite a expressão de sons. São, nessa perspectiva, humanizadores de arquétipos, na medida em que possibilitam que se toque músicas. A partir deles, pensei na função dos instrumentos que o psicólogo oferece a seus clientes, enquanto os dispositivos existentes que ajudam com que estes expressem os seus sons, na composição de suas próprias músicas. Harmonia, estrutura, melodia, ritmo, tonalidade são qualidades da música que se pode tocar/expressar. Qualidades análogas a estas podem ser percebidas na música que é o viver.

Neste sentido, penso no Plantão Psicológico bem como na narração de histórias, como instrumentos diferentes, capazes de produzir a expressão de tipos variados de sons, ou seja, mobilizar os homens a contactarem e expressarem aspectos distintos de sua condição humana. Como foi visto, puderam contribuir para ajudar os clientes a perceberem-se de formas diversas em relação a suas próprias questões.

Desta forma, há muito a ser explorado em termos de práticas para oferecer a clientes que buscam atenção psicológica. Instrumentos, recursos intermediários, que ensejando metas de ação humana, possam facilitar a expressão do homem e seu diálogo com suas questões. Pensar na criação de instrumentos novos, e nos existentes, que possam ser aproveitados e potencializados, é pensar na possibilidade de ajudar na flexibilização do

homem e, conseqüentemente, na sua possibilidade de assunção de uma postura mais reflexiva e responsável em suas relações.

Partindo da visão de que os diversos campos do conhecimento propõem diferentes formas de compreensão do ser humano e que cada um dá a conhecer algum aspecto da realidade existencial humana, ficou-me a questão: será possível compor uma orquestra com as diferentes “especialidades”? E aproximar diferentes campos com o intuito de promover ao homem fluidez de vida? A conjunção do campo psicológico com o artístico mostrou-se frutífera neste sentido, permitindo um dueto interessante. A partir desta perspectiva, vejo a interdisciplinariedade com todo o seu potencial, cujo maestro é o próprio homem em sua busca de uma existência significativa.

Na presente pesquisa, psicologia e arte interagiram a partir de cada depoente/pesquisadora/maestro que, regendo-os pôde reconhecer a amplitude da possibilidade de interação entre ambas. Em minha maestria, primeiramente reconheci seu potencial enquanto duo. Em seguida, produzi sons usando acordes não usuais no meu instrumento, a psicologia, inspirada pelo campo da arte, o que permitiu ressignificar minha compreensão a respeito de recursos expressivos.

Compreendo todo recurso como expressivo e útil para auxiliar na exploração e elaboração do que ainda não foi conhecido ou reconhecido – como serviram, por exemplo, os desenhos na presente pesquisa. Nesse sentido, recursos com grande potencial de auxiliar em compreensões e interações. Assim considerado, não dizem respeito a técnicas, mas se referem à possibilidade de conhecer, a partir da abertura para a dimensão simbólica da realidade e da existência.

A utilização deste tipo de facilitador configura-se como uma possibilidade de interação a partir da experiência, na medida em que demanda e facilita o reconhecimento de uma ação singular e plural, no contato com o mundo. No caso da pesquisadora, valer-se de recursos gráficos a ajudou a dispensar os modelos oferecidos pelas teorias facilitando a interação com o material dos depoentes. No caso dos clientes que ouviram histórias, estas agiram como intermediários entre o cliente e sua

realidade, mobilizando-os a reconhecerem-se a partir de suas experiências, uma vez que permitiram que o ouvinte imprimisse sua própria compreensão à realidade narrada. No caso do Plantão Psicológico, a partir da própria narrativa, os clientes puderam perceber-se enquanto sujeitos de sua própria experiência.

Tal possibilidade de conhecimento existiu, pois abarcou a experiência do conhecedor, senão, poderia se revelar como repetição e não aprendizagem. Desta forma, mostraram-se amplas como formas de facilitar a ocorrência da aprendizagem significativa.

Os contos / obras de arte, expressões culturais, são produzidos por artistas que, com uma *participation mystique*, traduzem algo do mundo e de si, que percebem e os afeta, através de variadas formas de comunicação: pintura, narrativa, escultura, dentre outras. São obras nas quais há um começo, meio e fim definidos, inclusive quando inacabadas. Algumas podem ser contempladas como produzidas e outras requerem ou podem ser intermediadas por outros artistas para serem apresentadas ao público. Em um espetáculo de dança, teatro, contação de história, há a intermediação do artista que age enquanto instrumento de transmissão da obra. Para tanto, dialoga, compreendendo-a e compreendendo-se a partir dela, para permitir que o espectador dela participe.

Admirando uma obra de arte ou um espetáculo, a participação do ouvinte é contemplativa e os efeitos da mesma, pessoais, a partir de algo que é impessoal e coletivo. Há o relacionamento do pessoal com o coletivo no momento em que algo que pertence ao acervo cultural permite o enriquecimento, compreensão ou, simplesmente, o compartilhar de um percurso pessoal a partir de um olhar singular, no contato com uma obra coletiva.

O contador, em contato com o universo simbólico da história, mergulha nele de forma a se deixar imprimir pelo seu pulsar e dinâmica afetiva. Para tanto, utiliza-se de recursos diversos de forma a estabelecer um diálogo com o material do conto para aprofundar sua compreensão do mesmo. Nesta aproximação, entrelaça-o com o seu ser. Dá a ele o colorido de sua própria experiência e imaginação em contato com as palavras e

cenar que este lhe oferece. A narração é fruto desta preparação. Contando o conto, narra uma história que é, ao mesmo tempo, exemplar e pessoal, pois impressa afetivamente. Neste sentido, o trabalho do contador é alcançar, a partir de si, o colorido afetivo proposto simbolicamente nas imagens e dinâmicas do conto e narrá-las.

Em meu trabalho com as entrevistas, parti desta concepção e procurei fazer o mesmo. Desta forma, fui intermediária entre a comunicação feita na entrevista e as narrei a partir de como elas me tocaram. Neste sentido, fui narradora de uma história tecida no contato com o material das entrevistas, cuja elaboração, utilizei do recurso dos desenhos.

No Plantão e nos depoimentos, o percurso é semelhante. O cliente conta uma história cujo colorido afetivo é transmitido simbolicamente, através da fala, gestos, jeito de estar no mundo, etc. Neste sentido, o psicólogo tem a mesma tarefa do contador de histórias diante do conto a ser trabalhado: ouvir e se deixar imprimir afetivamente pela comunicação do cliente, para que, lapidada, possa ser devolvida a ele, naquilo que ele não conhece. O psicólogo serve como intermediário entre o cliente e sua fala: dá a conhecer a alteridade na mesmidade aparente. A partir dos símbolos, procura compreender a comunicação que está sendo tecida, e a explicita: uma atitude de *atenção ao ser* ao invés de *ajuda* ao cliente.

É neste sentido que retorno novamente aos recursos expressivos como forma de trabalho que facilitem este caminho, de exploração para elaboração, deste compreender a obra e si mesmo.

Desenhos, trabalhos corporais, pinturas, elaboração de histórias, utilização de analogias, etc. podem servir como recursos na intermediação para compreensão de histórias e de si. Qualquer modo de expressão pode ser potencializado e aproveitado no contexto da clínica, se a expressão for compreendida em sua dimensão simbólica. Expressão como ação de dar-se a conhecer a si em meio a outros. Nessa medida, o atendimento psicológico pode ser compreendido como um recurso facilitador, tomando-se a fala como expressão simbólica.

Desta forma estes recursos podem ser usados para explorar a experiência do cliente, do terapeuta em contato com o cliente, do

pesquisador em contato com seu material de pesquisa, do narrador em contato com o conto tradicional, do professor em contato com os alunos, dos alunos em contato com o material a ser estudado.

No caso do terapeuta ou plantonista, por exemplo, expressar-se a partir do ser tocado pelo cliente, utilizando recursos que facilitem esta expressão: desenhar (algo que foi dito, uma emoção); imaginar; utilizar o corpo para expressar incompreensões, medos, fantasias; construir um conto a partir do que desperta o cliente; podem auxiliar na elaboração e integração do que está sendo dito e vivido. Isso pode ser realizado: com o cliente; pelo psicólogo solitariamente, ou em espaço de supervisão. Em todos os casos, entrelaçam-se cliente e terapeuta no momento em que o segundo se oferece como intermediário, com sua subjetividade, para a compreensão e narração da história do cliente. Trata-se de uma “fusão para dar nascimento”.

Neste sentido, é possível pensar formação, clínica e pesquisa psicológica como possibilidade de exploração de si mesmo com e a partir do outro. Através de recursos facilitadores de expressão e, conseqüentemente, de conhecimento a partir de si, o trabalho do psicólogo amplia os recursos disponíveis para a compreensão e interação com o outro, promovendo o resgate de uma atitude reflexiva. Implica os participantes a partir de onde estão, percebendo e valorizando seu potencial e criatividade, aguçando a curiosidade pelo que ainda não é, mas pode *vir a ser*.

Formas que auxiliem os homens a despojarem-se de conceitos importados de teorias e, neste sentido do “como se faz” sem significado, mergulhando no desconhecido das formas ainda não utilizadas, para que novas possam emergir. Propiciar a pesquisa de formas de exploração para elaboração é uma possibilidade de propiciar conhecimento, crescimento e formação, contribuindo, desta forma, como o homem moderno.

Neste sentido, as reflexões encaminhadas são abertura de possibilidades para a clínica e para a prática do psicólogo, bem como de sua possibilidade de contribuição nos dias atuais. Permite ultrapassar formas e modelos conhecidos, respaldados no significado e sentido de sua ação: a ética do cuidado e do cuidar de ser.

Sinto que encaminhei, com este trabalho, alguns questionamentos e desejos mobilizadores. Entretanto, percebo que há ainda muito por conhecer...

Até onde o quadro de pano se desenrolará e modificará a paisagem?
Como diz Arendt (2000), no tocante à ação, seu fim é imprevisível.

... e o agricultor lança o seu cultivo no mundo, fomentado pela arte de cultivar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C.D. – *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- ARENDT, H. (1958) – *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- ARENDT, H. (1954) – *Entre o Passado e o Futuro* – São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.
- AUFRANC, A.L.B. – “O inconsciente em Jung”. In: Felícia Knobloch (org.) – *O inconsciente Várias Leituras*. São Paulo: Escuta, 1991.
- BENJAMIN, W. [1933] “Experiência e pobreza”. In: *Obras Escolhidas*. Vol.1. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. [1936] “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Obras Escolhidas*. Vol.1. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. [1940] “Sobre o conceito de história”. In: *Obras Escolhidas*. Vol.1. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- BOM MEIHY, J.C.S. – *Manual de História Oral*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- BONAVENTURE, J. – “O quadro de pano”. In: *O que conta o conto?* – São Paulo: Paulus, 1992.
- BYINGTON, C.A.B. – *Estrutura da Personalidade: Persona e Sombra* – São Paulo: Editora Ática, 1988.
- BYINGTON, C.A.B. – “O Desenvolvimento Simbólico da Personalidade”. *Junguiana*, 1983a, 1, 8-63.
- BYINGTON, C.A.B. – *Pedagogia Simbólica: a construção amorosa do conhecimento de ser*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.
- CAMPBELL, J. – *O Poder do Mito* – São Paulo: Palas Athena, 1990. (1ª edição 1988).
- CAMPOS, A. (1928) – “Tabacaria”. In: *O Eu Profundo e os Outros Eus* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

- CHALLITA, M. (sel. e trad.) – *As Mil e uma Noites* – Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, Erregê Editora e Gráfica Ltda.
- CRITELLI, D. M. – *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC : Brasiliense, 1996.
- EISENLOHR, M.G.V. – “Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP: breve histórico de sua criação e mudanças ocorridas na década de 90. In: Henriette, T. P. M. (coord.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.
- ENDE, M. – *A História sem Fim*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- EDINGER, E.F. – *Ego e Arquétipo*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.
- ESTÉS, C. P. – *Mulheres que Correm com os Lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERREIRA, A.B.H. – *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa* – Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- FIGUEIREDO, L.C.M. – *Revisitando as Psicologias: da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2ª. edição, 1996.
- FIGUEIREDO, L.C.M. – *Escutar, Recordar, Dizer: Encontros Heideggerianos com a Clínica Psicanalítica* - São Paulo: Educ/Escuta, 1994.
- FREITAS, L. V. – “A Psicoterapia como um Rito de Iniciação: Estudo sobre o Campo Simbólico através de Sonhos Relatados no Self Terapêutico”. Dissertação de Mestrado – USP, Psicologia, 1987.
- GENDLIN, E.T. - “Phenomenology and Psychology”. In: *Phenomenology and the Social Sciences*, Edited by Natanson, M. Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1973.
- HOLLANDA, C. B. de - *Chico Buarque, Letra e Música I*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JUNG, C.G. - “Chegando ao inconsciente” In: Jung, C.G. (org.) - *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

- JUNG, C.G. – “Presente e Futuro”. In: *Obras Completas* vol. X/1. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JUNG, C.G. – *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- JUNG, C.G. – “Psicologia e Poesia”. In: *Obras Completas*. Vol. XV. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987 (a).
- JUNG, C.G. – “Relação da Psicologia Analítica com a Obra de Arte Poética”. In: *Obras Completas*. Vol. XV. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987 (b).
- KRIPPNER, S. – “Prefácio”. In: LARSEN, S. – *Imaginação mítica: a busca de significado através da mitologia pessoal*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- LARSEN, S. – *Imaginação mítica: a busca de significado através da mitologia pessoal*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- LEME, M.E. – “O Corpo-Sentido no Processo Educativo: uma abordagem Fenomenológica” – Dissertação de mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1998.
- LOPARIC, Z. – “Prefácio”. In: Figueiredo, L.C.M. – *Escutar, Recordar, Dizer: Encontros Heideggerianos com a Clínica Psicanalítica* - São Paulo: Educ/Escuta, 1994.
- MACHADO, R. – “Arte educação e o conto de tradição oral: elementos para uma pedagogia do imaginário”. Tese de doutorado – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.
- MAHFOUD, M. (Org.) – *Plantão Psicológico: Novos Horizontes* – São Paulo, Companhia Editora Ilimitada, 1999.
- MORATO, H.T.P. – “Abertura de uma sinfonia para trinta e duas cordas e sessenta e quatro mãos ou...Criação e paixão de ser e pertencer” In: Morato, H.T.P. (coord.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.
- MORATO, H.T.P. – “Aconselhamento Psicológico: uma passagem para a transdisciplinariedade”. In: Morato, H.T.P. (org.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.

- MORATO, H.T.P. – “Eu-Supervisão’: em Cena uma Ação Buscando Significado Sentido”. Tese de doutorado – USP, Psicologia, 1989.
- MORATO, H.T.P. – “Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP: Aprendizagem Significativa em Ação”. In: Morato, H.T.P. (org.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.
- MORATO, H.T.P. (org.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.
- MORATO, H.T.P. E SCHMIDT, M.L.S.– “Aprendizagem Significativa e Experiência: Um grupo de encontro em instituição acadêmica”. In: Morato, H.T.P. (org.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.
- PESSOA, F. – *Poesias*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1999.
- QUEIROZ, M. I. P. de. – “Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’ “. In: Von Simson, Olga de Moraes (org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo; Vértice/Ed.Revista dos Tribunais, 1988.
- ROCHA, Z.- *Os destinos da Angústia na Psicanálise Freudiana*. São Paulo: Ed. Escuta, 2000.
- ROGERS, C.- *Sobre o Poder Pessoal*. Trad. Wilma M.A. Penteado, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1978.
- ROSA, G. – *Tutaméia: Terceiras Histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ROSA, G. – *Primeiras Histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- ROSENBERG, R.L. - “Biografia de um Serviço”. In: Rosenberg, R.L. (org.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa* – São Paulo: EPU, 1987.
- ROSENBERG, R.L. (org.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa* – São Paulo: EPU, 1987.
- SCHMIDT, M.L.S. – “Da Vivência do Isolamento à Experiência Compartilhada”. *Boletim – Arte, Cultura e Lazer nos Hospitais*, v. 1, n.2, Outubro, 1990, p. 5-7.

- SCHMIDT, M.L.S. – “A Experiência de Psicólogas na Comunicação de Massa”. Tese de doutorado – USP, Psicologia, 1990.
- SCHMIDT, M.L.S. – “Aconselhamento Psicológico e Instituição: algumas considerações sobre o Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP”. In: Morato, H. T. P.(coord.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa Novos Desafios*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 1999.
- SCHMIDT, M.L.S. – “Aconselhamento Psicológico: questões introdutórias”. In: Rosenberg, R.L. (org.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa* – São Paulo: EPU, 1987.
- SCHMIDT, M.L.S. – “Abertura”. In: Rosenberg, R.L. (org.) – *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa* – São Paulo: EPU, 1987.
- SÉRRES, M. – *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- SILVEIRA, N. da – *Jung Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- SOUZA, E. M. – Apresentação “O Brilho no Escuro”. In: Lispector, C. – *A Cidade Sitiada* - Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- TOLKIEN, J.R.R. – *The Tolkien Reader*. New York: Ballantine Books, 1978.
- VON FRANZ, M. L. - *A Individuação nos Contos de Fada*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985 (a).
- VON FRANZ, M. L. - *A Sombra e o Mal nos Contos de Fada*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985 (b).
- VON FRANZ, M. L. - *A Interpretação dos Contos de Fada*. São Paulo: Ed. Paulus, 1990.
- WHITMONT, E. C. – *A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica* - São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.(10^a edição).
-